

AS MENSAGENS DE GLASTONBURY



Frederick Bligh Bond

Tradução: Amadeu António

ALGUMAS NOTAS SOBRE O MANUSCRITO E A SUA PUBLICAÇÃO

“Porque me prendo ao que já não existe? Sou eu, e não sou eu, mas uma parte de mim que habita no passado, e está ligada àquilo que a minha alma carnal amou e chamou de ‘lar’ durante todos estes anos. No entanto, eu, Johannes, sou feito de muitas partes, e a melhor parte faz outras coisas — Laus, laus Deo! — apenas aquela parte que se lembra se agarra, como a memória, ao que ainda vê.”

A decisão de publicar estes escritos foi tomada após uma ponderação cuidadosa de todas as razões a favor e contra, e a sua publicação neste momento foi largamente influenciada pela sensação de que o interesse público por estes assuntos tinha amadurecido muito desde a guerra, e que os frutos da experiência do autor não deveriam ser retidos, pois poderiam servir para orientar esse interesse num novo e talvez proveitoso sentido.

O manuscrito produzido durante o período relativamente longo (desde o final de 1907 até 1909, e novamente em 1912 e mais recentemente) foi obtido sob condições variadas, e era de qualidade muito diversa. Uma grande parte dizia respeito a Glastonbury e a assuntos e história monásticos, e apenas uma parte desta poderia reivindicar possuir algum tipo de valor evidencial. Parte do conteúdo era de interesse apenas privado, e seria inútil para publicação. Por vezes, a tentativa de comunicação falhou. Em alguns casos, notaram-se algumas inverdades bastante óbvias. O erro mais grave destes foi nas medidas dadas inicialmente para a Capela de Edgar, “Et Capella extensit 30 virgas ad orientem et viginti virgas in latitudine(m).”

Uma “virga” é uma jarda. O manuscrito era muito obscuro, e pediu-se novamente a medida, resultando então em “quinquaginta virgas” escrito. Uma terceira vez procurou-se a confirmação, e desta vez repetiu-se o “30 virgas”. “Quinquaginta” (50) era obviamente um erro, mas a repetição das 30 virgas, embora indicasse um comprimento muito superior a qualquer coisa que alguma vez considerámos possível para esta capela, tornou difícil descartar a medida sem mais atenção.

O “viginti virgas” dado uma vez para a largura pareceu completamente descabido. E, como se provou posteriormente, não existia então qualquer medida que se aproximasse de 20 jardas para a largura máxima da capela. Parecia absurdo, e foi logo descartado, juntamente com o inconsistente e excessivo “quinquaginta virgas” de comprimento. Isto aconteceu no final da primeira sessão, que já tinha sido longa. A escrita tornava-se menos clara; a força estava a esgotar-se e os participantes começavam a sentir-se cansados.

Assim, não se fez nenhuma tentativa adicional naquela altura para esclarecer as medidas, mas decidiu-se tentar novamente noutra ocasião.

Houve um período de muito frio no início do inverno de 1907-8, e as tentativas durante este período foram, na sua maioria, falhadas. No dia 13 de Dezembro, a sessão foi abandonada por esse motivo. Outra, no dia 21, não produziu nada de satisfatório.

Nota: Mais tarde, as escavações revelaram uma pequena capela lateral adjacente ao lado sul, como na Catedral de Gloucester (Capela da Senhora). Isto aumenta a largura para 48 ou 49 pés. Se uma capela semelhante fosse acrescentada ao lado norte (seguindo novamente Gloucester), a largura máxima poderia rondar os 60 pés (“viginti virgas”). Mas nada se sabe sobre isto. O plano manuscrito do Coronel Long, encontrado em 1910, indica uma largura de 49 pés.

Novamente, a 3 de Janeiro de 1908, quando o frio estava no auge, apenas se conseguiram obter algumas palavras apertadas e incertas, entre as quais se registou:

“Frigidus sum... memoria oportet nullum... nescio quid aut quo (1) fecimus scriptum...”

1 Por “quomodo.”

Outra e muito mais importante causa de fracasso deve agora ser notada. No início de 1908, certas circunstâncias algo preocupantes e difíceis estavam a afetar um dos participantes. Isto produziu uma preocupação mental pouco favorável à produção de escrita automática; e parece ser uma regra bem estabelecida que as mentes dos participantes devem estar calmas e o seu estado de espírito tranquilo para se obterem os melhores resultados. No dia 30 de Janeiro de 1908, tentou-se novamente obter escrita, mas sem qualquer sucesso devido a esta razão, e tudo o que valeu a pena registar foram algumas palavras, terminando com: “Evita o ego. Algo impede os tons. Examinai-vos cuidadosamente.”

Só no dia 19 de Fevereiro se obtiveram resultados verdadeiramente satisfatórios, e nesta sessão foi respondido ao desejo não expresso dos participantes, com uma descrição detalhada da Capela de Edgar, incluindo a medida exterior da largura — nomeadamente, 34 pés. Mas só na Sessão XXXII, em 16 de Junho, chegou a confirmação final. Isto foi em resposta a uma pergunta, tendo sido dito o seguinte:

“A largura que encontrareis é de vinte e sete, e no exterior: trinta e quatro, assim nos lembramos. — BEERE ABBAS.”

Na data desta sessão, a parede oeste da capela já tinha sido localizada, mas o comprimento ainda não tinha sido determinado, de modo que nada havia para guiar a opinião sobre isto além do que se podia inferir da posição da pequena secção aberta, que mostrava provavelmente cerca de 20 pés livres das fundações, se colocada centralmente com o coro. Então, em resposta a uma

nova pergunta, Qual era o comprimento interno livre da capela?, veio a resposta,

“Assinalámos setenta e dois, mas eles construíram mais longo.”

E a veracidade destes números foi demonstrada por conhecimento posterior. (Ver Tabela, p. 76.)

Mas voltando ao tema dos erros. Na Sessão XXXVI, em 19 de Setembro de 1908, foi relatada a história de um conde saxão, Eawulf, ou Eanwulf, que foi morto por um tal Radulphus, cavaleiro normando do tempo de Turstin, o primeiro abade normando. A história é bastante boa e contém o que parece ser matéria verdadeira, mas é prejudicada por uma peculiaridade. A meio do manuscrito, é notado um erro estranho.

O nome de Turstin é substituído por Radulphus, e o manuscrito diz: “Eawulf e Turstinus lutaram, e o normando matou o saxão.” Ora, tal erro é aborrecido, pois prejudica a clareza da história. Contudo, de outra forma, é interessante, pela luz que lança sobre a ação mecânica do cérebro como provável fonte de erro na escrita ou fala automática.

É um facto bem conhecido por aqueles que são chamados a falar em público, ou que se dedicam ao trabalho literário, que, a menos que a atenção esteja fixa e concentrada no assunto em questão, o cérebro atua mecanicamente, provocando a repetição de qualquer palavra recentemente impressa no tímpano mental, e tal palavra pode facilmente ser substituída por outra. Quando há fadiga, isto pode acontecer com muita facilidade. No caso da escrita automática, a mente está relaxada e provavelmente há uma predisposição para este tipo de erros.

O exemplo dado parece comprová-lo. De facto, é até surpreendente que tais enganos não sejam mais frequentes nos textos que obtivemos. Pelo contrário, foi observado frequentemente outro fenómeno associado a esta prática: no início de uma sessão, o fio de uma comunicação anterior, interrompido pelo fim de uma sessão prévia, seria retomado quase como se nenhum intervalo de tempo tivesse decorrido.

Tinha-se planeado, nesta obra, que apenas o conteúdo verídico relativo à Capela de Edgar fosse publicado; mas o âmbito foi alargado com a inclusão de Johannes, cuja personalidade pareceu cativante. Mais tarde, decidiu-se também dar a conhecer a notável reminiscência da Capela “Loretto”, antecipando conhecimentos futuros.

Contudo, os leitores compreenderão que não seria possível reproduzir integralmente todo o manuscrito na posse do autor. Ao mesmo tempo, pode-se afirmar claramente que, no que ficou reservado, não há nada que contradiga ou negue o valor do que é aqui apresentado, e o facto de o autor ter conseguido,

com sucesso, seguir as indicações fornecidas, pode ser considerado uma prova suficiente disso.

Não parece ser necessária qualquer desculpa pela qualidade do “latim” presente no manuscrito, que é, na verdade, o que se poderia imaginar como sendo o jargão coloquial de membros iletrados da comunidade, cujo conhecimento da língua se restringiria sobretudo aos livros de serviço, ou ao que deles entendiam.

O autor regista aqui a sua gratidão ao amigo J.A., não só pelo interesse cordial e cooperação sem os quais esta nova linha de investigação não poderia ter sido empreendida, nem esta obra teria visto a luz do dia; mas também pelos versos que escreveu sobre o tema da Lâmina III e do Envio final.

Os seus agradecimentos vão também para Miss A. M. Buckton, pelo seu soneto (Lâmina I) e por muitas sugestões valiosas; ao Sr. T. H. Felton pela permissão para usar material do manuscrito Cannon; ao Conselho da Sociedade Arqueológica de Somerset pelo empréstimo de vários clichés (incluindo a Lâmina II); e ao Sr. Edward Everard pelo empréstimo das gravuras de Coney e Stukeley; também ao Sr. Everard Feilding pelo seu constante interesse no trabalho e pelas muitas sugestões úteis.

NARRATIVA DOS MANUSCRITOS

Foi no dia 7 de Novembro que F.B.B. e J.A. realizaram a sua primeira sessão com o objetivo de aprofundar a investigação sobre Glastonbury. Teve lugar às 16h30 no escritório de F.B.B. J.A. segurava um lápis, F.B.B. fornecia papel de formato grande, que segurava com a mão esquerda, enquanto colocava a direita levemente sobre as costas da mão de J.A., de modo a que os seus dedos repousassem uniformemente sobre a superfície.

F.B.B. começou por colocar a pergunta, como se a dirigisse a outra pessoa:

“Pode dizer-nos alguma coisa sobre Glastonbury?”

Os dedos de J.A. começaram a mover-se, e uma ou duas linhas de escrita pequena e irregular foram traçadas no papel. Ele não via o que estava a ser escrito, nem F.B.B. o decifrou até estar completo. O método acordado era manter-se passivo, evitar concentrar a mente no assunto da escrita e conversar de forma casual sobre outros temas indiferentes, o que foi feito. A escrita revelou-se uma espécie de ditame resumido, ou seja:

“Todo o conhecimento é eterno e está disponível à simpatia mental.”

Seguiu-se então:

“Não tinha simpatia pelos monges — ainda não consigo encontrar um monge.”
F.B.B. sugeriu que algum dos monges vivos amigos deles poderia ser um elo

de simpatia, e a escrita continuou. Após um breve intervalo, a mão de J.A. moveu-se e começou a traçar uma linha, acabando por fazer um desenho que, à primeira vista, parecia uma cruz deitada, mas que, ao ser examinado, revelou um esboço bastante correto das principais características da Igreja Abacial, desenhadas por uma linha contínua, mas a leste havia um prolongamento retangular, quase tão comprido quanto o coro, desenhado a duplo traço, como para o salientar. No centro do plano estavam escritas as palavras —

“Gulielmus Monachus.”

Em seguida, surgiu o que parecia ser um plano elaborado do grande recinto da Igreja Abacial, com um esboço de uma torre central, com topo quadrado e pináculos, uma fachada ocidental ou frontão com duas torres pontiagudas e uma grande janela arqueada ao centro.

No meio do recinto envolvente foi traçada uma linha, e num ponto algo semelhante a uma torre ornamental com duas linhas curvas divergentes abaixo, e as palavras, “u linea bifurcata” foram escritas. Depois foi desenhado algo semelhante a um edifício com frontão, do qual partia uma linha para duas filas de arcos, talvez representando um claustro, e daí outra linha reta para um desenho reconhecido como sendo a Capela de Santa Maria, aproximando-se pelo sul. O plano da capela mostrava uma grande projeção quadrada (? torre) a sul, e duas portas no lado norte.

Nota: O antigo “Livro de Melchin” (agora perdido), citado por João de Glaston, diz de José de Arimateia: “Entre eles José de Marmore, chamado de Arimateia, recebe o sono perpétuo; e jaz em linea bifurcata perto do canto sul do Oratório construído de vergas.” “Linea”, segundo Ducange, significa “uma roupa interior”, e “bifurcata” designaria uma com aberturas laterais, como uma túnica ou dalmática. Mas o nosso manuscrito parece antes sugerir “uma bifurcação de caminhos” como o local onde José repousa.

Pergunta (de F.B.B.): “O que representa este desenho?”

Resposta: “Guest Hall... St. Maria Capella... Rolf monachus.”

O primeiro desenho foi então analisado, e tanto F.B.B. como J.A. manifestaram dúvidas quanto à possibilidade de uma capela tão grande a leste da igreja. Decidiram tentar novamente.

F.B.B.: “Por favor, faça um desenho mais cuidadoso da capela que esboçou há pouco na extremidade leste da grande igreja.”

Em resposta, foi feito um novo esboço da capela retangular (ver Fig. 5), com uma tentativa de indicar a posição de duas capelas mais pequenas a norte. Novamente a linha foi desenhada a duplo traço, e por baixo escreveu-se o seguinte, em caracteres apertados e de difícil leitura:

"Capela de São Edgar. O abade Beere fez esta capela do Beato Edgar... mártir, e aqui edificou ou fez a abóbada... fez uma abóbada de pedra que se chama quadripartida, mas o abade Whitting... destruiu... e restaurou-a com uma nova... multipartida... não sabemos como se chama.

'Portus' (1) de entrada atrás do reredos, atrás do altar, cinco

1 Sobre o uso medieval da forma masculina "portus" em vez de "porta", ver Lobinell, Hist. Brit., ii. 872. "Ante suum introitum fecit idem novus dux primum iuramentum in introitu variae portus illius urbis vocati vulgariter Portus de Morzellos." Também no antigo inglês (Psalter Anglo-Saxónico) "on portum", "in porta".

passos e a capela estende-se por 30 virgas para oriente e (? vinte) (1) de largura com janelas(?)... (?)."

Pergunta de F.B.B.: "Por favor, repita; não conseguimos ler isto."

(Repetido.) "Quinquaginta virgas e janelas com travessas."

1 Uma medida duvidosa (ver pp. 27 e 63). A escrita estava muito fraca e insatisfatória, como se a força estivesse a esgotar-se. "Quinquaginta" é um verdadeiro disparate, e além disso, é inconsistente com a medida já dada. A escrita estava cada vez mais fraca e a dificuldade aumentava, e parecia que a sessão provavelmente se prolongara demais, até à exaustão física dos participantes.

Pergunta: F.B.B.: "Por favor, indique novamente o comprimento."

Resposta: "30 virgas... e janelas (com) pedra horizontal chamada travessa e vidro azul; e fez o altar ornamentado com ouro e prata e... e construiu um túmulo glorioso diante do altar em memória de São Edgar..."

Pergunta de F.B.B.: "Que abade fez isto?"

Resposta: "Ricardo Whitting... Eu, Johannes Bryant, monge e pedreiro."

Isto concluiu a sessão.

SESSÃO II, 11 de Novembro de 1907, 13h

"As influências materiais estavam em falta na última vez... Acho que influências ativas estavam a sobrepor-se à minha vontade. Esses monges estavam ansiosos por comunicar... Querem que saibam sobre a abadia. Dizem que os tempos estão agora maduros para o regresso da glória e a maldição está a desaparecer. Não sei destas coisas. Têm tentado influenciar-vos há muito tempo, e têm (tentado?) reproduzir coisas nas vossas mentes"

Aqui a influência muda.

“Benedicite. Ide a Glaston em breve. Glória antiga será restaurada. Louvado seja Deus pelos séculos dos séculos. As nuvens dissiparam-se... a memória das coisas permanece e retorna... A Igreja católica estendeu e compreendeu os lados (sic,? ocultos) verdadeiros e coisas ocultas aos sábios. JOHANNES.”

SESSÃO III, 13 de Novembro de 1907

A escrita começou sem qualquer direção por parte dos participantes.

“Acho que estou errado em algumas coisas. Outras influências cruzam-se com a minha... Esses monges estão a tentar fazer-se sentir por ambos. Porque querem falar latim?... Porque não podem falar inglês?... Benedicite. Johannes... É difícil falar em latim (repetido, pois estava ilegível). Parece tão difícil falar na língua latina.”

“Os nomes das coisas construídas são muito difíceis em latim — ‘transome’, ‘fanne tracery’ e semelhantes. Meu filho, não podes entender-me. Queríamos falar na língua inglesa. Dissemos que a abóbada era multipartida, era estilo antigo de leque na extremidade leste do coro e a nova abóbada na capela de Edgar... Glosterfannes (repetido). Fannes... (novamente) chamados ‘fanne’... Johannes lap... pedreiro.”

Pergunta: “O que significa ‘lap mason’?”

Resposta: “Lapidator... pedreiro de pedra...”

Tendo agora esta assinatura “Johannes” novamente repetida, F.B.B. sentiu curiosidade em saber até que ponto essa dramatização ou memória de uma personalidade poderia ser desenvolvida.

Pergunta de F.B.B.: “Fale-nos mais sobre si.”

Resposta: “Eu... morri em 1533.” (Repetido porque estava quase ilegível.) “Em 1533 obitus... curador da capela e trabalhador na minha igreja por amor à igreja de Deus... escultor e supervisor... em Henrique sete (1)... no ano de 1497 e falecido em 1533.”

NOTA SOBRE AS TRÊS PRIMEIRAS SESSÕES

Observa-se nestas comunicações um tom individual, como de uma influência dirigente, que inicialmente se manifesta sem elos intermediários, mas quase imediatamente cede lugar aos elementos monásticos que se apresentam como “Gulielmus Monachus”, “Rolf Monachus” e “Johannes Bryant”. Parece haver algo semelhante a um conflito de intenções, uma tensão que se reflecte na condição física dos participantes e que parece justificar o rápido esgotamento

da força para o final da primeira sessão, com a consequente falta de clareza e coerência dos resultados.

1 Ou seja, no reinado de Henrique VII.

Na segunda sessão, a entidade diretiva fala dos monges como “influências ativas” — uma expressão a notar. E é explicado que “as influências materiais estavam em falta”. Depois, na terceira sessão, surge: “Acho que estou errado em algumas coisas. Outras influências cruzam-se com a minha.”

Parece muito com um homem a tentar fazer uma chamada interurbana por telefone, que se sente frustrado porque a central local insiste em desligá-lo nos momentos críticos, ou então porque os fios estão avariados e mal isolados, de modo que fragmentos de outras conversas são intercalados.

Quando passamos a considerar as comunicações monásticas, sob o nome de Johannes, deparamo-nos imediatamente com a questão: “Isto é uma experiência real transmitida por uma personalidade verdadeira, ou estamos em contacto com um campo de memória mais amplo, um registo cósmico latente, mas vivo (o ‘conhecimento eterno’ da primeira escrita que registámos), e capaz de se expressar em termos humanos relacionados com o assunto em questão, com a ajuda de algo fornecido pela cultura das nossas próprias mentes, e através de um certo poder de simpatia mental que permite que tais registos sejam pressentidos e articulados?”

Quanto a isto, é demasiado cedo para dogmatizar, mas em qualquer dos casos, deve deixar-se espaço para a presença de um Poder Diretivo acessível ao homem, capaz de estimular e energizar a consciência adormecida e de a encaminhar para os canais que o homem desenvolveu para a sua receção e expressão.

SESSÃO IV, 19 de Novembro de 1907

O resultado foi interessante, mas não continha nada de importante no que diz respeito à Abadia.

SESSÃO V, 22 de Novembro de 1907

Foi produzido um novo plano do conjunto dos edifícios da Abadia, assinado “Johannes”. Seguiu-se um breve texto como o que aqui se apresenta: “Quando escavarem, procurem os pilares da cripta, seis pés abaixo da relva — dar-vos-ão uma pista. A orientação das paredes... para oriente (esta palavra poderia tão facilmente ser ‘para ocidente’, ou mesmo ‘para fora’, e estava tão mal escrita que nada se podia concluir dela)... era em ângulo... varas de pano vinte e sete de comprimento, dezanove de largura.”

Teria sido igualmente fácil ler a última como “treze”. O original do plano a lápis foi preservado, mas não o texto, pois na altura não se lhe atribuiu valor, mas a menção às “paredes em ângulo”, referindo-se, ao que parece, a uma parte da capela cujas dimensões aparecem no contexto, é um ponto interessante. A referência à cripta pareceu ser simplesmente um reflexo mental dos participantes — reflexo do seu estudo do plano de Wild. Contudo, volta a ser mencionada em escritos posteriores.

SESSÃO VI, 26 de Novembro de 1907

Pergunta de F.B.B.: “Talvez Johannes nos possa dizer algo mais?”

Resposta: “Johannes Bryant esforça-se pela glória de Glaston. Há muito sob a relva, profundamente enterrado e intacto. O lado leste de Santa Maria tem uma abóbada sob as escadas e sob a nave há abóbadas (1) — os destruidores tinham medo, e a ruína das paredes escondeu a entrada. Sob a torre, a abóbada está perfeita, e muitos nomes dos ali sepultados, muito fundo.”

Pergunta: “Onde devemos começar a escavar?”

Resposta: “Na extremidade leste. Procurem os pilares e as paredes em ângulo. As fundações são profundas.”

SESSÃO IX, 30 de Dezembro de 1907

O início da escrita é completamente ilegível.

“...o fim do tempo aproxima-se. O ano traz grandes acontecimentos e Glastonbury ocupará muito da vossa atenção...
JOHANNES, MONACHUS.”

“Esperai, e o caminho abrir-se-á na primavera. Aprendereis à medida que avançardes. Temos muito para fazer esta época...”

“...A capela de Nossa Senhora de Glaston — símbolo de realidades espirituais que vos não são manifestas. Não deveis temer as mudanças. As reconstruções serão mais perfeitas. Deixai o Estado ruir e os trajes exteriores da Fé perecerem — não temais!

...Pois coisas maiores nascerão — grandes nações e grandes ideais. Trabalhamos para isso. Sede disponíveis e não luteis contra a maré. Ficai no topo e prosperai. Tudo concorrerá para o melhor... A centelha sobreviverá às chuvas e reacenderá fogos extintos, fogo que é ainda fogo, mas com chama mais pura. Não podemos apressar o tempo, mas é certo e não está atrasado. Estais entre duas influências. Terra e espírito não se misturam. Perder o apego terrestre deixa-vos sem apoio terreno.

Agarrai-vos às tarefas terrenas. Trabalhai como homens pelo sustento dos homens. Mantende os ouvidos abertos à ajuda espiritual e aos sussurros. Assimilai e combinai ambas as forças. Ficai na praça do mercado e anunciai as vossas mercadorias, mas ouvi a voz suave no silêncio do vosso quarto. Trabalhai ao sol. Escutai à luz das estrelas...”

1 É muito improvável que alguma ainda subsista hoje. O século XVIII provavelmente viu desaparecer as últimas, mas isso pode não estar no âmbito de conhecimento que aqui tocamos.

Tanto F.B.B. como J.A. mostraram bastante surpresa com o teor da primeira parte desta comunicação, já que qualquer ideia de revolução iminente na Igreja ou no Estado estava completamente afastada das suas mentes e não tinha sido de modo algum tema de conversa. A passagem foi uma intrusão e um enigma.

Mas não lhe atribuíram especial importância; antes a consideraram como uma curiosidade para a qual faltava explicação psicológica. Mais tarde, ocorreram outras intrusões do género, apontando cada vez com mais clareza para a natureza do que se lhes pedia para antecipar, mas essas pertencem a outra história e não têm ligação com a descoberta da Capela de Edgar.

Por conseguinte, o registo de muitas sessões será omitido, e passamos para a décima nona, realizada a 19 de Fevereiro de 1908, após uma visita à Abadia. F.B.B. ainda não tinha recebido o seu cargo, mas preparava-se com afinco e, naquele momento, ocupava-se em estudar o provável aspeto dos acessos à capela central do retro-coro, e tinha-se discutido o trabalho da época de Bere.

N.B. — Todas as sessões de 1907 realizaram-se em Bristol. A próxima a ser registada (Sessão XIX) teve lugar em Glastonbury.

SESSÃO XIX, 19 de Fevereiro de 1908, em Glastonbury

“O arco é plano — três ells de lado a lado — dez pés de altura — tudo em painéis. Todo o meio da extremidade leste era em painéis e a grande capela era (1)...

... já vos dissemos há muito tempo — painéis por toda a parte... paredes finas e fundações pobres na obra nova.

Duas capelas a norte e sul e entre elas um grande espaço com uma porta alta ao centro, de quatro centros, toda revestida de painéis sob a tracery de leque sobre o lintel. E havia dois altares de cada lado e muita madeira talhada, muito escura, que foi retirada para os painéis.

E os buracos nas paredes foram cobertos com painéis de modo a não ficarem visíveis, e tudo era de pedra muito branca e bela e na porta havia uma grande escadaria com duas janelas, uma de cada lado, que subiam uma acima da

outra, à mesma altura da escadaria... E a escadaria era dividida ao meio por um grande corrimão de pedra, para que quem subisse não se encontrasse com quem descia a dita escada.

E além disso erguia-se a Capela de Edgar, o santo, bela e alta, com grandes janelas com travessas e entre as janelas pilares também em painéis, que suportavam o teto abobadado de pedra, muito belo, em painéis que se abriam em leque, muito finos, quase como marfim esculpido, e esculturas pintadas nos nós e nos triângulos, e havia uma grande janela na parte leste, de oito luzes, todos os arcos e o teto sendo planos, como da época, e a sala era lajeada com azulejos de várias cores e ao centro havia um túmulo de prata e pedras preciosas, e pinturas nos painéis defronte da janela leste. E a sala tinha de comprimento setenta pés em quatro tramos, e de largura trinta e quatro (2)... e as paredes eram finas e todas de bela pedra talhada e nova, de modo que aqueles que a destruíram... foi esta a primeira, até antes da grande igreja.

E assim não foi. Havia belos degraus de mármore e os leques sobre a porta sustentavam uma pequena galeria

1 Neste ponto, a sessão foi interrompida e só retomada oito horas depois, quando o fio da comunicação foi imediatamente recuperado.

2 Ou seja, a largura exterior.

que se abria logo sobre a escadaria, olhando para baixo para os que por ali passavam, e havia uma pequena janela acima para iluminar a capela na igreja, por trás dos dois altares, pois era escura.

Quarenta e dois pés era a altura da nova capela e estava reforçada com belos contrafortes e paredes em ângulo nos cantos.”

Há em toda esta comunicação uma tendência para formas mais antigas de ortografia, nunca completamente conseguidas, com constantes retornos ao normal. A linguagem parece mais consistentemente arcaica.

Note-se a referência adicional a “paredes em ângulo nos cantos”, lembrando as “paredes em ângulo” já mencionadas num manuscrito anterior.

SESSÃO XXIV, 5 de Março de 1908

“...Gostaria de vos poder falar da grande janela leste no frontão. É difícil descrever as suas muitas partes, mas a vereis ao meio-dia. (Isto refere-se ao coro — F.B.B.)

Os edifícios do lado sul da extremidade leste eram dois. Um era capela, o outro para o sacerdote se paramentar.

São Edgar foi sepultado na janela onde vedes a cruz. Mais tarde, Beer transferiu-o para a nova capela que construiu. A capela era parecida à de Wells, mas mais bela.”

Isto refere-se obviamente à Capela de Stillington, uma estrutura com abóbada de leque, ricamente trabalhada do século XVI, agora destruída.

SESSÃO XXV, 10 de Março de 1908

F.B.B. foi nomeado representante da Sociedade Arqueológica de Somerset, com licença para escavar, em Maio de 1908.

SESSÃO XXVI, 12 de Março de 1908

Esta comunicação inclui outros nomes para além de Johannes, mas está aqui incluída pelo seu interesse:

“O relógio, quando se está voltado para a parede, fica à direita, seis ells ou mais acima do chão. A escada na torre da direita levava do claustro até ele, para se lhe dar corda todos os dias nas matinas.

Eu, Galfrith, conheci-o no meu tempo. Os que vieram falavam em latim, e nem todos sabiam a sabedoria oculta na língua britânica, nem tampouco no saxónico. Alguns foram reescritos, mas procuravam-se mais os padres do que os bardos, e muito era apenas ouvido dizer.

O que desejas, meu filho? A memória do homem é como a erva que murcha, e aqueles que gostariam de traduzir a palavra do bárbaro muitas vezes inseriam o que desejavam, mas não conseguiam (ou não podiam?) traduzir fielmente. O significado oculto não conheciam, pois procuravam apenas a casca que o cobria, e assim muito se perdeu para sempre. Os merlins falavam no que chamais alegoria, mas os padres liam a parábola, não o mistério.”

“Aqueles que vos querem falar da glória da nossa casa, todos se esforçam juntos, saxões, normandos e nativos; qual desejais então — a base normanda ou a abadia posterior?

Vedes a casa no seu estado original, e como um rendilhado a cair, os sonhos dos homens posteriores obscurecem-na. O primeiro sonho foi melhorado — era completa, e a grande igreja como estava quando Jocelyn chegou é aquilo que desejais.

Depois, quando construíam em Wells, invejávamos a nossa casa, e certos pedreiros, em férias, que vinham pela calçada que atravessava o pântano, disseram-nos que a nossa casa era pequena demais para a nossa comunidade, e que o coro não era suficientemente longo para as nossas

procissões e para os irmãos se sentarem ao serviço da igreja — pois éramos trezentos e quarenta e sete em número. Além disso, a torre era demasiado baixa para a beleza.

E como Wells era nova e bela, com pedra lavrada, o nosso abade sentiu-se movido a embelezar a nossa casa. Assim, aquele que estava em inimizade com Jocelyn fez as pazes nesse dia, e o bispo, com uma bela comitiva, veio num palafrém branco e almoçou connosco. E assim o nosso coro foi prolongado e, mais tarde, a torre foi embelezada com certos painéis, e isto apesar de os nossos cofres estarem em grande necessidade porque o corpo da igreja estava recém-acabado por arte muito bela.

A Torre dos Sinos, que ardeu e foi reconstruída, foi depois derrubada porque ameaçava cair sobre o claustro, pois tinha-se afundado na base.”

SESSÃO XXVII, 17 de Março de 1908, em Bristol

“O tempo está maduro para as pedras serem estudadas. Ide em breve.”

“As pedras dos coruchéus são bem grandes.” (Isto refere-se a um esboço de reconstrução da parede do transepto feito por F.B.B.)

“Colocai dez entre cada contraforte.”

Pergunta: “A balaustrada está certa?”

Resposta: “A balaustrada está certa.”

Pergunta: “E quanto à abóbada do coro mostrada?”

Resposta: “A abóbada está quase certa para o que vedes, mas sobre o túmulo de Artur até à janela leste era mais bela e muito dourada, para que as luzes do altar brilhassem sobre ela e criassem glória.”

“Procurai as nervuras do coro, algumas simples e outras lavradas, e os nós. Alguns estão na extremidade leste. O suficiente ficou dos destruidores, o bastante e nada mais: assim foi ordenado para que não destruíssem para sempre. Fazei um esquema — há o bastante por toda a parte.”

“Porque não destruíram as paredes que tinham à mão? Não se importaram, mas na verdade deixaram-nas e cavaram fundo por pedras.

Não podiam, mesmo que quisessem.”

“Porque deixaram as pedras do altar quando podiam tê-las arrancado?

Porquê?”

Pergunta: “Dizeis ‘saxão, normando e nativo, todos lutam juntos pela glória de Glaston’. Podem pôr-nos em contacto com alguma dessas influências antigas?”

Resposta: “O que vos diriam? As suas obras eram rudes e desapareceram. A abadia não é deles — nada salvo certos livros — e desejaríamos que os livros voltassem, apenas a Igreja como costumava ser. Nós, que escrevemos, somos das suas diferentes ordens: Gulielmus dos tempos antigos, e Johannes mais tarde, e aquele que construiu por último — o nosso Abade Beere. Que mais é preciso? Apontamos o caminho; a vós cabe segui-lo, e tudo o que é preciso é-vos dado. Trabalhai com mente e mãos, e tudo está aí. Assim foi ordenado, porque o que desejais, é bom que luteis por isso. Trabalhámos no nosso tempo: deveis trabalhar no vosso. Nem trabalho, nem salário — nem aquilo a que chamais honra.”

Pergunta: “Hoje é o Dia de São Patrício. Podem dizer-nos algo do seu tempo e do seu trabalho, e de Santa Brígida? Sem dúvida havia muito na grande Biblioteca da Abadia.”

Resposta: “Velhas lendas, adequadas para o povo — mas de que valor? Existiram e fizeram muito entre os pagãos. Não sabemos mais, salvo que as suas obras eram antigas e muito secas para ler.” (Esta passagem está assinada com uma cruz dentro de um círculo e uma letra maiúscula, não claramente identificada.)

Pergunta: “Por favor, escreva o seu nome.”

Resposta: “Reginaldus, que morreu em 1214 — mil duzentos e catorze.”

A identidade deste Reginald não é clara.

O Bispo Reginald de Wells, que consagrou a Capela de Santa Maria em Glastonbury, morreu em 1191 segundo as crónicas. Diz-se que a Capela foi concluída em 1216.

O texto foi repassado porque foi feito a lápis macio e não pôde ser preservado.

SESSÃO XXIX, 20 de Abril de 1908

“Gloria in excelsis tibi Deo. Paz convosco, filhos.

O tempo está próximo. Escavai bem e aquilo que procurais ser-vos-á dado, mas procurai com cuidado para que não destruam o que resta para vos guiar... ...A extremidade leste será a primeira, e depois encontrareis prova das belas torres na extremidade oeste. (1) Procurai nas ruínas a forma como estavam acabadas. Muito ficou para vos guiar...”

“...Influenciem o homem, e aquilo que foi decretado antes ajudar-vos-á e os que vos rodeiam sentirão a vossa influência e a nossa.

Em verdade, era uma bela igreja, e diz-se que vós, do vosso tempo, conhecereis as obras que fizemos pro gloria Dei.

1 Isto veio a confirmar-se mais tarde. — F.B.B.

“Enganámo-nos em algumas coisas — todos os homens se enganam — mas o pensamento que criou a grande igreja de Glaston não se limitou à mente e esse pensamento deve viver e prevalecer.

“Avançai, trabalhai e persistam incessantemente, e com o tempo haverá lugar para o que outrora existiu, e voltareis a conhecer os seus edifícios como eram. As obras menores primeiro: depois virá quem há de construir a grande igreja — um filho de Glaston vindo de além-mar. Mesmo agora ele espera e observa. Nós esperamos e observamos e temos esperança com o conhecimento que vem aos homens do outro lado. A igreja é sempre igreja, e no grande esquema do mundo, breve regressaremos e o nosso instrumento, Glaston, encontrará um lugar poderoso... Assim diz Johannes.”

Neste ponto a sequência da escrita é interrompida pela história de Johannes a pescar e a vaguear pelos caminhos. Isto será apresentado na Parte II.

Pergunta: “Gostaríamos de saber algo sobre a natureza das antigas fundações encontradas sob o Coro nas escavações de 1904, bem como se pode ser esclarecida a questão dos pilares subterrâneos, a sua data e finalidade.”

“...A janela era reta, como a conhecíamos, mas (1) foi algo alterada pelo Abade Beere quando construiu a capela. Tendes razão quanto às paredes de topo. Johannes supervisionou a construção delas, pois passaram-se cinco anos antes de construírem a última parte porque não havia dinheiro nos cofres — assim a igreja ficou perfeita sem as partes novas.

O que fez Beere? Vamos lembrar. A velha igreja tinha uma capela a oriente, parecida com a de Edgar, e os cantos estavam cortados, quase certamente. As fundações a que vos referis permanecem. Sabemos apenas o que ouvimos, e o que os que vieram depois fizeram, não sabemos, salvo que podemos investigar.”

“Beere, Abade, já não está connosco. Tem uma obra a realizar. Há outros que constroem na vossa Inglaterra e ele tem de os guiar como deve ser. Aqueles que edificaram no nosso tempo e foram mestres, agora guiam-vos.

ROBERT. ANO 1334, GLASTON.”

1 A sessão foi interrompida aqui e retomada mais tarde com repetição das palavras “como a vimos, mas...”.

NOTA SOBRE A SESSÃO XXIX

A fusão de influências volta a ser bastante evidente, mas o pensamento dominante é o de um dos habitantes da grande casa abacial. A assinatura “Robert (ano 1334)” não esclarece muito. Este foi o ano da eleição de John de Breynton como abade, em substituição de Adam de Sodbury, e foi uma época de grande atividade construtiva.

Mas Robert fala, ou é levado a falar, por aqueles de uma era quase duzentos anos posterior, e é estranho encontrar uma voz do século XIV a relembrar “a janela, tal como era então”, e a descrever alterações feitas no início do século XVI.

E a alusão à influência viva do abade Beere é de particular interesse. Entre os melhores expoentes modernos do estilo gótico inglês, o apelo ao passado, e a influência do passado, são elementos vitais no seu trabalho, e é precisamente na medida em que conseguem traduzir o espírito do passado que podem reivindicar inspiração no que se esforçam por criar.

1 O trabalho do mero copista não é inspirado.

Ocasionalmente, um estudioso sincero pode obter certas imagens mentais de tempos passados, de notável clareza e fidelidade, sem saber de onde vêm; apenas que se tornam espontaneamente evidentes quando está num estado de passividade mental, após esforço intelectual na direção pretendida.

Pode ser interessante citar aqui uma experiência uma vez relatada ao autor por um velho amigo, W., agora reformado, mas que, nos anos 80 do século passado, foi responsável por bastante restauro erudito no oeste do país. W. apreciava muito as formas do Gótico Inicial, e, se tinha algum defeito, era o da sua época, quando os restauradores eram um pouco implacáveis, segundo pensamos hoje, ao substituir detalhes do século XV pelo “vernáculo” local.

Numa ocasião foi chamado a fazer um “restauro” — que, neste caso, significava uma reconstrução parcial — de uma igreja em ruínas numa vila igualmente degradada. A parede sul da nave, obra comum do “Perpendicular”, teve de ser reconstruída, bem como um novo arco para o corredor adjacente. Por alguma razão, não quis fazê-lo no estilo do século XV, e sentiu-se impelido a desenhar de novo ao modo do século XIII. E para os capitéis dos pilares idealizou uma forma de moldura bastante complexa. Nada havia visível que o guiasse, mas aquilo pareceu-lhe apropriado.

Não era um tipo local — pelo menos, essa seria a lembrança do autor da impressão que lhe ficou do desenho que W. lhe mostrou.

Os capitéis foram realizados segundo este padrão, a parede antiga foi demolida, e, embutido nela, foi encontrado um capitel de pilar com uma moldura idêntica nos detalhes. Estou certo de que ele nunca tinha visto qualquer vestígio deste trabalho antigo, e ele permite-me contar aqui a história. Quanto à história de Johannes, o monge errante e amante da natureza, assume a forma de uma interpretação do seu registo de memória por outra pessoa. Se estamos perante uma imagem imaginativa de extraordinária vividez ou perante a personalidade de um homem, ninguém pode realmente decidir. Mas exemplos posteriores esclarecerão o papel que ele desempenha no conjunto, e é um tema de grande interesse do ponto de vista psicológico.

SESSÃO XXIX — Continuação. 20 de Abril de 1908

“A cripta era apenas uma câmara sob as escadas, situada na extremidade oeste da capela. Não era para sepultura e desapareceu há muito, devido à queda do chão da capela.

Não era subterrânea e era baixa — mal se podia caminhar nela sem se curvar.”

O trabalho de escavação começou pouco depois desta comunicação.

1 Há um esboço deste pilar no volume de 1908 dos “Proc. of the Somerset Arch. Soc.”. Foi encontrado por F.B.B. nos papéis de Kerrich, no British Museum. A sua posição corresponderia ao que o manuscrito sugere, pelo que não há nada de verdadeiramente extraordinário nisto.

SESSÃO XXXII, 16 de Junho de 1908 (após escavação n.º 4)

“Tudo está bem. Dirigimos o vosso percurso e continuaremos. Há algumas dificuldades e deveis usar a vossa própria inteligência. Existem duas capelas e deveis tentar distinguir entre a antiga e a nova. O plano do abade Monington deu origem a uma, e sob a igreja há restos ainda mais antigos. O pilar de muitos eixos (1) ficava no meio, entre o contraforte e a parede da capela, e a grande janela precisava do contraforte para se sustentar. Procurem a parede do coro, onde os arcos ficavam atrás do altar, e ficará claro. Escavem as sacristias na parede sul do coro — aí restam vestígios, e há também uma capela privada sob a janela junto à cruz. (1)

“Não julgueis a parede pelas suas fundações. Elas são robustas, mas — já vos dissemos — paredes finas foram construídas sobre elas. (2)

“Procurem bem pela extremidade leste da Capela de Edgar. Está pouco danificada. As capelas de Santa Maria e de Santo André, sobre as extremidades dos corredores do coro.”

A única referência a uma retro-capela encontra-se no plano da abadia incluído no Somerset de Phelps, reproduzido por Warner. Phelps mostra uma extensão, a tracejado, da parede leste do retro-coro com praticamente o mesmo comprimento da do plano de Willis, mas termina em semicírculo — algo impossível para qualquer coisa que não seja uma capela normanda, o que aqui seria inconcebível. Num canto do plano de Phelps aparece um diagrama semelhante, mas com a parte retangular muito mais comprida. Ambos estão identificados com a letra “F”.

1 A parede da sacristia foi posteriormente procurada e encontrada fora do vão da parede sul do coro, terceiro a contar do oeste, onde havia indícios de tal anexo no entalhe da alvenaria para as chapas do telhado de chumbo, e o plinto

tinha sido cortado para remover uma projeção incómoda. A trincheira revelou uma parede fina, dando à sacristia cerca de 9 pés de largura.

A grande largura das fundações da parte retangular da Capela de Edgar — cerca de 6 pés e 6 polegadas nas paredes norte e sul — poderia facilmente inspirar uma ideia errada quanto à espessura das próprias paredes. Mas os estudiosos da arquitetura desta época estão familiarizados com o facto de que os tetos abobadados de pedra, planos e pesados, do período Tudor, exigem, além dos contrafortes exteriores, uma certa quantidade de apoio interior, conseguida através da construção das paredes em série de compartimentos ocos, ocupando as janelas os recuos, e as massas intermédias salientes para o interior, como pilares ou contrafortes internos, tratados arquitetonicamente. Assim, a descrição dada noutro ponto de “pilares como painéis” é bastante plausível para tais características. — F.B.B.

A tabela de referência dá “F” = Capela da Senhora (Lady’s Chapel). Warner copia este plano, designando o segundo como “a capela segundo as suas dimensões originais”. Nem F.B.B. nem J.A. tinham então visto a cópia de Warner do plano de Phelps, porque a cópia acessível na Biblioteca Pública de Bristol tinha perdido esta folha.

Mas, devido à natureza vaga do plano, às suas inúmeras imprecisões e à sugestão impossível de uma ábside semicircular (numa linha a tracejado), assim como à referência à “Lady’s Chapel”, estes registos pouco esclareceram, a não ser que inspiraram a hipótese de que o coro original e mais curto teria provavelmente uma Lady Chapel, usada nos tempos antigos, antes de a capela ocidental de St. Mary ter sido aberta e incluída no conjunto pela “Galilé”, obra do século XIV; e que esta Lady Chapel acabaria por perder grande parte do seu comprimento ao ser absorvida pelo novo retro-coro, quando o Abade Monington mandou alongar o coro em dois tramos (cerca de 40 pés) por volta de 1344.

Tal hipótese implicaria deduzir que, após o prolongamento do retro-coro no século XIV, ficaria a leste uma projeção relativamente curta — digamos de cerca de 12 pés — e tal raciocínio pode ter inspirado o plano de Willis (ver o seu plano na Architectural History of Glastonbury Abbey), embora ele tenha rejeitado, corretamente, o semicírculo como remate oriental.

Pergunta: “Havia alguma cripta sob a Capela de Edgar? Quais eram as dimensões livres da própria capela?”

Resposta: “A cripta está caída, mas a argila não é a antiga. Limpe o interior e lá encontrará muitos fragmentos. A largura que encontrará é de vinte e sete, e no exterior, trinta e quatro, assim nos lembramos.
BEERE, Abade.”

Pergunta: “Qual era o comprimento interno livre da capela?”

Resposta: “Determinámos setenta e dois, mas construíram mais longo, e quem veio depois fez novos planos para um certo teto em ouro e carmesim, muito engenhoso. Deveis usar o vosso talento, para que não esmoreça. Peça a peça reconstruí-la-eis, e há, penso eu, o suficiente para vós.

“Escave para leste, para além dos canteiros de ervas plumosas. Havia um corredor para a porta leste na parede para a rua. No centro, permanece. Havia um alojamento onde agora está a grande casa, e amávamos os corredores. Eram seguros, e o clero gosta de lugares secretos. Há algo em nós que gosta de coisas místicas, por isso não dizemos tudo, mas deixamos para o amor que procura e não se cansa.” (1)

Na altura desta escrita, apenas a extremidade oeste da capela tinha sido escavada, pelo que o comprimento era ainda completamente incerto. Foi encontrada uma parede maciça, norte-sul, aproximadamente na posição indicada como projeção no plano de Willis — cerca de 12 pés a leste das paredes do retro-coro, e do outro lado desta, as fundações começavam muito mais acima, indicativo de um prolongamento posterior por Bere a partir desse ponto. E toda esta parede transversal deve ter sido obra de Bere, pois corria de norte a sul cerca de 32 pés, e para além disso surgia a projeção dos seus contrafortes.

Quando as paredes de continuação da capela para leste foram mais reveladas, a largura livre entre as fundações era de cerca de 18 pés, e como tinham cada uma cerca de 6 pés e 6 polegadas de espessura, o total não chegava a 32. Assim, a indicação do manuscrito de uma largura interna livre de 27 pés para esta capela não é de modo algum improvável, se for medida até ao interior dos vãos das janelas. Quanto ao comprimento dado (72 pés), já se falara num total de 90, pelo que os 72 devem referir-se à parte retangular da capela, mais ou a antecapela ou apenas à extensão para leste, qualquer dos quais se aproxima deste total.

Como veio a ser revelado depois (ver plano nos “Som. Arch. Soc. Proc.” de 1908), a correspondência provou ser fiel, como mostra a escala. Medindo a partir do interior da parede leste do retro-coro, incluindo todo o espaço da antecapela da obra de Bere, até ao fim das suas paredes retangulares, o total aproxima-se de 72 pés — ou seja, 12+5+50+5 em medidas aproximadas.

Havia vários tufo de erva-das-pampas na encosta alta, mas mais a leste do que o nosso avanço naquele momento. Outro fragmento de manuscrito, infelizmente agora perdido, referia-se novamente a um dos tufo do lado sul, situando-o logo a oeste de uma grande massa de alvenaria. Isto estava correto.

A grande massa em questão é aquela que se eleva bastante acima das restantes, no ângulo sudeste da capela retangular. Temos, novamente, a sugestão curiosa e pouco comum de uma porta a leste da capela (compare-se com o “Portus introitus post reredos”, etc.). Quando, muito tempo depois, as

duas paredes inclinadas da ábside foram reveladas, observou-se a abertura ao centro.

A fundação no lado norte dessa abertura a leste estava cortada em ângulo reto, claramente de propósito, sugerindo fortemente uma porta ou arco naquele local. Em “na parede para a rua”, talvez se encontre uma explicação para a continuação da parede angular do lado sul, que segue numa direção ainda não determinada, em direção à parte alta da cidade, e teria passado perto do edifício que outrora ocupava o sítio da atual Abbey House.

“Usai os vossos talentos. Nós guiamos. Assim é justo. Sem trabalho, sem salário. Tudo corre bem. Assim vo-lo dizemos. Chumbo havia no telhado — não pedras, pois estas vêm de edifícios menores, de outros sítios. As telhas de pedra eram telhados altos, mas a capela era plana ou quase.

Como pensam que teria parecido a extremidade leste para aqueles que vinham pelo caminho verde na muralha?

...e podeis ver bem. Cavem mais fundo: é necessário. Não temam. Tornar-se-á claro para vós antes que caia outra noite. Ainda há algo a leste e a sul para descobrir. Tendes habilidade para encontrar as pedras que ali pusemos. Todas pertencem à capela que assinalastes.

Benedicite.

WHYTTINGE, recentemente Abade.”

Só vários meses depois foi revelada toda a capela retangular de Bere. O talude aumentava em altura à medida que avançávamos para leste. Mas quanto mais avançávamos, mais pedra encontrávamos do lado sul, até que, finalmente, no ângulo sudeste, surgiu um bloco de alvenaria sólida que se elevava vários pés acima do nível geral. E a sul dos dois últimos contrafortes deste lado apareceu a vala ou matriz de um pequeno edifício adicional, uma capela privada ou sacristia. Estas valas foram limpas e preenchidas com betão sólido para preservar o registo das paredes desaparecidas, que de outro modo teriam perecido com a queda da terra solta e esfarelada.

SESSÃO XXXVI, 9 de Outubro de 1908

“Deveis ver a nossa velha casa senhorial de Sharpham. Há algo para vós lá. Procurem-na diligentemente, e as paredes em redor.

A igreja que encontrastes é aquela que Ina construiu, e estava ligada à igreja antiga por um passadiço de madeira e muitos degraus. Não tinha torre, mas sim os braços curtos de uma cruz, e os pilares eram grandes e redondos, como vedes. (Isto refere-se a uma escavação na nave.)

O telhado era de madeira e era tosco e rude, nada semelhante à nossa igreja de Santa Maria.

Gostaríamos que pudessem escavar em redor do altar, pois ali encontrarão muito mármore negro do estilo a que chamam ‘decorado’.

Queremos que o vejam — quadrado, e com contrafortes também quadrados, com baldaquinos e imagens, cerca de quarenta pés de altura, algo nivelado no topo, como um ecrã, e ao centro um belo baldaquino de pedra dourada, quatro pés de largura e quinze de altura; e à frente, uma imagem de Nossa Senhora com vestes douradas e escarlate, segurando o Menino e um cetro de poder.

De cada lado, duas portas com degraus descendo para o caminho das procissões atrás do altar. Não conseguem ver? Pedra negra e imagens, e douramentos nos espaços vazios sob os ornamentos. No lado sul, como nos parece, encontrarão a maior parte das peças e mesmo os túmulos de Artur e dos dois santos Edgar (2) (sic), todos em pedra negra com muito douramento e as efígies do Rei e da Rainha com leões em pedra negra — não, antes, os leões eram em pedra clara como as bases dos túmulos.

1 Ou seja, o altar-mor da igreja posterior.

2 Deve ser “Edmundo”.

E a grande janela leste, em painéis como os lados do coro, muito bela, com uma varanda. A varanda ficava por baixo da janela e dali seguia o caminho até ao altar, onde estava uma imagem de Santa Maria, de grande valor e muito antiga, que foi salva do incêndio há muito tempo.

Ego sum JOHANNES qui ex memoria rei dico — meminisco — dixi annorum 1492.” (Sou Johannes, que fala de memória do assunto. O tempo de que falo seria 1492, assim me recordo.)

SESSÃO XXXVII, 30 de Novembro de 1908

“O final da capela era em ângulo, os lados formando como que um tramo na parede leste. O último tramo a leste tinha um arco semelhante ao arco de um santuário e com ornamento de plumas, como tinham todos os outros arcos; e o espaço além, no tramo, era como três leques com pilares finos subindo pelos ângulos e abrindo-se em direção ao arco. Nas três faces da parede leste havia três janelas, e tudo isto foi bem feito pelo Abade Whitting, que prolongou um pouco a Capela de Edgar, até cerca de meio tramo... Os leques são planos, os que Whitting construiu, e verão como se encaixavam.

A pequena capela privada foi coberta por Beere com painéis, e encontraram as peças, bem talhadas e belas — quadrifólios com losangos, recortes de cada lado, e o telhado, a que chamavam em forma de ‘barril’ — sem leques na capela privada.”

Este relatório foi obtido antes de se terem descoberto os muros angulares da ábside. A descrição, no geral, é bastante plausível, e há boas razões para

pensar que a ábside teria sido concluída pelo último abade (Whiting). Algumas pedras da abóbada em leque foram encontradas no final do ano. A “pequena capela” parece referir-se às fundações salientes encontradas entre os dois últimos contrafortes do lado sul. Compara-se, de novo, com a Capela de Nossa Senhora de Gloucester, onde tais adições são encontradas a norte e a sul da quarta arcada a partir do oeste.

Pergunta: “De onde veio a nervura da abóbada que encontrámos?”

Resposta: “Ele foi pelo corredor até à Capela de Edgar, e a abóbada com moldura semelhante seguiu com ela — a leste dos arcos por trás do altar.

Monington estava habituado ao que chamais de ‘decorado’ e o teto do coro não era do estilo novo — o ‘perpendicular’, mas do outro estilo feito à moda de Gloucester.

SESSÃO XXXVIII, 2 de Dezembro de 1908

“Gulielmus monge que repousa na área do coro... Reginaldus. Ele não sabe o que fizeram, mas diz que o antigo percurso processional dava três voltas e construíram a nova janela depois do seu tempo, em linha reta. Encontrastes o velho muro anterior a Monington. Eu suponho, mas não sei.

Gulielmus, monge de São Bento, gostaria de falar, mas já está morto há muito e não pode como queria. Aquele de Monington, abade que... ele fez o extremo leste totalmente quadrado, disso sei eu, fê-lo, e nele três arcos e um grande ecrã... assim era no meu tempo, e aquele que veio depois prolongou a janela e ela ficou muito fraca, e reconstruíram-na...

Ele construiu muros fortes sobre a pequena capela de Nossa Senhora que ali estava, e nela uma nova janela, e de cada lado colocou um muro que prolongava os muros do coro e inseriu um arco e debaixo dele um túmulo de cada lado com o altar ao centro, e acima do arco, como que duas grandes janelas altas, muito estreitas, que se juntavam à grande janela oriental e com ele fizeram uma grande e bela janela que iluminava todo o coro e o preenchia com vidro claro e brilhante de muitas cores.”

1 Gulielmus, o monge que repousa no coro.

SESSÃO XXXIX, 5 de Dezembro de 1908

“Johannes queria falar. Algo nos foi retirado. As velhas fundações foram deixadas e a elas se adicionou. Os muros em ângulo foram colocados pelo Abade Beere quando construiu a capela e alargou as janelas. Já vos falámos das janelas altas e do arco sob o qual estavam os túmulos de Edgar (sic), um de cada lado — o Velho e o Jovem. O arco era lindamente esculpido e os

painéis subiam até ao teto, e a abóbada sobre a janela leste foi feita em trabalho em leque: da mesma forma, a parte oriental do coro era em leques com um grande arco, como foi feito com painéis entre eles.”

Durante o verão e outono de 1908, os trabalhos de escavação prosseguiram continuamente.

Em Dezembro, praticamente toda a parte retangular da capela de Beere tinha sido desenterrada, revelando quatro arcadas, de acordo com o texto. A escavação da antecapela confirmou inteiramente a opinião de Willis quanto às divisões do retro-coro e, curiosamente, validou o seu plano no que toca ao comprimento da projeção central, pois era claramente evidente, pela aparência dos dois muros laterais (ou melhor, das suas fundações), que existira ali uma projeção original da mesma dimensão que ele indicava, e que Beere simplesmente continuou a partir desse ponto, iniciando a sua nova obra com um muro transversal maciço a um nível diferente.

As fundações dos muros norte e sul da capela de Beere tinham cerca de 1,98 m de largura e uma separação interna de pouco mais de 5,50 m. A frágil construção perpendicular acima situar-se-ia normalmente um pouco além da margem exterior das fundações, para permitir a colocação de pilares salientes que suportariam os leques do teto, o que justificaria completamente uma estimativa de largura a rondar os 8,20 m até aos recessos das janelas.

Mas o comprimento interno total sobre as fundações, entre as fundações leste e oeste, media 14,93 m — uma dimensão insuficiente para justificar os 21,34 m indicados no texto, mesmo considerando que parte da largura das fundações oeste e, em maior grau, das leste devessem ser incluídas na área interior da capela. Talvez se pudessem admitir mais 1,83 m para estas margens, elevando o comprimento interno total da capela retangular para 16,76 m, ao qual teriam de se somar mais 4,57 m para justificar a medida de 21,34 m mencionada no texto.

Mas a capela retangular terminava a leste com um remate apropriado, e os dois contrafortes de retorno estavam bem definidos. Neste ponto, a escavação era bastante profunda, pois o terreno subia de oeste para leste, e estávamos agora cerca de 3 metros abaixo do nível da relva. A extremidade retangular foi limpa, e diante de nós surgiu uma face lisa de argila, sem qualquer vestígio de continuidade. Ainda nada se tinha visto de “muros em ângulo”, e o autor examinou repetidamente a superfície da argila, tentando detetar quaisquer sinais de perturbação ou de uma nova junção de construção — e assim se mantiveram as coisas até ao final de Dezembro.

Entretanto, foi preparado um relatório para o volume anual dos Anais da Sociedade Arqueológica de Somerset e, como a esta altura F.B.B. estava plenamente convencido de que Hearne e Hollar estavam a relatar factos quando afirmavam que o comprimento total da abadia era de 167,6 m,

desenhou audaciosamente um plano da capela escavada com uma adição a traço interrompido, de forma a corresponder à dimensão requerida, representando um anexo poligonal — ou ábside — que mandou publicar nos Anais de 1908.

Durante as férias de Natal, F.B.B. voltou a visitar o local, e num dia ensolarado observou o talude de argila e, pela primeira vez, detetou uma pequena mancha quadrada de descoloração castanha-clara na argila, a um nível muito mais alto do que as fundações da capela. Ordenou que se cortasse essa zona da superfície e, a cerca de 60 cm dentro da parede de argila, surgiu o início de um muro. Este foi rastreado e comprovou-se que corria na direção nordeste, formando um ângulo de 67 graus com o eixo norte-sul da capela.

1 Uma reprodução deste plano foi publicada na revista *Treasury* no Natal de 1908.

O solo foi aberto na posição correspondente do lado norte, e aí foi encontrado um valado escavado com precisão na argila, preenchido com entulho de cantaria do século XVI, azulejos e fragmentos de vidro, maioritariamente pintado e em grande parte azul-escuro. A vala de fundação inclinava-se num ângulo semelhante, mas em vez de encontrar um muro transversal a leste, terminava abruptamente onde tal muro de retorno deveria estar, o que indicava que, com toda a probabilidade, o anexo teria uma porta na parede leste, por detrás do retábulo, sugerindo que esta parte teria sido usada como feretório ou câmara de relíquias — algo que remete quase exatamente para o plano da igreja colegiada de Westbury-on-Trym, também ela dotada de uma ábside semi-hexagonal.

Calculando que as faces internas das três paredes deste anexo teriam sido concebidas para serem mais ou menos iguais em largura, por uma questão de simetria, foi traçada uma linha através da ábside no ponto requerido, fincou-se uma estaca, e foi feita uma medição cuidadosa com corrente de ponta a ponta de todo o conjunto de edifícios da Abadia — isto é, desde a face interna da Capela de Nossa Senhora ou Igreja de Santa Maria, a oeste, até este ponto — e constatou-se então que a medida era exatamente de 580 pés, tal como dado por Hearne e Hollar. O plano verdadeiro da capela foi publicado no volume de 1909 dos *Proceedings*, e constitui uma comparação interessante com o plano conjectural (ver Fig. 7, p. 64).

Dois anos mais tarde, na coleção do Coronel William Long, juiz de paz, de Clevedon, veio à luz um plano manuscrito do século XVIII das ruínas, até então completamente desconhecido, e verificou-se que mostrava as duas secções de muros inclinadas da ábside da Capela de Edgar. Uma nota anexa a este plano indica as dimensões extremas da capela como sendo de 87 pés por 49 pés. Esta última só seria correta se incluísse a pequena capela saliente no lado sul. Não representaria a verdadeira medida exterior da capela propriamente dita,

que noutros locais é referida como 34 pés, e que deverá ter-se aproximado dessa largura.

Oitenta e sete pés são, evidentemente, bastante corretos como medida interna de comprimento, e assim confirmam o registo.

“AWFWOLD, o saxão, tentou, mas não conhece a língua. Tem algo dos tempos antigos que encontrastes a leste. Diz que tinha uma casa ou casas de estrutura em vime, e uma igreja dentro do forte, à qual acedemos quando construímos a nova capela de Edgar. Assim o diz. E aquilo que está para além da capela — não estará ali uma câmara, que vereis quando cavardes bem fundo? E dela saía um corredor até ao albergue sobre o portão que leva a Chalice. Isso desapareceu há muito, sabemos bem. Com ele — a câmara — a igreja tinha seiscentos e vinte e oito pés de comprimento por dentro e mais dezasseis pés por fora, nos muros, assim nos recordamos.”

O trançado carbonizado de vime foi encontrado a grande profundidade na argila, perto do canto sudeste da Capela de Edgar. Foi examinado, juntamente com outros vestígios, e relatado por Mr. St. George Gray nos *Proceedings* da Sociedade Arqueológica de Somerset em 1909. Nenhuma tentativa foi feita para explorar o local além do limite oriental da Capela. O terreno é muito profundo e existem outras dificuldades. Como o comprimento interno comprovado da Abadia com a Capela é de 580 pés, essa medida de 628 pés implicaria outra grande adição e, na ausência de qualquer prova da sua probabilidade, é impossível atribuir-lhe qualquer credibilidade.

“O túmulo de Artur, em pedra negra brilhante, estava em frente ao altar. Podeis ver o seu tamanho mesmo agora, se o desejardes, na argila, e certos fragmentos que ainda estão por serem descobertos. O coro era em negro, escarlata e dourado, exceto onde pintaram as folhas em verde, e por vezes em castanho, nas zonas dos claustros. A janela era de vidro muito claro, com cores ao centro, sob baldaquinos dourados nos topos dos painéis. Havia sob o altar uma câmara, à qual se acedia por trás, mas era baixa e pequena, e muitos ali estavam sepultados. O caminho para procissões deixou de ser necessário, e por isso já não passavam atrás do altar, onde estavam as capelas, nem atrás do grande ecrã sob a janela leste.

A igreja era tão grande que havia espaço suficiente nos corredores laterais e também diante do altar, junto ao túmulo de Artur.”

Pergunta: “Quanto a vestígios de um enterramento atrás da parede do retábulo. Podeis dizer-nos algo sobre isso?”

Resposta: “Sim, foi um mártir. Fizeram-lhe o túmulo de mártir. Não estava em caixão, pois eram apenas ossos obtidos pelos fiéis em Bath e Taunton, trazidos em segredo. Foi colocado sob o altar, e aqueles que o derrubaram, quando Isabel era rainha, retiraram-no. Não sabiam quem era ele, o nosso Abade. Vós

sabeis... Aquele que flutuou no ar quando se recusou a ceder. Whyting. Eles não sabiam. Nós pensávamos que o altar permaneceria para sempre.”

Pergunta: “Quem profanou a Abadia?”

Resposta: “O meu senhor Somerset. Só se importava com ouro — nem fé, nem bondade — um protestante, um traidor. Um herege foi ele.”

Pergunta: “Há algum fundamento nas lendas sobre passagens secretas dentro e ao redor da Abadia?”

Resposta: “Havia caminhos cobertos até ao canto do claustro junto à Casa do Prior. Está desabado, sabemos, assim como aquele que leva ao King's Gate, mas parte ainda subsiste. Algumas das passagens no extremo leste podereis encontrar. (Aqui segue-se um plano.) Procurai o ‘Kingswaye’ perto da Casa do Portão — as caves que usávamos. Encontrareis a passagem. Deveis procurar o grande dreno. Muitas coisas ali estão. Deveis procurá-lo.

JOHANNES et alii.
‘Permultae memoriae!’

SESSÃO 1 de Setembro de 1910

O texto começa com uma caligrafia apertada, muito desconexa e confusa. Está maioritariamente em palavras latinas, e identificamos o nome de um certo João de Aller, da zona rural de Somerset (“in agros Somersetiae”), outrora lavrador, mais tarde guarda na Abadia. Mas ele não consegue dizer o que queria, e a força que lhe devia fazer recuperar a memória falha. “Nescio quid sum,” termina, “aut inde veni.”

Depois a escrita recomeça, assim:

“Ambrosius, o *Cellarius*, quer falar convosco. E não é um erudito. As pipas na adega, sabeis, estavam cheias de bom vinho, mas as caves da Casa de Hóspedes estão mais abaixo.

O teto daquelas é ao nível do chão destas. Mas sei que pouco ficou.

A pequena cozinha do Abade situava-se entre os dois salões, e o cozinheiro tinha o suficiente para alimentar de um lado os monges e do outro os hóspedes. Por isso o Abade construiu a Grande Cozinha diante da Casa, para fazer banquetes nos grandes dias festivos. As velhas cozinhas e o jardim da hortelã deixaram de ser muito usados depois disso. A nova casa do Abade tinha cozinhas suficientes e assim...

Conheceis o pequeno claustro por detrás da Casa do Prior e do Salão conventual, frente às cavalariças?”

1 'Eles' — isto é, as caves.

Elas estavam perto da Casa de Hóspedes, do lado da Casa do nosso Senhor Abade, e os homens dormiam por cima delas. Havia quatro cavalos, e salas para os cavalos dos hóspedes no mesmo estábulo.

O texto refere-se aqui a uma zona ainda não escavada, da qual temos poucos registos documentais. A posição da Casa de Hóspedes pode ser razoavelmente inferida como sendo no local sugerido, a oeste do Refeitório. A afirmação relativa às cozinhas parece razoável. Neste ponto, a comunicação sob o nome de Ambrosius cessa e nota-se uma caligrafia inteiramente diferente. O texto prossegue:

“Ricardus de Tanton, que fez os desenhos para o meu Abade Bere, quer dizer-vos aquilo que Ambrosius não pode!”

Compreendemos que o nível do terreno foi rebaixado e quatro caves foram construídas para armazenar vinho para a Casa de Hóspedes situada acima. De seguida, lê-se:

**“O Grande Salão foi construído não há muito tempo, e deveis ir onde as cozinhas se ligavam a ele, junto ao Refeitório. Aufwold diz que o convento de Arimateia estava no seu canto sudoeste, construído há muito tempo, e que havia, por assim dizer, um pequeno claustro entre o Salão e a capela onde Bere celebrava missa. O estábulo ficava defronte da nova casa do Abade que Bere construiu, e que estava em frente da Casa de Hóspedes mas afastado dela. A cripta sob o novo Salão ficava mais abaixo. O seu teto estava quase ao nível do chão da abóbada do Refeitório...”

“Passai pela grande porta no canto do Claustro, no lado este, descendo doze degraus e por um corredor. Depois subireis nove degraus do lado sul, e assim atravessais o jardim da hortelã até ao Novo Salão, onde havia uma porta, e através dele chegava-se a outra passagem, e desta ao pequeno claustro, e além deste ao pequeno convento e à pequena capela construída há muito tempo.

E havia um grande muro a leste de todos esses locais, alto e forte, e sobre ele ficava o dormitório, e além dele, o parlamento em baixo e o scriptorium em cima; e assim até ao muro do pequeno claustro, e depois um pátio e a escola com a sua capela e edifícios em redor... para os rapazes, também a sala de mudança para o coro que cantava na igreja.

Os rapazes estavam frequentemente alegres e brincavam e gritavam, e o Abade dizia: ‘Não ralheis com a juventude nas suas brincadeiras, mas mantende-os longe dos claustros, para que não perturbem os devotos’ — e por isso a escola ficava afastada deles.”**

Pergunta: “Qual era a Capela de São Dunstano?”

Resposta: “Aquela no lado norte da Grande Igreja, na extremidade, perto da nova capela que Bere construiu.”

Pergunta: “Qual era o comprimento exacto da Igreja quando concluída?”

Resposta: “CCCXI passos. CCCXI e capela nova. CCCXI em toda a longitude.”

Nota: O comprimento do “passo” medieval era desconhecido por nós, e teria sido assumido como o comprimento natural de um passo ao caminhar (no caso de F.B.B., 22 polegadas). Mas converter passos em pés, ou vice-versa, não é fácil de cabeça, e o cálculo não foi feito na altura. Assim, “CCCXI” nada indicava de forma clara. Mas a publicação exigiu escrutínio desta afirmação e, para avaliar o comprimento real, consultou-se o *Itinerário* de William Wyrcestre, onde, referindo-se à Abadia de Glastonbury (p. 292), diz:

“Longitudo navis ecclesiae monasterii continet 54 virgas vel 100 gressus” — o que dá 54 jardas = 100 passos.

Se 100 passos = 54 jardas, então 1 passo $\approx$ 1,62 pés.

Assim, o comprimento da igreja é:

$311 \times 1,62 = 503,82$ pés

“e a capela nova” (acrescentar) = 90,00 pés

Total: 593,82 pés

Pergunta: “Por favor, diga-nos em pés.”

Resposta: “Cerca de 733 pés.”

Pergunta: “Havia algo a leste da Capela de Edgar?”

Resposta: “Sim, mas não era a igreja principal. No muro havia uma capela para os que vinham do outro lado do monte chamado Chalice — uma pequena capela, mas não era da grande igreja. Tendes tudo dela.

Dissemos que a igreja tinha algo mais de trezentos passos no caminho que passa pelo seu lado norte. Isso sei eu. A capela tinha noventa e um pés, pois fui eu que a desenhei.”

RICARDUS T^a.

— Um resultado impressionante! O comissário de Isabel, citado na página 12, afirma:

“A grande igreja da abadia tinha... 594 pés.” E o nosso próprio plano (Fig. 12), baseado em medições cuidadosas, dá um total de 592 pés. (A medida de 580 pés discutida na página 62 é uma medida interna.)

1 DCCXXXIII pés, aproximadamente (cerca de 733 pés) — à primeira vista uma medida totalmente discordante, sendo 140 pés a mais do que a primeira — revela, após análise, um resultado ainda mais surpreendente.

Com efeito, 733 pés é igual a 311 passos; mas passos romano-britânicos — não medievais.

311 passos de 2 pés e 4½ polegadas correspondem a 733 pés. O passo romano verdadeiro (simples) tem 2 pés e 5 polegadas — por vezes menos na Grã-Bretanha — pelo que aqui aparece ligeiramente encurtado. E a qualificação “cerca de” dá-nos a ligeira margem de variação necessária.

É como se a nossa pergunta, dirigida ao informante anterior, tivesse sido respondida por outro num sentido literal, segundo o seu próprio conhecimento da medida, e sem referência aos padrões monásticos. (Ver nota no resumo no final do volume, sob “Ell” e “Passus”).

Este valor excede por um pé a medida anteriormente dada e considerada correta, e por isso preferimos esta última no cálculo final dado na página anterior.

A CRIANÇA DA NATUREZA

JOHANNES — quem é ele? Uma criança dos nossos sonhos? Ou um nome inscrito no grande rol dos que foram e já não são?

Não se pode traçar qualquer conhecimento prévio de apelido ou circunstância, seja na história, seja na ficção, que sirva de origem à ideia que está por trás desta dramatização de uma personalidade que, em muitos aspetos, é tão simpática e tão fiel à natureza.

Contudo, repetidamente ele fala, ou é feito falar, nos textos, e a sua simplicidade de carácter mantém-se. E tornou-se para nós mais do que um nome — uma figura revestida de realidade, tal como se diz de um autor conhecido que as suas personagens habitavam na sua consciência como pessoas reais. E nunca sabíamos quando poderia surgir a sua presença, nem que tipo de mensagem traria.

Muitas vezes, ao sentarmo-nos para escrever com uma expectativa ou desejo de obter informação sobre certos temas, o texto contrariava essa expectativa, trazendo algo novo e totalmente inesperado ou, como frequentemente acontecia, retomava o fio de uma comunicação anterior interrompida dias, ou mesmo meses antes.

“...Ele sempre amou os bosques e os lugares aprazíveis que ficam fora da nossa casa. Foi bom, pois aprendeu no templo da natureza muito daquilo que jamais ouviria no coro. O seu coração era do campo e ouvia-o chamá-lo para lá dos muros, e o Abade fechava os olhos a isso, pois sabia bem que lhe fazia bem. Ele ia pescar, o Johannes, e muitas vezes demorava-se nos caminhos para escutar os pássaros e ver as sombras alongarem-se por todos os bosques de Mere.

Amava-os profundamente, e muitas vezes nada trazia de peixe, pois que deles se esquecia... mas não nos importávamos, pois voltava com conversa e fala agradável, como cerveja morena, e isso era bom.

E porque era da natureza, a sua alma era pura, e ele pertence à Companhia que observa e espera a renovação das glórias.”

Foi na quarta sessão que Johannes, em vez de falar, foi falado por outro:

“Gulielmus de Glaston deve falar... falou do seu tempo, e Johannes queria falar do seu tempo. O tempo mais antigo não lhe era conhecido. O meu castigo passou, mas Johannes ainda está em sofrimento.”

SESSÃO XI, 11 de Janeiro de 1908

Nesta sessão, Johannes fala por outro, dizendo:

“...diria: ‘Procurai um fim e persegui-o. Não andeis em círculos como fazem alguns. Muitos objetos distraem a mente. Procurai um só fim e alcançareis tudo.

JOHANNES DE GLASTON.”

Em resposta a uma pergunta sobre dois amigos:

“Sonhar. Para eles, é sonhar, não trabalhar. Buscai visões. Sede constantes na mente.

Aquilo que vier, fazei. Não nos é permitido dizer mais.

A vós cabe escolher. Obra do espírito, não obra da terra é.

Sois ricos, mas não em bens. Trabalhai com aquilo que vier.”

SESSÃO XVIII, 18 de Fevereiro de 1908

“Permanecei, e sede como cera nas nossas mãos. Escutai, e ouvireis. Eu, Johannes, assim o digo. Sede pacientes e dóceis. Escutai as nossas vozes no meio do coro. Ouvireis, e muito mais, mas perseverai: grandes coisas acontecerão antes de vos unirdes à Companhia. Ide e prosperai por nós e por vós. Esperamos onde desejamos estar.

JOHANNES.”

SESSÃO XXVI, 12 de Março de 1908

Esta comunicação inclui nomes além de Johannes, mas é aqui incluída pela sua natureza interessante.

***“O relógio, conforme olhais a parede, está à direita, seis covados ou mais acima do chão. A escada na torre direita levava do claustro até ele, para lhe dar corda todos os dias nas matinas.

Eu, Galfrith, conheci no meu tempo. Os que vinham falavam em latim, e nem todos conheciam a sabedoria escondida na língua britânica, nem tampouco no saxão. Alguns foram escritos de novo, mas os padres eram mais procurados do que os bardos, e muito era por ouvir dizer.

Que anseias tu, meu filho? A memória do homem é como a erva que murcha, e aqueles que desejavam traduzir a palavra do bárbaro muitas vezes inseriam aquilo que queriam, mas não podiam (traduzir verdadeiramente). O significado oculto não conheciam, pois buscavam apenas a casca que o cobria, e assim muito se perdeu para todo o sempre. Os merlins falavam naquilo que chamais alegoria, mas os padres liam uma parábola, não o mistério.

Aqueles que vos querem contar a glória da nossa casa todos lutam entre si — saxões, normandos e nativos — então qual quereis vós? A base normanda ou a abadia posterior?

Vedes a casa na sua primeira condição, e como uma renda a desfazer-se, os sonhos dos homens vindouros obscurecem-na. O primeiro sonho foi aperfeiçoado — era completo, e a grande igreja como estava quando Jocelyn chegou é aquilo que desejais.

Depois, quando estavam a construir em Wells, sentíamos inveja da nossa casa, e certos pedreiros que vieram de férias pela calçada que atravessava o pântano disseram-nos que nos faltava algo. Disseram que a nossa casa era demasiado pequena para a nossa comunidade, e que o seu coro não era suficientemente longo para as procissões e para os irmãos se sentarem ao serviço da igreja — pois éramos trezentos e quarenta e sete em número. E além disso, a torre era demasiado baixa para a beleza.

E Wells, sendo nova e formosa, com pedra esculpida, levou o nosso Abade a querer embelezar a nossa casa. Assim, aquele que estava em inimizade com Jocelyn fez as pazes naquele dia, e o Bispo, com uma bela comitiva, veio num alazão branco e jantou connosco. E assim o nosso coro foi alongado, e depois a torre embelezada com certo trabalho de painéis, embora os nossos cofres estivessem escassos, pois o corpo da igreja fora recentemente terminado com arte muito bela.

A Torre do Sino, que foi queimada e reconstruída, foi derrubada pois ameaçava cair sobre o claustro, pois afundara-se na base.”**

Como o trecho acima estava pouco claro, pediu-se uma repetição das últimas frases:

**“Não, meu filho. Não vos disse já? E quereis saber da Torre do Sino. Ela não existia mais. Já vos disse que foi derrubada e não se ouviu mais falar dela. O frontão foi concluído à semelhança de Wells, e o relógio e certos sinos ali pendiam.

UM DA COMPANHIA.

O meu nome é JOHANNES GLASTON.

Eu sou o Irmão PETRUS LIGHTFOTE

(que deu e dedicou o relógio).”

SESSÃO XXXVII, 23 de Setembro de 1908

"Sentámo-nos na grande galeria sob a janela oeste e observámos os peregrinos quando o sol se punha. Era, na verdade, uma visão magnífica, e que comovia a alma de quem ali estivesse. O órgão que se encontrava na galeria respondia àquele que tocava no grande ecrã, e os homens ficavam maravilhados, sem saber qual dos dois respondia ao outro.

Então os foles sopravam e o homem que batia com as mãos no teclado tocava ainda com mais força, e todos cantavam Te Deums, de modo que toda a cidade ouvia o clamor dos cânticos, e os pequenos órgãos nas capelas uniam-se ao triunfo. Então os sinos tocavam e pensávamos que o som devia ter chegado às portas do Céu. Mas agora já não sabemos, pois havia pecados, e as fraquezas e pompas dos homens não são dignas do ouvido d'Aquele que habita nos céus."

(Segue-se aqui uma referência a certo Radulphus, cuja história já havia sido contada anteriormente.)

"Mais haveremos de procurar no grande exército de coisas passadas — são tão difíceis de encontrar."

SESSÃO XL, 15 de Outubro de 1909

(Pouco depois da escavação do canto da abóbada sob o refeitório)

"...Caiu pesadamente e ficou como morto, e o Rei estava bem disposto. 'Vede,' disse ele, 'como pesa a boa cerveja sobre este pobre folião...'

"E o meu Abade impôs muitas e severas penitências, de modo que Johannes precisou de bebida e boa disposição para aliviar a sua fraqueza. 'Oh, por uma taça cheia,' exclamou ele, 'por uma boa bebida; há tanto que está errado.'

"E encontrastes o lugar onde jazera, e ainda agora o cheiro da boa cerveja paira sobre os pisos. Eu vou, eu que vos contei. *Peccavi!*"

'Bem,' disse o Padre Abade, 'envergonhaste-nos diante do Rei, e ele não nos recordará no dia da nossa adversidade.'

'Não,' disse Johannes, 'mas o Rei, que estava de mau humor, ficou depois bem disposto por causa do pobre Johannes e do barril de boa cerveja. Ai de nós! Que tanto da boa cerveja tenha sido desperdiçado para divertimento de um rei!' Ao que se seguiram mais *paternosters* e muita penitência no claustro. Já o tendes. Que mais quereis?"

Este trecho foi muito difícil de decifrar, e o seu conteúdo tão diferente do esperado que praticamente nada se compreendeu na altura. Por isso, pediu-se que fosse repetido.

"Já vos disse. Porque me perguntam mais? Aqueles que trouxeram o barril de cerveja içaram-no com uma corda, pois o Rei pediu mais cerveja morena, como aquela que costumávamos fabricar na Abadia. A corda quebrou-se, e o Rei divertiu-se, e eu digo — contestem se quiserem — não foi Johannes nem a cerveja que destruíram a nossa bela Abadia, mas sim o desejo do Rei e a pressa que tinha de possuir a nossa casa.

Porque disseram que eu, que tanto amava a minha Abadia, teria causado a sua ruína? Rezei muitos *paternosters* por algo que não foi pecado meu. A corda partiu-se. Ele é que foi o culpado.

A Casa de Hóspedes ficava frente ao Salão dos Monges, e havia, como dizeis, grandes painéis entre as duas mesas, e o Abade tinha a sua mesa elevada, e também o Rei tinha a sua, mas esta era isolada por um biombo. O grupo do Rei festejava com as suas taças.

Quanto ao Salão? Tapeçarias belas e carvalho entalhado, e seis janelas altas ao lado, e uma bela janela nos frontões, e por baixo dela uma galeria com cantores para agradar à majestade do Rei, e hábil música. O púlpito estava em silêncio — não havia homilias, mas os irmãos escutavam canções de valentia e prazer em vez de *paternosters*. Mas nessa profanação estava a morte da nossa casa, pois o Rei cobiçou as nossas iguarias e vinhos, e não se importou em salvar-nos da desgraça que se avizinhava; e aquele em quem confiávamos, o grande Cardeal, estava a cair, embora não o soubéssemos. 'Esperai,' disse o nosso Abade, 'ele é nosso amigo, foi ele que me fez Abade. Convidai-o à nossa casa.'"

Este trecho era, de novo, muito difícil de decifrar, e antes que se compreendesse o seu conteúdo, foi pedido novamente. J.A. desconhecia totalmente o conteúdo.

"Disse que havia seis janelas no grande Salão, e uma grande nos frontões, onde estavam os cantores. Disse que o Rei cobiçava a nossa Casa e os nossos prazeres, dignos da majestade de um rei. Isso foi a ruína da nossa casa, pois aquele que fez o nosso Abade estava ele próprio a cair em desgraça, e não podia ajudar-nos — ele, o Cardeal de Ipswich. Mas nunca foi Johannes e a cerveja!"

SESSÃO XLII, 18 de Abril de 1911

As fundações da Capela de São Dunstano, na extremidade oeste da Capela de Nossa Senhora, tinham sido descobertas, e eram evidentemente de data mista — a original provavelmente muito antiga.

Pergunta de F.B.B.: "Quem construiu a Capela de São Dunstano?"

Resposta: "Edgar construiu há muito tempo. Radulphus restaurou essa obra. Depois veio o fogo e queimou-a. Então passou a ser uma capela no muro.

Dizem que não tínhamos os seus ossos, mas mentem, pois tínhamos os ossos das pernas dele, e alguns ossos pequenos que levaram para Cantuária, e Johannes sabe disso desde há muito. Abriram o túmulo e levaram-nos de volta. Que querem dizer aqueles que afirmam que não os tínhamos? Todos o sabiam, e os peregrinos vinham de Cantuária pelo velho caminho de cavalos para os venerar.

O telhado caiu! O homem do portão passou a viver ali, e já não era uma capela — *vae mihi!* Acabou! O Rei ordenou! Porque todos nós, que devíamos obedecer, éramos dóceis. E assim não foi.

JOHANNES DE GLASTON."

SESSÃO XLIX, 29 de Julho de 1911

Este pequeno fragmento surgiu de forma totalmente espontânea, sem qualquer introdução.

Os vestígios encontram-se na linha do muro (agora removido) que dividia o recinto interno do externo.

"À noite, o som de muitas águas refrescava o solo ressequido. Das torres e dos telhados altos o som vinha como o som de torrentes, e as gárgulas gritavam umas às outras, e os claustros sussurravam consolo e frescura enquanto dormíamos sob o telhado do dormitório nas noites secas e sufocantes.

Eu, que falo, ainda me recordo da glória do som, mesmo agora, e sempre amei as águas e a lagoa, e as vozes que sussurravam à minha volta. Por isso ia eu pescar na lagoa, e as glórias da natureza eram ainda mais gloriosas do que os

Te Deums no coro. Por isso amava eu a chuva sobre os nossos cem telhados, e as miríades de vozes que vinham das gárgulas.

Dormia do lado sul, junto ao grande frontão, e assim ouvia eu o som enquanto os outros dormiam. *Vae mihi*, que tudo isso passou! E já não se ouvem as vozes."

SESSÃO L, 30 de Julho de 1911

Embora nenhum de nós soubesse disso, esta sessão estava destinada a ser a última da série. Salvo por algumas poucas ocasiões em 1912, foi impossível continuar estes experimentos. Mas a Sessão XLIX termina com uma mensagem de despedida e, como se verá, também a última sessão o faz. E em certos aspetos, o conteúdo da escrita é uma espécie de revisão do papel desempenhado por Johannes, oferecendo uma explicação das influências relatadas, cheia de sugestões interessantes.

"Simples ele era, mas, como o cão ama o seu senhor, assim amava ele a sua Casa — com um amor maior do que o de qualquer daqueles que a planearam e construíram. Esses eram da terra — planeadores e construtores para a sua própria glória, e nunca, embora homens honestos, para a glória de Deus. Mas Johannes, maravilhado e confuso com a sua beleza, deu-lhe o seu coração, como quem o entrega a uma amante querida; e assim, estando preso à terra por esse amor, o seu espírito permanece, em sonhos, agarrado à visão desaparecida que os olhos da sua alma ainda veem.

Tal como outrora vagueava pela lagoa e via o pôr do sol a brilhar sobre as suas torres distantes, agora, em sonhos, a parte terrestre dele tenta vislumbrar as glórias desaparecidas, e guiado pela pedra do amor, sabe que vós também amais o que ele amou, e por isso esforça-se por vos oferecer vislumbres dos seus sonhos.

Simples filho da Natureza — amando-a, sem saber porquê; mas amando-a ainda mais profundamente precisamente por não saber porquê a amava. Não fora feito para ser sacerdote do coro, e isso perturbava-o muitas vezes. Filho da Natureza! Amava a liberdade, e era mais feliz no pomar e junto à lagoa do que a cumprir os rituais do coro.

Os homens amavam-no pelo seu amor, mas frequentemente o Prior não o compreendia, e confundindo a aparência exterior, onde ele falhava, com uma falta de culto interior que eles próprios não podiam sentir, impunham-lhe penitências mais adequadas às suas próprias costas. Deveríeis saber quem o compreendia verdadeiramente, e ler o seu significado interior.

Ele queria dizer-vos o que via — mas como poderia descrevê-lo? Era belo, e a sua alma rejubilava, como queria que também vós rejubilásseis, mas não

conseguia explicar porquê. Era bom. Era agradável à vista, e através dos olhos a sua alma elevava-se, numa época em que as almas rastejavam.

Era belo, e ele sabia-o, mas quando lhe perguntam: ‘A que se assemelhava?’ — ele não vos pode dizer. Era celestial — tal como o pôr do sol — e as sombras sobre a lagoa — mas ele não podia pintar essas coisas nem reproduzi-las para vós.

Aqueles outros, os grandes e simples, passaram e foram para outros campos, e já não se recordam, a não ser quando o amor de Johannes obriga a sua mente a uma memória antes esquecida.

Então, através da sua alma, falam eles vagamente, e Johannes, que não compreende, é o elo que vos liga a eles.

Aprendeis e compreendeis.

NÓS, OS VIGILANTES.

Adeus.”

SESSÃO LI (primeira da nova série), 26 de Janeiro de 1912

Sem perguntas prévias.

“Aqui, o Dinamarquês alcançou a maior sabedoria. Muitos deuses existem, mas embora haja muitos nomes, os princípios são apenas dois — Bem e Mal, Amor e Ódio. Por isso, quando matou os saxões, ele não sabia que seguia o Mal, mas, arrependido há muito, abraçou o Amor, que é o Bem, e a sua tarefa tornou-se fácil. Por isso pertence agora à Irmandade, trabalhando com coração alegre para expiar eternamente o mal que outrora fez, e por isso em constante labor, ali, na alegria do Céu.

‘Purgatório’, diriam alguns dos irmãos, mas o Purgatório é o Paraíso, se a intenção for perfeita e o sofrimento sem tibieza. Durante algum tempo há alegria no pecado, mas apenas até que chegue o dia. Correi a corrida com todo o coração, não como os mornos. A felicidade está nos extremos, mas a única alegria que dura para sempre e cresce sem fim é a alegria de lutar pelo Bem.

Assim é a influência benéfica de Glastonbury.”

“Aqui falou o Dinamarquês — outrora guerreiro, agora lutando sempre pelo bem. Não sejais fracos de ânimo; esforçai-vos ao máximo — aí reside a felicidade. O trabalho, e mesmo o sofrimento, fazem o Paraíso, não o Purgatório. Assim falei.”

(A influência muda)

**“Chega Johannes, fraco pelo tempo passado. Que quereis? Encontrastes a nossa Igreja e os lugares santos onde os meus pés indignos pisaram, e o Salão onde alguns falavam de Glaston e outros comiam para se fortalecerem

nas ordenanças de Deus. E encontrastes a pequena capela onde os nossos mais santos jaziam. E então? Que pensais?

O muro com o postigo e o pátio defronte ao cemitério e a antecâmara vêm, e além deles a Grande Câmara onde o povo se reunia nas festas. Depois, a grande Cozinha, e em frente dela a câmara do poço no pátio — está desaparecida, mas o poço permanece, embora cheio. Certos homens rudes desceram por ele à procura do Tesouro, mas não o encontraram, ainda que retirassem quase vinte cúbitos de água. Depois deitaram abaixo as paredes e encheram-no de novo, pois Johannes Parsons, o vaqueiro, caiu nele e morreu, e então disseram: ‘O espírito do nosso Abade anda à solta e vingou-se.’

Depois vinha o grande Portão do Rei para o pátio interior, onde não havia árvores, mas apenas um grande caminho pavimentado.

Era de teto alto, quase quarenta pés, abobadado, e sobre ele uma câmara, e uma porta lateral dava para os aposentos dos leigos. E assim até ao pátio da Cozinha, mas o esmoler John Bryan morava sobre o grande portão, e um porteiro vivia ao seu chamado, no lado sul. Também ali havia uma torre e um grande sino, que tocava para as refeições na Câmara do Rei. Mas tudo isso já desapareceu há muito — *heu mihi!*...

Não fui eu, Deus sabe, não fui eu! Porque me prendo ao que já não é? Sou eu, e não sou — é parte de mim que habita no passado e está presa àquilo que a minha alma carnal amou e chamou ‘lar’ durante tantos anos. No entanto, eu, Johannes, sou de muitas partes, e a melhor parte faz outras coisas — *Laus, laus Deo!* — apenas aquela parte que se lembra agarra-se, como memória, ao que ainda vê.”**

SESSÃO LIV, 17 de Agosto de 1912

“Johannes agora está muito distante: distante, porque a força é fraca; assim pode ele estar dentro de vós e ainda assim distante, pois a força é como a distância — uma varia com a outra. Queríamos dizer muito, mas a fraqueza aqui é força que foi reunida para outros deveres. Tudo ele não pode fazer. Que quereis? As pedras escritas na sua memória como as conheceu? O que é real e o que está no seu sonho, ele não sabe... Cessa... e, no entanto, permanece nele sempre o mesmo. Que vos queria ele dizer? — não pode ler os vossos desejos.”

[Nota: uma possível fonte de erro nas comunicações, que por vezes podem descrever como ainda existentes coisas que talvez tenham já sido destruídas por vândalos da época moderna.]

“Escavastes vós — o que procurais junto à torre da escada que levava aos aposentos dos leigos, onde ultimamente se punham os doentes? Do corredor e

escada que levavam do Claustro ao velho cemitério, havia uma porta no corredor e uma escada quadrada. Dava acesso às casas dos leigos. No rés-do-chão, a câmara para reuniões, e acima dela o dormitório e uma pequena câmara, com portas da escada para cada uma, e no lado sul uma porta para o Refeitório da misericórdia, e outra para a galeria sob a janela que dá para oeste, e o pátio de lajes e a Casa de Hóspedes. Assim era. E o corredor do nosso Senhor Abade abria-se do muro para o pátio a partir do passeio coberto do Abade, abobadado em pedra.”

SESSÃO LXI, 9 de Dezembro de 1912

Em resposta a uma pergunta:

***“Isto já vos disse. Dormia sob o telhado onde jaziam aqueles que eram carnosos e pesados. Assim estava ordenado que fizéssemos.

Por isso me lembro dessas escadas — por causa da minha gordura. Mas de nada me serviu, embora o meu pai Prior o recomendasse muitas vezes. Ai! Tornei-me mais gordo.

Mas não que o meu ventre fosse o meu deus. Não o era, sei-o bem! Mas eu era alegre e pouco me perturbava, exceto pelos serviços na igreja, pois preferia os caminhos e os bosques, onde muito caminhava — com cansaço, por causa do meu peso.

E então dizia: ‘É vontade do Senhor. Uns são feitos gordos, outros magros’; e isto dizia àqueles que troçavam, que os portões do Céu foram feitos bem largos para todos os tipos de gente, para que nenhum dos criados ficasse entalado à entrada.’ Isso dizia, pois zombavam de mim com as suas pilhérias.”

“Lembro-me de muitas coisas. Só me recordo de metade — mas apenas das pequenas. As grandes (pesam), tal como eu mesmo me via preso no portal, por causa da sua carga, e Johannes, como antes, não consegue erguê-las e jaz sob o seu peso. Queria explicar, mas preciso ganhar força...

Sempre fui assim: de coração alegre, mesmo quando prestes a desfazer-me em lágrimas. Assim fui feito. Não era culpa minha. Leve de pensamento, salvo os pensamentos que não podia exprimir; e as piadas ligeiras voltam-me agora. Alma alegre! Se ao menos tivesse voltado a minha alma para as coisas grandes, não seria hoje uma criança entre brinquedos. Mas nunca fui feito para ser monge. Colocaram-me no coro, quando eu teria preferido empunhar a espada...”

EXCERTO DO TEXTO OBTIDO A 15 DE SETEMBRO DE 1912

“Mas alguém aguarda — o próprio Johannes — cujo corpo, espalhado aos ventos do Céu, outrora jazia no cemitério dos monges, junto ao lado leste da Capela de São Miguel, no meio do cemitério. Que importa? Ele vive ainda na Memória universal, e fala e age por todos os canais onde a Vida Universal flui.

E contudo, quando é ele mesmo, fala bem, como fazia nos tempos rudes que são como ontem.”

Nestes breves, mas densos trechos, a filosofia do autor é posta em foco. Humilhando a arrogância da mente individual — por negar que o simples mecanismo do cérebro humano possa alguma vez originar a ideia — eleva, contudo, o pequeno "eu" limitado à consciência de uma possibilidade tremenda e bela: o contacto com algo maior do que si, e no entanto afim. E à dignidade de uma comunhão mística em que a solidão finda, e Passado e Presente se revelam como partes de um todo vivo — pontos no perímetro de um círculo cujo raio é a Vida para além destas limitações.

Podemos afinar o nosso pequeno mecanismo para responder às necessidades, prazeres e interesses do nosso breve percurso fragmentário; ou, desprezando isso, harmonizá-lo com o pensamento inscrito na grande curva exterior do círculo da Memória, gravado ali pelas vidas daqueles de tempos distantes. Então esses registos reviverão para nós, e pelas portas da nossa alma fluirão, da fonte viva da Ideia, as suas recordações ordenadas.

Não pelo nosso poder, mas pela Porta invisível da mente subconsciente, essas memórias ligar-se-ão às nossas — não pela evocação do “espírito” de Johannes, mas pelo poder do Espírito Universal, cuja vida permeia todas as regiões do Tempo, e em Quem nós e Johannes, e todos os que comungam com o seu pensamento, somos um só.

A GÁRGULA

Em meados de Junho de 1908, quando os trabalhos de escavação ainda estavam nas suas fases preliminares, J.A. e F.B.B. encontravam-se em Glastonbury. No extremo oeste da pequena cidade, numa bifurcação do caminho, ergue-se a menor das duas igrejas medievais sobreviventes — conhecida localmente como “St. Benedict’s”, mas que é na verdade dedicada a São Benignus, companheiro de São Patrício quando este chegou a Glastonbury no século V.

Esta igreja foi erguida sobre o local de uma capela muito mais antiga, pelo Abade Richard Bere, cujas armas e iniciais aparecem sobre o pórtico norte. Possui uma bela torre ocidental, típica do estilo de Somerset, e na cornija do campanário há várias gárgulas esculpidas. A posição mais proeminente, no

centro do lado oeste, é ocupada por uma escultura que, vista do oeste, à medida que se entra na cidade, parece ser a cabeça bem executada de um Abade, com uma alta mitra adornada de jóias e lappets.

O rosto é expressivo, comprido, com sobrancelhas retas e expressão austera. Pela estreiteza da estrada, ao aproximar-se só é possível ver o perfil elevando bem a cabeça, num ângulo algo desconfortável; e talvez por essa razão o facto extraordinário tenha passado despercebido: o de que não se trata de uma cabeça humana, mas sim de um grotesco animal com pescoço estendido, curvado contra a parede como é típico das gárgulas, e com o dorso arqueado como um gato em combate, adornado com vértebras salientes.

Foi J.A. quem primeiro notou, e chamou a atenção de F.B.B. Ambos ficaram naturalmente muito interessados, embora o foco principal na altura fosse o trabalho de escavação na Abadia, sendo isto um tema marginal. Pouco depois, realizou-se uma sessão, e segue-se o registo:

SESSÃO XXXII, 16 de Junho de 1908

Pergunta de F.B.B.: “Quanto à escultura da gárgula na torre de São Bento, que de diferentes ângulos parece uma cabeça de Abade e também um animal grotesco: isto foi feito por brincadeira?”

Resposta: “Não sabemos das pilhérias dos que trabalharam para nós, e que por vezes eram rudes com os que tinham poder. Nós construímos a igreja de São Bento. Não sabemos o que esculpiram, apenas que a igreja era bela e firme para o povo. Os grandes mestres e pedreiros de reputação não faziam tais brincadeiras na nossa igreja da Abadia, sabemos bem disso.”

REBUS MEA.

SESSÃO XXXIII, 17 de Junho de 1908

“Eu, Johannes Lory, mestre pedreiro da Guilda de Santo André, ao esculpir a gárgula de São Benedito, descí da escada e fui caminhar, pois estava frio e era Outubro. Ao regressar, vi que a minha obra se assemelhava ao nosso Abade, e então reesculpi e tornei-a digna. De facto, era o nosso Abade — e assim disseram os que viram. Não foi minha intenção, mas assim foi, e creio que o nosso bom mestre Abade não o soube. Era deveras parecido, e assim o deixámos.

Procurai vê-lo de manhã, quando o sol não brilha — vereis com mais verdade. Não tive qualquer desdém, Deus me é testemunha.”

TEXTO OBTIDO EM OXFORD — 25 de Agosto de 1917
(J.A. presente; F.B.B. e Miss D. Nenhuma pergunta prévia.)

Após uma breve passagem em latim, ilegível:

“Wolsey, o Cardeal, hospedando-me com o Rei, nomeou-me Abade, velho como eu era.

Aqui ficava o Salão que ele construiu nesta cidade, no seu Chancelerado.

Já disse que vim a Oxford, e Wolsey, o Cardeal, fez-me Senhor Abade no Salão que mandara construir. Eu era velho e fraco, e não vim no meu alazão, mas carregaram-me em liteira, e assim, eu, o velho, tornei-me Abade na velhice. Queira Deus que assim não tivesse sido; então teria a minha morte sido outra.

Conheceis o Salão que ele construiu? É onde agora repousais.

Não vim no alazão. Estive muito tempo na Abadia de Westminster, pois estava doente. E com o Cardeal vim para Oxford, e ele fez-me Abade, contra a minha vontade. Estive em Westminster. Ali vi o Rei, e quis saber porque me desejava como amigo, sendo eu Tesoureiro da minha Abadia. E assim tinha de ser.”

No dia anterior a esta sessão (sexta-feira, 24 de Agosto), estive na Bodleian e consultei o *Monasticon* de Dugdale, de onde retirei a seguinte nota: “Após a morte de Beere, 47 monges transferiram a eleição do seu abade para o Cardeal Wolsey, que declarou Richard Whiting, então Chanceler da Casa, seu Abade.”

Eu não tinha mostrado isto a J.A., nem houve qualquer menção a Whiting na nossa conversa. A referência a este episódio no texto obtido no dia seguinte parece envolver um elemento de pura telepatia mental — inteiramente subconsciente, pois o tema não estava nos meus pensamentos no momento da sessão.

— F.B.B.

SESSÃO XVA, 1 de Fevereiro de 1908

Este registo não foi incluído na série geral, pois o conteúdo revelou-se totalmente alheio a tudo o que até então surgira ou se referisse a Glastonbury. É apresentado como exemplo das “intrusões” que, ocasionalmente, quebravam a continuidade do tema principal dos escritos.

Primeiro, foi desenhada uma espiral, seguida por algumas letras ou caracteres impossíveis de decifrar. Depois, um losango ou retângulo; em seguida, um oblongado maior encimado por um semicírculo, como se indicasse um edifício com cúpula, com uma linha inclinada a partir dele; e finalmente, uma cruz. Seguiu-se o seguinte texto:

“IBÉRICO, que vagueou até aqui trazendo estranhos dons e tesouros. Vigiai, pois do desejo é criada a realidade, e do mito surgirá a verdade sólida. Mistério da Fé e da Matéria! De um pensamento todas as coisas foram criadas, e de um pensamento as coisas antigas hão de renovar a sua existência.
UM DOS CONTROLADORES DAS COISAS QUE SÃO.
UM PENSAMENTO EM SER.”

Seguiram-se rabiscos vagos e várias linhas de escrita completamente indecifrável, sendo apenas duas palavras legíveis: CONSTANTINUS e JUSTINIAN. A escrita torna-se mais clara no final da página, prosseguindo assim:

“...que seguiu as quilhas fenícias até ilhas distantes do Mar, cujos tesouros eram grandes; e que Phaedrus levou no seu navio para procurar segurança e mercadoria num só destino. Phaedrus obteve muito estanho e deixou-o nestas margens, um Príncipe entre eles, casando com Yseuguilt, a sua Princesa, e deles descende uma linhagem real.

Dos territórios dos Ibéricos e Címricos, sentaram-se nos tronos e deram ao mundo o Nome que vive em todas as nações.

Quem sou eu? Alguém que viveu com eles desde Cafarnaum, através das ilhas da Grécia, e passando pelos estreitos que Fáros iluminava, até aos mares tempestuosos e rochedos negros onde se encontram os metais.

A norte, o povoado de Tintagella; a sul, os estuários dos rios, e no interior, as terras florestais e os pântanos onde nasce o sol. Ali edificou um Templo, tal como os de outrora em Judá, e ali reinou.

Assim fui eu, ó homem! — o meu nome é Phocis, o Marinheiro.”

Ao traçar num mapa da Cornualha o percurso indicado no texto, a leste da costa entre Tintagel e Padstow, o dedo caiu sobre uma aldeia na orla do pântano de Bodmin, assinalada como “**Temple**”. Nem eu nem J.A. tínhamos consciência da existência desse topónimo, nem recordávamos que a nossa atenção tivesse sido em algum momento dirigida para ele.

Quanto à identidade do viajante real, o texto não oferece uma declaração definitiva. Se o nome está presente, teme-se que seja irrecuperável devido à obscuridade da parte ilegível. Ele vinha de Cafarnaum e veio — ou terá sido Phaedrus? — procurando segurança e comércio num só intento. Podemos identificar a sua Princesa? **Yseuguilt** — ou **Yseult** — é, talvez, uma entre muitas, mas pode ser que exista algum registo de uma princesa cónica chamada Yseult que casou com um príncipe ou mercador oriental.

E que dirão os antiquários de Temple? De onde vem o nome curioso deste pequeno lugar? Será apenas por causa de uma casa da Ordem dos Templários, ou de uma tradição muito mais antiga e agora quase mítica, perdida nas brumas da Antiguidade?

NUM ESCRITO DE 24 DE ABRIL DE 1918, surge o seguinte trecho:

“O fluxo das forças espirituais é para o ocidente, seguindo e impulsionando as forças das coisas materiais. Por uma lei de revolução reforçada de todos os pontos do universo espiritual, este movimento é universal. Sendo assim, as coisas materiais aparecem primeiro, motivadas por razões frequentemente mundanas e, do vosso ponto de vista, pouco espirituais.

Assim, os que habitavam em Creta, revisitavam as memórias e tradições de outros da mesma raça e civilização, que há muito haviam sido impelidos para ocidente, além dos grandes continentes da América até às costas da Ásia, e de lá, através dos terrenos desolados da Ásia até à grande bacia do Mediterrâneo, continuando a interminável rota, sempre para ocidente, além das colunas de Hércules, até às ilhas onde se encontram os metais nascidos do fogo.

Assim, por influências materiais, grandes migrações foram motivadas pela necessidade de metais para embelezar templos, endurecer o bronze para fins guerreiros e, em suma, para as várias necessidades do desenvolvimento humano na civilização e no conhecimento.

Mas logo as forças espirituais que sustentavam essa migração tinham objetivos mais profundos. Elas seguiram-na e transformaram-na, removendo as influências mundanas, e um grande desenvolvimento espiritual surgiu nos lugares onde os seus instrumentos prepararam o solo.

Phocis, ou a raça de Creta, comerciando com Poseidon e em busca da púrpura de Tiro, foi assim posta em contacto com aqueles que adoravam o Deus Único em oposição aos muitos.

Isto abriu o caminho para a construção de um Templo no seu povoado de Tintagella.

Assim surgiu pela primeira vez a medição e o desenho que seriam mais tarde fielmente reproduzidos naquele avanço final que culminou no templo de Glastonbury.

E Tintagella era o antigo local do santuário do Deus Altíssimo. Assim, o Templo — uma reprodução exata em todas as medidas — foi replicado em Glaston sobre este alicerce.

Phocis era Phocis — um centro e núcleo, um locus justamente nomeado, mas em si apenas um príncipe mercador de Poseidon e Eubeia.”

Nota: Isto parece ser escrito em defesa da forma feminina “Phocis” usada no original. Esta é a forma correta em grego para designar a região, ao passo que “Phocas” seria a forma adequada para nomear um homem oriundo de Phocis. Um correspondente levantou esta questão numa carta a F.B.B., mas J.A. estava totalmente alheio a ela.

A HISTÓRIA DE EAWULF

Nota: Durante a escavação junto à fundação do corredor sul da nave, em continuação dos trabalhos nos alicerces da torre sudoeste, encontrou-se um enterramento de natureza curiosa.

O esqueleto jazia na argila, mesmo fora da parede, e a cabeça estava protegida por uma “pedra caída” com uma cavidade cilíndrica aberta ao nível do pescoço, onde repousava o crânio. Entre as pernas do esqueleto encontrava-se um segundo crânio, mas partido. Aos pés, uma pedra plana colocada na transversal, e junto a ela, do outro lado, um conjunto de ossos das pernas, etc.

Seguiu-se o seguinte texto, escrito pouco após a descoberta:

SESSÃO XXXIV, 19 de Setembro de 1908

“Radulphus Cancellarius, que matou Eawulf em combate leal, sofreu ainda assim com a seaxe (espada curta) do seu inimigo, que lhe partiu os ossos. Ele, morrendo muitos anos depois, quis que os que o amavam o sepultassem fora da igreja, onde costumava alimentar os pássaros na sua cadeira. O sol brilhava ali, como ele gostava, pois o seu sangue era frio.”

“É estranho, mas sabemos que é verdade. A cabeça de Eawulf estava ali. Enquanto escavavam em torno do seu corpo, não perceberam que a cabeça de Eawulf caiu, e assim ficou entre os seus pés. E assim a encontrastes.”

“Eu, Gulielmus, conheci a velha igreja que Radulphus derrubou, e muito ainda jaz sob o chão da nova igreja. Procurai para leste de onde escavais agora, e encontrareis muito; e das antigas estruturas fizeram as abóbadas, e algumas são mais profundas. Não vos deixeis enganar pelas aparências.”

Nota de apoio: O antebraço direito foi posteriormente encontrado fraturado.

"Sob o lugar onde agora pensais que tudo termina, verão muros muito profundos da antiga igreja. Ninguém os conhecia, e não foram destruídos. Procurai também a norte da tal escavação: há ali algo que talvez desconheçais."

Pergunta: "Porque foi a cabeça de Radulphus protegida por uma pedra de fecho, quando o corpo não foi encerrado?"

Resposta: "Assim ele o quis. 'Que os vermes da terra devorem o meu pobre corpo com todos os seus pecados', dizia ele. 'A minha cabeça sempre lutou contra o corpo. É a melhor parte de mim. Vede, dizia ele, que a protejais! Esse corpo imundo – deixai-o ir', dizia ele."

Pergunta: "Como veio Eawulf a ser sepultado ali, e quem era ele?"

Resposta: "Não conheceis Eawulf, o Jarl de Edgarley, de sangue real, que combatia o normando e teria morto Turstinus? Um saxão valente, ele, e um que dizia que Glaston fora construída pelos saxões, e saxónica haveria de permanecer. Por isso foi enterrado em Glaston e não na sua própria capela em Edgarley. Os santos homens de Glaston, eles que eram de sangue saxão, sofreram muito por causa da sua violência em sua defesa, e Deus sabe, não por rebelião deles; e tiveram a sua recompensa, pois um saxão voltou a ser abade por um tempo."

Nota: Pensou-se inicialmente que "Radulphus Cancellarius" se referia ao grande Radulphus (Ralph FitzStephen), responsável pela reconstrução da Igreja Abacial após o grande incêndio de 1184; mas isso daria 83 anos depois da época de Turstin, o primeiro abade normando (c. 1066–1080). Malmesbury fala dos problemas causados pela tirania de Turstin e da chacina dos monges por soldados contratados. Mas a história de Eawulf é nova.

Eawulf, Jarl de Edgarley. O nome era-nos completamente desconhecido. Edgarley fica a cerca de 1,5 km a sudeste de Glastonbury. Existe ali uma antiga capela dedicada a São Dunstan. Uma consulta posterior aos Anais Ingleses Antigos revelou o seguinte registo datado de 885 d.C.: "Eanwulf, Conde de Somerton, sepultado na Abadia de Glastonbury." Somerton situa-se cerca de 10 km de Glastonbury, também a sul – isto sugere a perpetuação de um nome de família ao longo de seis gerações, ou cerca de 200 anos.

SESSÃO XXXVII, 23 de Setembro de 1908

Pergunta: "Como se explica a grande diferença de datas entre Radulphus e Eawulf? Não conseguimos conciliá-las."

Resposta: "Não conhecemos as vossas datas, nem os tempos que passaram; mas sabemos isto – Eawulf e Radulphus combateram, e o normando matou o saxão. Isso é facto, tal como o sabemos. Confirmai os vossos tempos e olhai para o Domesday para esclarecimento.

Lembramo-nos que (Radulphus) tinha cem anos e três quando foi ter com os seus pais: – vigoroso e de boa aparência ainda – mas os ossos afligiam-no pelas dores que continham. Por isso buscava o sol. Iremos procurar mais no grande exército das coisas passadas. São tão difíceis de encontrar! O que está oculto será revelado, e toda a abadia está nas vossas mãos – mas procurai. Todas as três igrejas estão abertas para vós, e uma que era de antigamente no meio da nave da nova – pouco resta, pois Turstinus a removeu quando construiu de novo a igreja normanda."

Pergunta: "Foi Eawulf quem liderou o ataque no combate? Como sucedeu?"

Resposta: "Os velhos têm ira forte, mas a juventude deveria poupá-los. Mais não sabemos – iremos procurar."

O texto interrompe-se aqui, entrando na descrição (já dada) da procissão dos peregrinos ao pôr-do-sol, com música de órgãos e sinos.

SESSÃO XLII, 18 de Abril de 1911

O problema das datas ficou em suspenso por dois anos e meio. Numa sessão em que se abordaram outros temas da história antiga, F.B.B. lembrou-se de perguntar novamente sobre Radulphus e Eawulf.

Pergunta: "Por favor, expliquem a aparente discrepância de datas na história de Radulphus e da sua luta com Eawulf."

Resposta: "Não Radulphus do rei Henrique (isto é, FitzStephen, 1184). Radulphus, o Tesoureiro, era normando do tempo de Turstinus – ano de mil e oitenta e sete. Era Ralph. Eorwulf de Edgarley, já velho, encolerizou-se porque os soldados de Turstinus haviam matado os monges saxões. Ralph, cavaleiro normando e tesoureiro de Turstinus, matou-o. Quem era ele? Radulphus FitzHamon – segundo sabemos, um homem perverso."

Pergunta: "Onde foi sepultado Ralph FitzStephen, o do rei Henrique II?"

Resposta: "Ralph, primo do rei, morreu – segundo julgamos – em Wincastre, e ali foi enterrado. Foi Chanceler da Inglaterra."

Nota: As duas respostas anteriores foram lidas em voz alta, mas, infelizmente, a primeira foi mal interpretada por F.B.B., devido à escrita pouco legível. F.B.B. entendeu erradamente que se dizia que Ralph de Turstinus era FitzStephen (embora o sentido fique claro com posterior análise). Assim, perguntou:

Pergunta: "Porque dizeis que Ralph, tesoureiro de Turstinus, era Ralph do rei Henrique?"

Neste ponto, a influência muda e uma "personalidade" poderosa, já conhecida de sessões anteriores, toma o controlo.

Resposta: "Lede. Eu não disse isso. Não disse 'Ralph do rei Henricus', mas 'Ralph, o normando'. *Taedet damnosum. Lege!*
IMPERATOR."

"Ouvi-me, bárbaros estultíssimos! Eu sou o Imperador, que fiz interpretações pela alma dos insulares.
CÆSAR."

SESSÃO XLVII, 13 de Junho de 1911

"Eu fiz esse edifício. Tudo quanto fiz era de abóbadas em leque. Não havia abóbadas em barril. E sob elas, três belas janelas de quatro panos com travessas e pequenos elementos em forma de castelo nas rampas. E se escavardes na parede da nave, há ali muita coisa caída. Procurai o grande pilar da nave em frente ao corte: está cheio... pois aí lançaram os fragmentos da minha capela, um baldaquino a oeste, e todos os centrais – belas estruturas, e no meio um pequeno para Nossa Senhora, dourado a prata e muito belo.

Algo resta dos muros exteriores e da parede pela zona do cruzeiro, mas levaram quase tudo há muito tempo. Abóbadas em leque muito profundas... e cada leque tinha doze nervuras, pintadas de vermelho e dourado, como na minha capela de Edgar.

Ainda resta algo de Nossa Senhora. Está em frente da parede ocidental, a cerca de três pés. Procurai bem junto ao talude a Leste: resta algo da parede (do transepto?) onde colocámos os tabernáculos, mas a maioria perdeu-se. A porta para ele fica a oeste, perto do pilar da nave – só uma porta, na nave."

Nota de F.B.B.: Isto deve ser um erro – o sul é o lado da nave.

"R.B. escreveu isto, para tua instrução. Os círculos da abóbada eram dourados, e também os nós centrais, e os vãos côncavos eram vermelho vivo; e o tabernáculo de Nossa Senhora na parede leste, dourado e vermelho; e as janelas eram de vidro amarelo nos canópios, com vermelho e azul nas pequenas luzes. O chão era de ladrilhos vermelhos, com escudos e ornamentos em amarelo também, e era muito belo e magnífico – tal como a minha capela de Edgar, mas mais bela, pois edifiquei esta mais tarde, cumprindo um voto meu."

Pergunta: "Qual foi o teu voto?"

Resposta: "Não sabeis que fomos derrubados por homens rudes em terras estrangeiras, e que a mula que me carregava caiu, pois eu era um homem grande e pesado? E estando prestes a cair por uma encosta íngreme ou a ser pisado pela mula, clamei por Nossa Senhora, e ela ouviu-me, de modo que o meu manto se prendeu num espinho e fui salvo. Então disse eu: 'Ao regressar, construirei uma capela a Nossa Senhora de Loreto.' E tão imediato foi o meu voto que os irmãos ficaram desgostosos, pois fora decidido em Capítulo que devíamos erigir uma capela ao nosso Edgare antes de eu embarcar no navio. Assim, primeiro construí essa, por ser um voto público; mas o meu voto pessoal cumpri depois, e assim tudo ficou bem — foi concedido."

Pergunta: "Qual foi a ocasião da tua viagem?"

Resposta: "Não sabeis da minha embaixada, quando o rei desejava saber o que faria o Bispo de Roma? Assim, viajando desde Pádua, onde aportaram os

navios, caímos entre homens malignos que nos quiseram reter por resgate. Aí caiu a mula, e o resto já sabeis."

NOTAS SOBRE A EMBAIXADA DE BEERE

O abade Richard Bere foi enviado por Henrique VII a Roma em 1503, segundo consta, para felicitar o novo Papa, Pio III, pela sua eleição. Se havia um objetivo político por trás da missão, não é claro, mas os acontecimentos posteriores sugerem-no fortemente.

O novo Papa não viveu tempo suficiente para estabelecer uma política clara: faleceu 26 dias após a eleição, sendo sucedido nesse mesmo ano por Júlio II, um Papa "político" que formou a Liga de Cambrai, seguida da Santa Liga contra Luís XII de França, incluindo Inglaterra, Espanha e Veneza. Henrique VIII juntou-se mais tarde, até à paz com França em 1514.

Quanto à rota da viagem, a menção de Pádua pareceu inicialmente estranha. A rota usual de Inglaterra para Roma passava por Antuérpia, Augsburg e Veneza. De Veneza, poderia seguir de barco até aos cais de Pádua e daí continuar por terra ao longo da costa do Adriático, em direção a Loreto, onde cruzaria os Apeninos a cavalo ou mula.

Pergunta: "Quais eram as dimensões da obra de que nos falaste?"

Resposta: "Em pés, vinte e dois, e quatro passos de largura, e a parede da nave foi reforçada com isso, pois a torre pressionara os muros através da abóbada da nave, e ele [o muro] estava rachado até ao fundo. Por isso a minha capela era alta, com vinte e três pés de altura, e muito forte na abóbada, de modo que amarrava a parede da nave à parede do cruzeiro, onde era fraca. Aqueles que construíram a torre deveriam ter feito arcos nos muros para sustentar as janelas superiores, levando-os pelo cruzeiro dentro da parede para ajudar a torre no ângulo, mas não o fizeram. Assim, ajudei com a minha capela e com um arco que construí desde o topo da galeria até ao telhado da capela, para unir tudo no ângulo. Também edifiquei os grandes arcos da torre. Não foi a abóbada que se soltou, mas sim a torre que cedeu contra a abóbada devido ao seu peso, e assim afastou-se do cruzeiro na parte inferior e cedeu também na parte superior.

– R.B."

Pergunta: "Podes dar-nos uma ideia do estado de opinião nos estabelecimentos religiosos do teu tempo — das visões e ideais em circulação?"

Resposta: "Não seguia superstições. Sempre fui pelo povo e pelo melhor entendimento dos mistérios. Era justo que assim fosse, e não que ficasse só nos corações dos religiosos. Quereis mais? Fiz o que me pareceu melhor, pois os velhos tempos estavam a mudar e os homens amavam o esplendor do nosso cerimonial.

Irritavam-se com os enganos que haviam mantido os seus pais humildes e submissos. Através dos olhos, o esplendor dos nossos serviços podia fazer nascer neles o desejo por coisas nobres, mas eu sabia — e ele, meu amigo, também sabia — que já não estavam dispostos a serem iludidos com artifícios. Tudo mudava no meu tempo, e as guerras fomentavam maior saber. Os ingleses já não dormiam — nem voltariam a dormir. Dixi."

OBSERVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS

As dimensões dadas para esta pequena capela (22 pés por 4 passos) só seriam compatíveis com as fundações descobertas se a medida maior se dispusesse no sentido norte-sul e a menor no sentido leste-oeste. Isto colocaria o edifício a ocupar um vão do transepto, estendendo-se até à parede exterior exposta nas escavações.

Contudo, essa fundação não terminava nos 22 pés — continuava para norte, coincidindo com a projeção setentrional do transepto. Isso sugere que a capela descrita ocupava apenas metade do comprimento, dando a impressão de haver um corredor ou nave lateral anexa ao transepto, como mostrado no desenho da reconstrução interior feito por F.B.B.

A descrição da capela pequena mas solidamente construída no ângulo, servindo de contraforte para a torre e parede do transepto, é plausível, mas as medidas não ajudam a esclarecer o esboço de Coney, nem explicam o muro no talude mencionado pelo jardineiro. As dimensões são pequenas — pouco satisfatórias para uma obra especial deste tipo, especialmente uma que mereceu menção individual por Leland.

E a proporção era estranha: a medida este-oeste era menor, o que tornaria o espaço insuficiente para fins litúrgicos — a não ser que o altar estivesse a norte, algo pouco habitual nas práticas inglesas.

Seria afinal este pequeno edifício a verdadeira Capela de Loreto? Ou apenas um vestíbulo de acesso a uma estrutura mais importante no exterior? A fundação longa, como de um corredor, mais parecia um acesso do que parte do transepto, sobretudo considerando o desnível de cerca de 1,20 m entre os pisos do transepto e da nave. Mas só mais escavações poderiam esclarecer — e na altura, isso era impossível. Assim permaneceu, até que uma nova oportunidade permitisse retomar as investigações.

Assim permaneceu por cinco anos.

Em Dezembro de 1916, F.B.B. e J.A. encontravam-se como vizinhos próximos e, dado o interesse renovado no tema dos fenómenos espirituais, concordaram mutuamente em retomar os experimentos de escrita, embora não tenha sido marcada qualquer data em concreto.

Alguns dias antes, F.B.B. entregara a J.A. alguns apontamentos manuscritos para transcrição, sendo excertos que fizera, anos antes, do Manuscrito Cannon. Havia intenção de os publicar nas *Proceedings* da *Somerset Archaeological Society*, juntamente com o esboço das ruínas anteriormente mencionado, ao qual ambos tinham lançado apenas um olhar casual. Este, contudo, não tinha sido objeto de atenção e J.A. ainda não tinha chegado a essa parte na transcrição quando ocorreu a primeira sessão — no dia 4 de Dezembro.

Assuntos relativos a Glastonbury não estavam presentes na conversa recente, a qual se centrava na Cabala Grega e na geometria a ela associada. J.A. afirma que a sua mente ainda se encontrava absorta nesse tema no dia 4 de Dezembro, excluindo por completo Glastonbury, e que a referência ao MS Cannon não lhe passara pelo pensamento. A experiência de F.B.B. foi semelhante: estivera ocupado com correspondência até ao momento da chegada de J.A., e, tendo selado o último envelope, propôs, de forma espontânea, uma sessão, à qual J.A. anuiu.

F.B.B. imaginava que, caso houvesse comunicação, talvez fosse sobre a guerra e os acontecimentos atuais; J.A., por seu lado, esperava algo sobre simbolismo geométrico. Não foi feita qualquer sugestão quanto ao tema da comunicação.

Segue-se o registo:

SESSÃO – 4 de Dezembro de 1916

A primeira página de escrita apresenta-se apertada e quase ilegível. O que se pôde decifrar foi o seguinte:

“Factos cósmicos estão por toda a parte, mas não são facilmente atingidos... ao reunirdes-vos e obterdes a inspiração que procurais, conscientemente ou não. O resultado é o mesmo, mas a palavra permanece...”

O mundo material é o véu no meio – a teia complexa de um simples tear. Os factos essenciais são eternos e movem-se em círculo, e para aqueles que conhecem o círculo, algo atravessará todos os tempos, apenas vedes pouco de cada vez.

O centro é o ponto em torno do qual tudo gira, e vós, girando, sois conscientes da influência, mas não podeis conhecer o raio...”

Obliviscor. “Durante tanto tempo dormimos junto à Capela Loreto, sob o talude, a trinta passos da *Navis*. Não fostes suficientemente além do talude que aí lançaram. Estava a cinco pés para dentro, e sepultado no lugar onde ele desenhou a *Capitular House*, e o fim da via dos peregrinos passa pelo pórtico, pela portinhola no canto, e pelas escadas frente ao cemitério inferior. Aí mostrávamos as relíquias, e os peregrinos passavam por esse caminho até à Capela de Santa Maria, pelas escadas, e à *Navis Majore*.”

Em caligrafia diferente:

“O abade Bere construiu a Capela de Loreto, bela e ampla, ao lado norte da *navis*. Dissemos que não era a *Capitular House*...

O lado dela distava da *navis* trinta e um pés e meio, e do transepto cerca de dez pés, com uma passagem coberta até ela, e quatro degraus até ao referido transepto. Foi edificada por Bere, belíssima e maravilhosa, no novo estilo vindo da Itália, quando lá foi em embaixada.

Já ouvistes falar disso. A capela tinha quarenta pés de comprimento, e entre vinte e vinte e um de largura, e tinha entrada desde a estrada que ia da Porta de São João até à *navis*, e assim podiam o bispo e Sua Majestade o Rei entrar nela.

Bere costumava aceder entrando pelo Claustro, e por vezes mantinha-a fechada.”

Este texto, à primeira vista, pareceu indecifrável, pelo que foi pedida uma repetição. Esta surgiu claramente escrita, o que permitiu compreender o conteúdo do excerto anterior e identificar palavra por palavra, embora persistam algumas lacunas aparentemente irrecuperáveis. Estas, contudo, podem não ser relevantes, provavelmente referindo-se ao estado ruinoso da *Capitular House* e à sua reparação, como reiterado na comunicação seguinte:

“Já dissemos: era no estilo italiano, novo e muito belo, e Bere a edificou após a sua embaixada em Itália. Não era a *Capitular House*, mas Bere usava-a como tal porque a original estava húmida e arruinada, e encontrava-se em reparação. Já dissemos isso.

Ele recebeu o Rei e o Bispo que estiveram hospedados com ele. A referida tinha quarenta pés de comprimento por vinte de largura (ou por aí) e a sua porta gradeada ficava a oeste, ligando-se por um pavimento à estrada que vai da Porta de São João à igreja.

Não era como nada mais: era do novo estilo. Havia quatro degraus – ou melhor, seis – até ao transepto, e uma passagem coberta, abobadada em volta redonda, até à Capela.”

— *THESIGER*

Pergunta: “Por ‘degraus’ referes-te a escadas ascendentes ou a passos?”

Resposta: “Dez pés, e quatro ou seis degraus a subir até ela.”

A assinatura *THESIGER* tem interesse particular. No início desta comunicação surgem as palavras “*Obliviscor. Tanto tempo dormimos junto à Capela Loreto...*”. Só uma vez antes, na Sessão XLII, a 7 de Setembro de 1910, tal assinatura aparecera. Nessa altura, no final de uma comunicação sobre o santuário de São Dunstan, foi registado:

"Sub marmore dormio, quod taedet me — obliviscor.
— CAMILO THESIGER"

A identidade desta figura era, então, especulativa, mas F.B.B. concluiu tratar-se de *Camel*, o Tesoureiro do abade Bere, cujo túmulo de mármore com painéis almofadados é um dos elementos notáveis na igreja de São João. Camel tinha casa na parte alta da cidade, do lado sul da *High Street*, um pouco acima da Porta de São João, a leste.

SESSÃO – 16 de Agosto de 1917 (em Gloucester)

Nota: os objetivos desta comunicação foram previamente definidos por F.B.B. Pretendia-se esclarecer discrepâncias entre as duas descrições das construções de Bere, registadas nas sessões de 13 de Junho de 1911 e 4 de Dezembro de 1916, a primeira das quais referia uma obra não identificada. F.B.B. sugeria que a descoberta das fundações da "galeria" antes da primeira dessas sessões pudesse ter gerado um viés mental a favor da existência de uma capela nesse local, confundindo assim a escrita.

“O mestre Francesco de Pádua, que me instruiu, conhecia a capela em Itália. Ele também me auxiliou quando a construí em modo italiano, e navegou comigo até à Bretanha. Eu a edifiquei e ornei.”

“Profundo, junto ao talude, está o muro onde os padres se sentavam na velhice; e eles não usufruíam dos irmãos mais jovens, mas eram livres. E quem quereria passar os seus dias em conforto e luxo? Mas a capela não estava no muro, mas na parte norte. Já vo-lo disse. Era assim, e no talude, bem fundo, encontrareis ainda tudo perfeito, penso eu. Houve ali uma escavação profunda que depois foi tapada, e fizeram um talude com seis pés de altura, e assim salvaram o muro do extremo oeste para todos os tempos.”

“Perguntais: que capela era a que ficava sob a torre, para além do Pórtico? Era para as relíquias, e entrava-se nela a partir do claustro do lado de Santa Maria, e subia-se quatro degraus, e dali se passava ao pátio superior e à estrada para a Porta de São João.”

“[Eles] não mantinham as horas canónicas, etc.” — F.B.B.

Sabedoria — foi melhor assim. A terra estava coberta pelas casas de Deus, e a erva já não podia crescer, e foi por providência divina que essas casas foram destruídas, pois já não continham vida. Os homens desejavam uma vida mais plena no mundo e viajar para longe; e a antiga fé já não era necessária, pois as mentes dos homens já não eram como as dos animais que perecem, mas cada homem era uma luz para si mesmo, e não precisava de um pai que o governasse — assim foi melhor, embora muita beleza tenha sido destruída no desmantelamento.

O Espírito vive ainda, e aquilo por que vivemos, sob nova forma, damos agora a vós. Crescei no Espírito. Somos símbolo de grandes verdades, e vós ledes o símbolo corretamente. Aquilo que sonhámos continua vivo, e em Espírito vamo-lo transmitindo, de símbolo em símbolo — sempre mais alto, sempre mais vasto.

Como grandes livros fomos nós, e o nosso trabalho estava na pedra — uma linguagem legada para que vós a pudésseis ler, a qual nós havíamos esquecido, e por isso caímos.

— O que quereis?

Neste ponto, houve uma pausa na escrita. Nem F.B.B. nem J.A. estavam conscientes do que tinha sido escrito. As folhas eram trocadas e postas de lado à medida que se enchiam, e nada era sugerido por nenhum dos dois durante a sessão. Conversaram um pouco sobre outros assuntos. Foi então que F.B.B., sem saber da pergunta “O que quereis?”, decidiu escrever a seguinte questão no papel:

Q. *“Confirmais tudo o que nos foi dito sobre o desenho italiano da capela de Loreto? Por favor, dizei-nos qual foi o edifício em Itália escolhido como modelo pelo Abade Richard Bere para essa obra.”*

A. *“Francesco de Pádua a edificou. Dois desejam falar dele: aquele que a construiu, e eu, que me movi pelas minhas abóbadas e pelo estilo inglês. Ambos a fizemos — eu e ele, meu amigo.”*

“Capella di Marco, em Pádua — ele junto à Chave.”

“Dominic di Vallera Castiglione a edificou no ano de 1497 — via de Santa Úrsula.”

Neste ponto a sessão foi interrompida e retomada na noite seguinte — 17 de Agosto de 1917.

Q. (F.B.B.): *“Por favor, dizei-nos claramente: que edifício era o de 22 pés de comprimento por 4 passos de largura, referido a 13 de Junho de 1911? Para que servia e a que se destinava? Essa é a construção com a abóbada em leque. Dizei-nos exatamente onde se situava.”*

A. *“As cadeias da Igreja foram quebradas. Os claustros estão abertos. Os claustros, como lhes chamais, estão abertos ao vento do norte — no vestíbulo sob a torre — abóbadas inglesas — e a Capela de Loreto, no estilo italiano.*

A Capela de Loreto estava ao nível inferior, com quatro ou seis degraus até ao pavimento. Um degrau a separava da via que ia da Porta de São João até ao Pórtico Norte.

Procurai a minha capela como vos disse, no talude. A entrada dava-se a partir do oeste, e tinha uma porta para o pequeno claustro junto ao transepto da grande Igreja, e quatro degraus até ao pavimento.

A porta encontrava-se na parede do transepto, no seu extremo.

Quereis muitas coisas? A vinha estava junto aos tanques, atrás das Casas dos Padres que construí, em frente à estrada, e além da galeria junto ao Portão de Santa Madalena, junto à água. Do lado do Grande Pátio ficava a olaria — além dos viveiros.

Procurai os alicerces a leste do grande pátio onde se situava a capela do prior, e eu construí em frente dela.

Escavai também perto das Cozinhas, que estavam muito próximas.

Aquilo que os irmãos de outrora nos legaram, nós seguimos, sempre edificando sobre os seus planos. Como dissemos, a nossa Abadia era uma mensagem nas pedras.

Nos alicerces e nas distâncias reside um mistério — o mistério da nossa Fé, que vós esquecestes, tal como nós, nos últimos tempos.

Todas as medidas estavam claramente marcadas nas lajes da Capela de Santa Maria, e vós destruístes-las. Assim estava registado, para que os que construíam e os que vinham depois soubessem de antemão onde deveriam edificar.

Mas essas coisas passaram, e já não têm valor. O espírito perdeu-se, e com a perda do espírito o corpo decaiu e deixou de servir-nos.

Ali estava o Corpo de Cristo, e em redor dele teriam existido os Quatro Caminhos. Dois foram construídos e mais nenhum. No chão da Capela de Maria estava o Zodíaco, para que todos vissem e compreendessem o mistério. No centro da Capela, Ele estava deitado; e a Cruz d'Aquele que foi nosso Exemplo e Exemplar.

Braineton, esse fez muito, pois era Geomante da Abadia nos tempos antigos.”

Estas afirmações curiosas parecem estar relacionadas com factos já registados sobre a Capela da Senhora e outros que vieram à luz com o estudo do plano total da igreja e dos edifícios monásticos. Descobriu-se que todo o complexo estava disposto em quadrados de 37x2 pés (ou seja, 74), e notou-se que

nenhuma das fases construtivas rompe essa simetria, até ao tempo do último abade.

Assim, o comprimento total da Grande Igreja com a Capela de Santa Maria era de 592 pés — oito quadrados de 74 pés cada. A largura da nave e do coro também segue essa métrica. Este sistema permitiu localizar muros desaparecidos e, em grande parte, recuperar o plano original, já publicado nas *Proceedings da Somerset Archaeological Society*.

Quanto às linhas geométricas gravadas no chão da Capela de Santa Maria, vale a pena citar Guilherme de Malmesbury, cronista do século XII, que escreveu:

“Esta igreja é, certamente, a mais antiga que conheço em Inglaterra, e por essa razão é chamada *vetusta ecclesia*... No seu pavimento podem ver-se, por todo o lado, pedras embutidas em triângulos e quadrados, decoradas com chumbo, sob as quais — se eu acreditar conterem algum enigma sagrado — não estarei a cometer injustiça para com a religião.”

O plano da Capela é um exemplo perfeito da *Vesica Piscis*, com proporções de triângulo equilátero duplo — o mais sagrado símbolo dos construtores cristãos. Quanto aos “quatro caminhos”, ver-se-ão exemplos antigos como o crucifixo da catedral de Lucca, cujos braços são inseridos num círculo, evocando o Zodíaco e os quatro signos fixos — Aquário, Leão, Touro e Escorpião — correspondentes a São Mateus, São Marcos, São Lucas e São João: Anjo, Leão, Touro e Águia na simbologia cristã. O que se quis dizer com “só dois caminhos foram construídos” é ainda incerto.

Não estando ainda satisfeito com a sessão de 13 de Junho de 1911, F.B.B. repetiu parte da sua questão:

Q. “*Mas onde se situava aquele edifício de 22 pés de comprimento por 4 passos de largura, com três janelas de quatro panos e abóbadas em leque? Não percebo como se obtém a medida dos 22 pés. É esta uma medida este-oeste, ou será norte-sul?*”

A. “*A porta para o transepto, a norte, que eu, Camel, usava — ele estava no pórtico ocidental, sob as três janelas altas.*

O que quereis? A nova capela, essa estava no Talude, muito ao longe, em linha com o Transepto, conforme me recordo.”

“Ele nunca foi acabado, nem nunca o será. Capelas, muitas — por toda a parte! Porque carregavam elas o solo, quando a fé estava morta e já não havia necessidade dele? A bolsa estava cheia — havia que a gastar — e assim, quando nem estábulo, nem celeiro, nem abrigo a reclamavam, foi despendida. Porque haveriam então os folgazões e homens ímpios de a gastar? Por isso construímos muito.

Capelas por toda a parte — sem necessidade delas.

Pouca hipótese há de que tenha sido preservada (passagem incerta), mas estava bem coberta, disso estou certo, por causa daqueles que a viriam derrubar.”

João Camel foi “Porteiro da Bolsa” do Abade Bere.

INDICAÇÃO DAS PAREDES EXISTENTES

~ ANTIGA PAREDE LESTE.

O plano inscreve-se num hexágono. As medidas baseiam-se no pé britânico padrão de 12 polegadas. A largura entre as faces dos contrafortes centrais é de 37 pés, em harmonia com o esquema métrico geral encontrado na Abadia. O comprimento da *vesica* é de aproximadamente 64 pés, e os seus vértices tocam as faces exteriores das paredes terminais. Externamente, outra *vesica* envolve o rodapé (ver planta). O interior mostra uma terceira, marcando três quartos do seu comprimento. Cada *vesica* contém um losango formado por dois triângulos equiláteros. As suas medidas são simbólicas e ilustram a geometria sagrada da qual a “*gematria*” das Escrituras gregas é exemplo.

Assim, a área retangular sólida deste edifício é de 37 por 64, ou 2.368 pés quadrados — número que, pela *gematria*, equivale a ΙΗΣΟΥΣ ΧΡΙΣΤΟΣ (Jesus Cristo) ou “Ο ΑΓΙΟΣ ΤΩΝ ΑΓΙΩΝ” (O Santo dos Santos). O losango contido tem a área de 1.184 pés quadrados, muito possivelmente concebido para assinalar a data (1184 d.C.) da construção da Capela. Note-se que Guilherme de Malmesbury alude ao “enigma sagrado” que se crê estar oculto nas figuras triangulares e noutras formas na porta da Capela.

“Pedras lavradas e douradas — sem espírito, digo eu. Como poderiam tais coisas subsistir no dia da ira? Orgulho! Ostentação! Muita glória e muito brilho — mas nem adoração, nem humildade, nem propósito que nos levasse a continuar... Assim passam os tempos antigos.”

Q. “*Mas como se chegou à medida dos 22 pés?*”

A. “*Um claustro da Nave até ao Átrio, e quatro degraus até ao chão do Transepto, e do Átrio, a oeste, a Capela.*

Não era Capela, mas sim o Claustro no canto da grande Igreja. Claustro até à Capela ao longo do corredor — depois o Átrio e a Capela a oeste dele.”

Esta afirmação é agora suficientemente explícita. É possível formular um plano (ver Figuras 15 e 16). O pequeno claustro ao longo da parede do transepto forma um corredor ocidental para o mesmo, cobrindo um vão cuja largura se

sabe ser de quase 22 pés. Neste ponto, une-se a um átrio ou vestíbulo, situado ou junto à base de um pequeno torreão no ângulo noroeste do transepto. Este átrio tem portas em todos os lados:

- (1) a sul, desde o claustro, comunicando com a nave;
- (2) a norte, para o pátio superior, e caminho usado por Camel, o porteiro, que vivia na rua principal (*High Street*);
- (3) a leste, subindo os degraus através da parede do transepto, para dentro deste;
- (4) e a oeste, para o corredor de 10 pés que leva à Capela de Loreto.

Uma última pergunta foi feita, e o resultado é interessante, pois a questão foi apenas pensada por F.B.B., sem ter sido escrita ou comunicada verbalmente a J.A. F.B.B. formulou mentalmente a pergunta:

“Qual era o apelido do arquiteto padovano Francesco?”

Resposta: “*Vecchi — Francesco di Vecchi.*”

Não estando a resposta totalmente clara, a pergunta foi repetida, e veio então a seguinte resposta:

“VECCHI de Torcello, em Itália.”

Nota: Trata-se de um nome desconhecido para nós nesse contexto — F.B.B. Contudo, uma carta recebida por F.B.B. de um inglês residente em Veneza (datada de 19 de Abril) contém o seguinte excerto das *Curiosità Veneziane* (Giuseppe Tassin, Veneza, 1887):

“Vecchia... Stefano della Vecchia, cujo pai Venturino foi aprovado como cidadão de origem a 29 de Outubro de 1629, pertencia à família Della Vecchia, oriunda do território de Bérgamo, sendo antigamente chamada Cornovi... Um António desta família, cujo filho Zacarias foi bispo de Torcello, comprou em 1565 um nobre palácio na *Fondamenta della Madonna dell’Orto.*”

MENSAGENS DE GLASTONBURY 2

PREFÁCIO

Depois disso, instei Bond a escrever toda a história para publicação, pelo seu interesse único, oferecendo-me, caso ele não o fizesse, para tratar eu próprio da tarefa. Na altura, ele hesitou, apresentando boas razões para pelo menos adiar a publicação.

Alguns anos mais tarde, escreveu-me a dizer que decidira imprimir apenas os escritos automáticos que se referissem especificamente à Abadia, e o livro verdadeiramente notável *The Gate of Remembrance* (Oxford, B. H. Blackwell; Nova Iorque, Longmans, Green & Co.) foi então publicado.

Mal este primeiro trabalho foi concluído, parece que as fontes de energia psíquica se abriram de novo, e durante cinco anos surgiu uma quantidade enorme de textos diversos, parte em “latim monástico”, parte em inglês do século XVI, acompanhados de mais esboços — desta vez de uma capela completamente diferente, da qual já não resta qualquer vestígio visível, e cuja existência ainda não foi confirmada por escavações.

Essas comunicações “fantasmagóricas” vinham assinadas por *Johannes Bryant, monachus et lapidator*, pelo Abade Bere, pelo mártir Abade Whiting (que assina “Whyttinge”), e por muitos outros religiosos. Desde cedo, porém, a escrita tortuosa interrompia-se por vezes, sendo substituída por uma caligrafia mais clara e firme. Estas comunicações tinham pouco a ver diretamente com a Abadia e apresentavam assinaturas estranhas, como por exemplo:

“Nós, os Vigilantes”, “Um dos Controladores das Coisas que São”, “O Inominado”, ou “O Guardião das Coisas Tal Como Deviam Ser.”

Entre elas surgiu subitamente a assinatura imponente “Imperator”, depois “Cæsar Aug.” e “Cæsar Augustus, Pacificador et Imperator.” Tratava-se, evidentemente, de uma personalidade dominante e até irritável, que num momento chegou a exclamar:

“Rede, não o disse. Não disse Ralph do rei Henricus, mas Ralph, o Normando. Taedet damnosum. Lege! — Imperator. Audi me, barbari stultissimi! Ego Imperator qui feci interpretationes pro anima insularium. — Caesar.”

É dele, e das várias abstrações mencionadas acima, que surgiram as comunicações mais surpreendentes. A primeira pista, porém, vem do encantador “Johannes, monge”, a 30 de Dezembro de 1907. A primeira parte da mensagem é ilegível, depois esclarece-se e continua:

“... A Capela de Nossa Senhora de Glaston — símbolo das coisas espirituais que não vos são manifestas. As mudanças não devem alarmar-vos. As reconstruções serão mais perfeitas.

Deixai que o Estado caia em ruínas e que as vestes exteriores da Fé pereçam — não temais.

Pois coisas maiores surgirão — grandes nações e grandes ideais.

Trabalhamos para isso. Sede dispostos e não luteis contra a maré.”

“Lá no cimo da crista — prosperai. Tudo se encaminhará para o melhor... A centelha sobreviverá entre as ruínas e reacenderá fogos extintos — fogo que é ainda fogo, mas com chama mais pura. Não podemos apressar o tempo, mas ele é certo, e não está muito distante...”

Aqui, sob a forma de típicas generalidades fantasmagóricas, surge uma forte sugestão de catástrofe secular e espiritual, “certa e não distante”, seguida de uma grande reconstrução.

Em conexão com as revelações arquitectónicas e históricas que se seguiram, surgiram referências — veladas, mas inequívocas — a essa reconstrução, tendo a própria Abadia de Glastonbury servido de tipo e símbolo. Por exemplo, a 20 de Abril de 1908:

“Agir, trabalhar e persistir incessantemente, e a seu tempo haverá lugar para aquilo que outrora foi, e conhecereis de novo os seus edifícios como em tempos se erguiam — os edifícios menores primeiro; e então virá um que edificará a grande igreja — um filho de Glaston, vindo de além-mar. Mesmo agora, ele espera e observa...

A Igreja é sempre a Igreja, e no grande desígnio do mundo, em breve regressamos, e o nosso instrumento, Glaston, ocupará um lugar poderoso... Assim diz Johannes.”

Na excitação das descobertas progressivas e da verificação de afirmações surpreendentes, estas premonições de catástrofe iminente passaram quase despercebidas. E porquê? Entre 1907 e 1914 vivia-se o auge da complacência, da satisfação material, do triunfo tecnológico e imperial. Seria impensável, então, admitir sequer uma quebra ou fracasso da civilização moderna.

Porém, em 1909, e sem qualquer introdução, “Imperator” deu início a uma série de advertências extraordinárias sobre calamidades futuras. Estas mensagens continuaram até 29 de Julho de 1911. Depois, “Cæsar” caiu em silêncio. Mas no fim de 1912 surgiram, por outra via, repetidos avisos de guerra mundial. Em Março de 1918 começou a notável série de escritos intitulados por Bond como “O Script da Guerra de 1918.”

A narrativa de *The Gate of Remembrance* já é, por si só, difícil de acreditar; o que se segue é ainda mais extraordinário. O propósito desta introdução é oferecer o meu testemunho pessoal quanto às datas, pois estive associado a Mr. Bond desde Setembro de 1908, quer pessoalmente, quer por correspondência, e posso atestar a autenticidade cronológica dos materiais aqui incluídos.

Em 27 de Julho de 1918, Bond enviou-me as transcrições de duas profecias relativas ao fim da guerra, datadas de 14 de Março e 19 de Abril, respetivamente. Recebi-as a 11 de Agosto. O restante manuscrito chegou-me a 6 de Dezembro e recebi-o a 19 do mesmo mês.

A primeira dessas profecias foi escrita imediatamente antes da terrível **ofensiva de** Março de 1918, no momento em que os Poderes Centrais pareciam mais fortes. A “reserva estratégica” do Marechal Foch era tida como um mito, e as perspectivas para os Aliados estavam no ponto mais baixo. A

segunda profecia foi redigida no auge da ofensiva alemã, quando Paris estava sob bombardeamento de armas monstruosas e os ânimos, tanto entre a população como entre os próprios generais, estavam mergulhados em receio e desespero.

Para os alemães, aquele foi o ponto culminante da guerra — e o mais otimista dos Aliados mal esperava conseguir sustentar o inimigo até ao Inverno, na esperança de lançar nova ofensiva em Abril de 1919. E foi precisamente nesse momento de trevas e desespero que surgiu, através da escrita automática de um arquiteto e do seu amigo, esta afirmação tranquila e segura: **no dia 26 de Agosto a guerra terminaria com vitória total para os Aliados**, embora persistisse “uma aparência de guerra” durante algum tempo.

O que aconteceu?

Sem ousar acreditar inteiramente na profecia — embora conhecendo a precisão surpreendente dos escritos automáticos em relação a Glastonbury — e animado pelo êxito repentino da ofensiva de Foch (iniciada três semanas antes), ousei afirmar junto de alguns que a guerra terminaria antes do Dia de Ação de Graças — e, claro, fui alvo de escárnio.

Mas na segunda-feira, 26 de Agosto, os sinais confirmavam a previsão. Entre os vários relatos daquele dia fatídico, constava o seguinte:

"O inimigo simplesmente se desintegrou"

"Uma era dramática começou com súbita surpresa"

Londres, 26 de Agosto:

“Entrámos na fase mais dramática da guerra com tal súbita intensidade que é difícil compreender plenamente o alcance do que se avizinha,” diz o correspondente da Reuter no Quartel-General Britânico. “É um facto assombroso que, desde ontem de manhã, o inimigo simplesmente se desintegrou numa vasta zona.”

Mesmo assim, a ideia de que a guerra terminaria antes de uma campanha primaveril continuava a parecer remota. Contudo, em apenas sete semanas, o impensável aconteceu:

- A Bulgária, a Turquia e a Áustria foram derrotadas e renderam-se;
- Os italianos triunfaram em batalha decisiva;
- A Mesopotâmia e a Terra Santa foram libertadas;
- A Áustria-Hungria colapsou em anarquia;
- O exército americano venceu em Château-Thierry, Saint-Mihiel, e chegou às portas de Metz;
- Os franceses reconduziram os alemães para além da fronteira;

- Os britânicos estavam de volta a Mons;
- Os belgas libertaram metade do seu território, e o Rei entrou triunfante em Bruges a caminho de Bruxelas;
- E a Alemanha rendeu-se, em termos tão severos como nunca antes se tinham imposto a qualquer inimigo vencido na história.

Hoje é consensual, entre analistas militares, que o 25 de Agosto de 1918 foi o dia em que, sob os golpes implacáveis de Foch, a linha alemã colapsou irremediavelmente em vários pontos e que a ofensiva passou definitivamente para as mãos dos Aliados.

Além disso, fontes alemãs admitem agora que “a última semana de Agosto” marcou o ponto de rutura da moral nacional — uma quebra tão completa como irreversível.

Assim, os generais, os analistas militares, os correspondentes de guerra e o público estavam todos enganados nas suas previsões — por cerca de seis meses — enquanto a única profecia exata surgiu por via de uma escrita automática datada de 19 de Abril, sete meses antes do acontecimento.

Qual a explicação?

Alguma terá de haver. Pois este facto — datado, atestado e registado — abre possibilidades infinitas.

E o facto em si é incontestável. Os documentos estão aqui — datados, transcritos e confirmados — para prová-lo.

Se, em Abril de 1918, e no único momento dos quatro anos de guerra em que a vitória imediata, até mesmo a própria vitória, era mais duvidosa, o próprio dia da queda do inimigo é previsto para alguns meses depois, como escapar à conclusão de que algum poder consciente está a determinar os assuntos dos homens, quer queiram, quer não, de acordo com um destino pré-ordenado; pelo menos de acordo com a determinação do destino? Um homem sábio que conheço agradeceu devotamente a Deus por não ser tão supersticioso ao ponto de acreditar em coincidências.

Só uma superstição cimeriana alegaria que uma coincidência, neste caso, seria explicação suficiente. No caso dos escritos de Glastonbury, uma solução plausível é possível sem invocar o “Espiritismo”, pois a própria teoria do Sr. Bond sobre o funcionamento da intuição através do subconsciente é aceitável; também o é a doutrina do reservatório da memória cósmica, e a da personalidade múltipla, um elemento da qual (não a alma imortal, mas algo semelhante à faculdade da memória) sobrevive à dissolução que é a morte, e permanece durante algum tempo ligada ao seu ambiente terreno, esforçando-

se sempre por recuperar uma vida fictícia através da potencialidade do médium.

Em “O Portal da Lembrança” (p. 95) há uma comunicação de “Johannes” que é significativa, pois exprime esta última questão em palavras muito claras: “Não fui eu que o fiz, Deus sabe, não eu! Porque me agarro ao que não existe? Sou eu, e não sou eu, mas parte de mim que habita no passado e está ligado àquilo que a minha alma carnal amou e chamou de ‘lar’ durante tantos anos. Contudo, eu, Johannes, sou feito de muitas partes, e a melhor parte faz outras coisas — Laus, Laus Deo! — apenas a parte que recorda se agarra, como a memória, ao que ainda vê.” Isto, por si só, explica adequadamente como e porque é que a história passada da Abadia se nos apresenta agora, passados quatrocentos anos, e os segredos dos seus mistérios enterrados são revelados.

As previsões sobre o início da guerra e o seu fim pertencem a outra categoria. Aqui não lidamos nem com o passado, nem com o presente, mas com o futuro; num caso, a profecia refere-se a algo que só se concretizaria cinco anos depois, no outro, sete meses depois. A mente subconsciente, o reservatório da memória e a personalidade múltipla falham aqui, sendo necessária outra explicação. O que possa ser, deixo para outros, mais capacitados do que eu, determinarem. Agora, uma vez que a “força” ou “consciência” ou o que quer que seja que se manifestou através do Sr. Bond e do seu amigo “J. A.” estabeleceu a sua reputação de veracidade pela profecia da guerra e pela previsão do seu fim, surge a questão sobre a credibilidade a dar às outras previsões feitas pelos mesmos meios. Considere-se a “chamada às armas” que foi, ao mesmo tempo, o adeus de “Imperator” e está datada de 29 de Julho de 1911.

Aqui está, primeiro, a afirmação de que “o Ocidente cairá” e que “o Oriente herdará o seu legado.” A Grã-Bretanha irá resistir, embora “através de um mar de sangue e sofrimento ela alcance a sua perfeição”, enquanto “uma Cavalaria mais elevada do que a sua própria a poupará no dia da humilhação das nações.” Segue-se a afirmação de que, depois desta grande purgação de “sofrimento e catástrofe”, virão “mudança e morte da alma”, enquanto “estranhas crenças e ausência de crenças ecoarão nos lugares sagrados.” Após um intervalo, “o fermento dos Fiéis agirá e, porque resistirá, transformará o mundo.”

Eis aqui uma clara profecia da inevitável queda da civilização ocidental após a guerra já prevista. As causas deste grande colapso são mais do que sugeridas nos escritos obtidos em 1918, como por exemplo: “Atenção! vós, delirantes. Atenção! vós, fanáticos, vós, pervertidos e desequilibrados, sonhadores de grandes coisas que, delirando pela terra, estão a conduzir e dirigir a besta! — a verdadeira Besta do Apocalipse. Não só envolveis a vós próprios, mas todo o mundo dos vossos ideais numa ruína comum e, por livre arbítrio mal orientado e totalmente pervertido, atrasais o relógio por gerações. Agora é o tempo

designado! Pois agora, o Eu e as suas enfermidades são o pêndulo que oscila para a noite mais escura do barbarismo. Segui o Espírito!

Cedei à influência do Divino, que bem gostaria de vos controlar, e o mundo avançará, com o maior passo jamais dado, até às fronteiras do Reino. Trevas e Luz! O Eu e Deus! Qual, no alívio da ameaça iminente, aceitareis?” Aqui há não só diagnóstico e aviso, mas, pela primeira vez, uma expressão de dúvida quanto ao futuro imediato; pelo menos, a admissão de uma escolha que pode ser feita e ainda não está determinada. Nos primeiros manuscritos, isto é, 1907-09, há uma aparente certeza de uma recuperação que “não demorará muito.” “Caos, Trevas — e uma nova aurora em céus carmesim.” “O conflito não durará muito. A fúria arde intensamente e depressa — e depois a calma num mundo vermelho.”

No início de 1918 parece haver uma certeza mais definida de realização imediata, como, por exemplo, sob a data de 27 de Março: “Dissemos-vos muitas vezes que este é o fim das coisas antigas e do mundo laborioso da guerra, numa nova era e numa nova dispensação. O Espírito da Terra passa para o controlo de um Poder Superior, e de repente, de repente num abrir e fechar de olhos, estará convosco. Está próximo. Nas vossas almas podem senti-lo, e aqueles que estão em guerra e conflito sentem-no mais do que vós.” Durante este ano, contudo, parece haver uma dúvida crescente quanto à rapidez com que a grande revolução que deve seguir-se à guerra atingirá o seu pleno desenvolvimento naquilo que é constantemente referido como o “Novo Reino” ou o “Reino do Meio” entre a Matéria e o Espírito, quando “o martírio da matéria” tenha sido cumprido e, com a sua interpretação pelo Espírito aperfeiçoada, o Espírito pela primeira vez terá controlo universal.

Isto pareceria um progressivo “esclarecimento” da visão da parte de qualquer que seja a força ou inteligência que seja a fonte dos manuscritos, mas a variação nas datas (exceto no caso do fim da guerra, quando a data foi exata ao dia) é explicada pela afirmação na profecia de 19 de Abril, de que, embora a influência (seja ela qual for) “controle forças espirituais que se manifestam na Matéria”, frequentemente “não tem consciência dos movimentos destituídos de espírito da Matéria após a retirada do trabalho espiritual no Tempo.”

Uma elucidação adicional é dada pela expressão bergsoniana (14 de Março de 1918) “O Tempo é a razão da resistência da Matéria ao Espírito.” Agora, por muito que a duração do “Caos e Trevas” do período de revolução e redenção previsto possa ser prolongada pela resistência da Matéria à penetração do Espírito, à medida que esta resistência é efetuada pelos “delirantes e fanáticos”, pelos “pervertidos e desequilibrados, sonhadores de grandes coisas que, delirando pela terra, conduzem e dirigem a besta! — a verdadeira Besta do Apocalipse,” e que não só envolvem a si próprios mas todo o mundo “numa ruína comum, e por livre arbítrio mal orientado e totalmente pervertido, atrasam o relógio por gerações” (3 de Junho de 1918) — a vinda do novo “Reino

Espiritual” está tão claramente prevista como a natureza da força inimiga e impeditiva é indicada.

Dá-se a escolha entre “Trevas e Luz, o Eu e Deus. Qual, no alívio da ameaça iminente, aceitareis?” Os acontecimentos precipitados na Rússia desde a primeira Revolução, na Alemanha desde o Armistício, e o avanço constante dessas forças sombrias sobre os territórios espirituais dos Aliados, dão um significado impressionante a este último manuscrito de 3 de Junho de 1918. É evidente que o próprio homem deve, e de imediato, tomar a sua decisão a favor ou contra uma nova era de Idade das Trevas que pode, em breve, prolongar-se no tempo até igualar a duração da última. É a velha escolha, agora apresentada de novo, entre “Trevas e Luz, o Eu e Deus. Qual, no alívio da ameaça iminente, aceitareis?”

Ralph Adams Cram.

Durante o ano de 1908, e ao longo de 1909 até ao mês de Outubro, a mensagem de Glastonbury foi-se desdobrando. O manuscrito de 1908 dizia sobretudo respeito à Capela Edgar, e as características do edifício foram sucessivamente trazidas à luz após terem sido descritas nos escritos, provando assim a sua veracidade. Primeiro, a capela retangular construída pelo Abade Beere, sobre a qual se disse: “Lançámos setenta e dois, mas eles construíram mais comprido.”

E a medida extrema veio a ser comprovada, ficando a poucos centímetros deste comprimento, embora não existisse qualquer indício desse comprimento, nem sequer qualquer referência a qualquer divisão de comprimento nesta capela, seja em documento ou em tradição. Posteriormente, foram encontrados os vestígios da ábside poligonal, cujo contorno, seguindo a indicação do manuscrito, foi publicado antes da descoberta.

Em 1909, foi recebido muito mais material, cuja exatidão, como no caso da Capela de Loretto, aguarda ainda verificação, o que será tentado quando houver fundos e mão-de-obra disponíveis na época apropriada do ano. Durante este período, não há qualquer menção direta à presença do Imperator, embora, por vezes, se sinta uma influência controladora que poderá ser a sua. Em Outubro de 1909, J. A. (o Sr. John Alleyne) encontrava-se em Teddington e, na noite de 15 desse mês, foi feita uma nova experiência, cujo resultado foi estranho e completamente inesperado.

Em poucas frases concisas, numa linguagem poderosa e cheia de bela imagética, surgiu uma previsão, absolutamente inequívoca, de uma guerra mundial, um cataclismo que deveria ensopar a terra em sangue, com uma sugestão implícita de algum tipo de revolução social a seguir-se ou a acompanhar o conflito. Depois viria uma era de esplendor, referida como “o grande banquete do Christus”, e a comunicação é assinada por “Augustus Caesar Imperator”.

Durante 1910, foram obtidos vários escritos, todos eles aparentemente referentes a Glastonbury, mas não se deteta novamente a influência do Imperator até Abril de 1911, quando este intervém de forma brusca para corrigir um equívoco dos participantes relativamente a Ralph FitzHamon. Novamente, a 7 de Julho, obtém-se um pronunciamento que começa com um apelo à Grã-Bretanha, convocando-a a assumir uma nova herança de grandeza que será sua após a “queda do Ocidente”.

O seu Império irá perdurar, pois ela não falhará em espírito. E com ela, e o seu conjunto de nações, unir-se-ão em lealdade e amizade cavalheiresca aquelas antigas raças do Oriente que aprenderam a amar a sua justiça e liberdade. Parece, de facto, que ela necessitará dessa amizade, e que chegará o dia em que, exausta de sofrimento e sacrifício, estará à mercê da masculinidade ainda não explorada do Oriente, agora desperta para o seu legado mundial.

Que mais flagelos serão lançados sobre a infeliz Europa? O que trará a humilhação final dos seus povos? Seja o que for, é-nos prometido que uma cavalaria superior à sua intervirá para poupar a nossa raça. Não será já possível vislumbrar uma promessa dessa elevada cavalaria na flor da cultura oriental que agora se mistura connosco? A parte final deste manuscrito é, de facto, a sequência lógica da primeira, pois com uma influência e prestígio crescentes nos assuntos mundanos dos modos de pensamento orientais chegariam certamente interpretações mais novas e completas da religião e um maior relaxamento do domínio que os meros intelectualismos da mente mais crua e, muitas vezes, menos espiritual do Ocidente conseguiu até agora, em certa medida, manter.

Exatamente três anos após o aparecimento do manuscrito da guerra de 1909, surge uma nova confirmação do aviso então transmitido. As misteriosas “Papoilas” ali referidas são novamente mencionadas—papoilas de sangue! Foi a 26 de Outubro de 1912 que este segundo manuscrito sobre a guerra foi dado. A guerra dos Balcãs estava então em curso, e não há dúvida de que muitas pessoas acompanhavam a situação com ansiedade, temendo que o conflito pudesse alastrar.

E pode ler-se no manuscrito uma sensação de desgraça iminente para toda a Europa. “POBREZA, FOME E O DESEJO DE GUERRA EM TODA A TERRA SOBRE A QUAL PAIRA A SOMBRA DA CRUZ.” É facto de estranho significado que os territórios invadidos na Grande Guerra tenham sido cristãos, e os povos massacrados e escravizados também. Povos cristãos. A Turquia asiática, isto é, a verdadeira Turquia, permaneceu inviolada e, salvo as guerras internas entre turcos e árabes, que são antigas, o mundo não-cristão foi poupado às provações da invasão.

A transcrição destes primeiros escritos encontra-se anexa a estas notas. São, no total, quatro manuscritos diferentes. Os três primeiros foram publicados no

semanário londrino Light de 18 de Maio de 1918; o quarto, datado de 27 de Junho de 1912, foi recentemente recuperado de um conjunto de escritos diversos, na sua maioria sobre a Abadia de Glastonbury. Diz respeito à ascensão de uma falsa democracia e à sua tentativa de usurpar o poder por métodos grosseiros e violentos.

Os manuscritos mais recentes—os de 1918—contêm alusões ao mesmo tema, e os leitores poderão comparar os primeiros com os avisos posteriores. À primeira leitura, em 1909, do manuscrito que fala das “Papoilas”, o pensamento volta-se naturalmente para uma guerra de nações. Contudo, as palavras seguintes apontam claramente para uma convulsão social: “Não ataqueis e não sereis atacados; e aqueles de coração verdadeiro entre o povo dar-vos-ão abrigo.

Entre eles não tendes inimigos.” Nestes escritos, não parece haver uma distinção clara entre o cataclismo nacional e o social. Ambos estão interligados. Podem ser aspetos duplos de Um Grande Evento.

Aqui começam as profecias da guerra; de repente, sem aviso ou preâmbulo. O escrito foi obtido em Teddington, onde “J. A.” então residia.

— O que está iminente? — Guerra—guerra horrenda. Marte é rei. Sangue de irmãos. Antes do grande banquete do Christus, o Nazareno, ela virá. Os fracos terão de sofrer. Os fortes morrerão. Os que não são nem uma coisa nem outra sofrerão e viverão. Caos—trevas—e uma nova alvorada em céus carmesim. Curvai-vos perante a tempestade.

Deixai os fortes enfrentá-la e serem derrotados. Sede como os santos de outrora, no santuário do vosso íntimo. Não ataqueis, e não sereis atacados, e aqueles de coração puro entre o povo dar-vos-ão abrigo. Entre eles não tendes inimigos. Mas terá de haver sofrimento do corpo. Não temais. O santuário do vosso íntimo é terreno consagrado, e ninguém aí entrará. Aprendei o grande segredo. Deixai que outros lutem pelas sombras. À terra, a terra; e às estrelas, a alma do livre.

O conflito não durará muito. A fúria arde intensa e rapidamente. E depois, a calma sobre um mundo vermelho. Os mestres vigiam: os fantoches brincam, e julgam-se deuses. Que dancem! Desaparecerão como as sombras da noite. Mundo vermelho! Papoilas vermelhas do esquecimento no cemitério do passado, desaparecido para sempre. Dançam ao som de uma música de loucura, que não é do seu sopro.

Crescem e varrem a terra, dizendo: “Vede! Mudámos o rosto do Universo, e não há Deus!” E os Silenciosos olham e deixam de tocar, e a canção da manhã ergue-se. Papoilas vermelhas no cemitério. E depois papoilas vermelhas nos campos de trigo dourados ao sol. Lede, aprendei, e não temais. Tudo está bem, e tudo foi ordenado. Do oceano do Infinito vêm as ondas. Ouvidos surdos

não ouvem o seu murmúrio. Olhos cegos não veem o seu brilho, nem o arco-íris nas suas cristas. Os cegos não guiam os cegos, mas sim os que veem. Eis a vossa resposta.

Ouvindo, não ouvirão: e vendo, não acreditarão, e quem pode mudar o curso do Destino? A força avança. Quem pode alterar ou travar a sua vinda? Apenas observar e esperar! Brincai com os brinquedos das obras do Homem — assim seja. Ele faz os seus instrumentos a partir de coisas humildes. A vossa grande Abadia de ontem — um boneco de criança — nada mais, mas um grande Impulso do Eterno a criou, e o eco dessa Inspiração está agora sobre vós.

Ontem, o trabalho em pedra: eterno e perpétuo, as emoções que tipifica perduram. Tal como a formiga na relva, assim é o vosso trabalho aos olhos dos observadores. Mas, através das eras do desenvolvimento da vossa alma, a semente crescerá, e como arquitetos da alma na Vida do Infinito, conhecereis o valor daquilo que agora pouco vale. Lutai por um prémio de alto valor. Fazei algo bem, e aspirai a reconstruir essa Perfeição que Avalon humildemente simboliza, e tereis uma grande recompensa. Compreendei. Augustus César Imperator.

Grã-Bretanha, Ergue-te! Aquilo que foi, será. Surgem coisas novas, mas o Antigo, com nova aparência, regressará. Já fostes grandes. Sereis grandes de novo sob outras vestes, como Roma foi: e em novos domínios, novas possessões, novas alegrias — estranhas, mas ainda as mesmas. Que mudança vem? Dizei, será a vossa Grã-Bretanha de hoje a Grã-Bretanha de outrora — de há cem anos apenas? Quando o Ocidente cair, a Grã-Bretanha resistirá. O Oriente herdará o seu legado nos dias que hão de vir; e tão bem tentai parar o sol como travar o progresso. Mas, quando esse Dia chegar, a Grã-Bretanha continuará a ser amiga e camarada das nações do Oriente, como sempre foi.

Uma vez Amiga — não mudou — justa e fiel à sua confiança: então, Amiga e Aliada das nações do Oriente. Não vos esqueçais: assim tereis conforto. Ela resistirá, mas a Perfeição chega através do sofrimento e da catástrofe. Através de um mar de sangue e sofrimento atingirá a sua perfeição: a irmã mais velha e o modelo da sua constituição. Mas não temais! Uma Cavalaria superior à sua poupar-lhe-á no dia da humilhação das nações, e com novo crescimento florescerá nas suas portas. Mas então virá a mudança, e a morte da alma.

Os Deuses Antigos serão por algum tempo eclipsados, e credos estranhos e ausência de credos ecoarão nos lugares sagrados por algum tempo; mas depois de um tempo, o fermento dos Fiéis agirá, e porque resistirá transformará o mundo. A grande Verdade manifestar-se-á — a Palavra tal como foi dita. Pois os homens lutarão cada um pela sua própria verdade, e despirão os deuses das suas vestes, e eis! a sua nudez revelará o rosto da Única Verdade Eterna de que todas as religiões são sombra; e os homens dirão: “Não discutais! Eis!

Os vossos Deuses são meus, apenas não compreendíamos!” Mas a verdade do Oriente e do Ocidente é a mesma e, assim, todos se maravilharão. Falei. Imperator. Vale.

Guia “Demos”

27 de Janeiro de 1912.

Nota: A primeira parte deste manuscrito refere-se inteiramente a detalhes técnicos da Abadia de Glastonbury e, por isso, não é aqui impressa. A pergunta foi então feita: “O que reserva o futuro para Glastonbury?” Resposta: Trans oceana spes est. (Do outro lado do oceano está a esperança.)

Imediatamente depois foi escrito o seguinte: Ruat coelum! O Eu e o Luxo.

Demos ergue-se e quer varrer tudo o que há de bom e caridade. Não temais o seu apetite crescente. Ele agarra cegamente o fruto e só apanhará o vazio. Aqueles que estão em altos cargos voltar-se-ão com justa ira e destroçá-lo-ão. Ele ambiciona demasiado e cairá inchado de orgulho e com o sucesso gerado pela apatia e bondade daqueles que deveriam governar com firmeza. Julga que basta estender a mão e o fruto cairá. Mas não é assim que a Lei de Deus e do Homem é subvertida: e, assim como os grandes da Terra perceberam o seu erro, assim este deus de barro se desmoronará no seu esforço pelo deus do Eu. Assim o dissemos. Os elementos da sua ruína estão em si mesmo; e depois de algum tempo, voltará contra si próprio e a terra será como era antes de ele ter surgido para salpicar o sangue dos justos e inocentes no seu seio. Imperator.

26 de Outubro de 1912.

Aquilo de que falámos, sabemos. As ‘Papoilas’ acontecerão antes do Dia de Cristo. Tomai nota do que dissemos. Pobreza e Fome e o desejo de Guerra em toda a terra sobre a qual paira a sombra da Cruz. Aqueles que desejariam estar em paz com os seus vizinhos não o conseguirão, pois a Paz já não reina. Guerra com os vizinhos é melhor do que guerra em casa, e assim há de criar-se motivo para contendas. Quando a Europa estiver esgotada, começará o domínio da Ásia, pois é aí que o Sol nasce. Assim o dizemos.

No final de 1916, o autor encontrava-se instalado em Bristol, com o seu amigo J. A. como vizinho próximo, e em Dezembro foi acordado entre ambos que, dada a crescente atenção ao tema dos fenómenos espirituais, as experiências de escrita deveriam ser retomadas. Entretanto, F.B.B. decidira publicar, assim que possível, a história da descoberta da Capela Edgar.

Uma sessão a 4 de Dezembro de 1916 conduziu, inesperadamente, à produção de material adicional sobre a ainda desconhecida Capela “Loretto”, e o resultado foi que decidiu incorporar no seu livro “The Gate of Remembrance”

todo o material a este respeito, pois a história estava agora completa e só precisava da pá para ser verificada. Assim foi feito, e o volume apareceu no início de 1918, o que nos conduz a um novo capítulo de acontecimentos.

O Manuscrito da Guerra de 1918

Não demorou muito após a publicação de “The Gate of Remembrance” até que Sir William Barrett, F. R. S., bem conhecido pelo seu trabalho na Society for Psychical Research, abordasse o autor com a sugestão de continuar as experiências de escrita automática — ao que este acedeu prontamente e, como J. A. também concordou, as sessões foram retomadas no início de Março. O tema foi deixado em aberto, e a abordagem foi feita com total imparcialidade em relação ao resultado. As três ou quatro primeiras tentativas foram fracassos completos.

Tudo o que se conseguiu foram algumas linhas de escrita minúscula, muito irregular, apertada e quase totalmente ilegível. Por fim, a perseverança foi recompensada, ainda que modestamente, e foi obtido um manuscrito a 10 de Março, e um segundo a 11 de Março, de natureza filosófica. Novamente, a 13 de Março, foi produzida escrita em que era possível decifrar o sentido em partes. Revelou-se uma previsão sobre o futuro da guerra. O essencial era — se corretamente interpretarmos a escrita extremamente difícil — que o final do oitavo mês de 1918 encontraria o inimigo enfraquecido pela falta de recursos e que a sua resistência colapsaria no dia vinte e quatro de Agosto.

A expressão usada foi “cessação das batalhas” — termo incorreto, como se viria a provar, embora tenha sido nesta data que as forças inglesas na zona de Bapaume fizeram a primeira investida decisiva, quebrando a resistência inimiga e, em grande parte, confirmando o sentimento de ascendência que o êxito inicial de Foch havia inspirado.

O resto do manuscrito parecia referir-se a uma peste qualquer que se seguiria à colheita, previsão que, de certo modo, se confirmou. Referia ainda uma segregação da nova raça, ou dos povos escolhidos, mas esta parte ainda não foi esclarecida de forma satisfatória e o manuscrito é praticamente impossível de decifrar.

Foram feitas mais tentativas, ainda com pouco sucesso, e, sentindo que algo inibia a ação livre da faculdade subconsciente do automatista, o autor decidiu experimentar um novo método de dissociar o funcionamento do consciente do subconsciente. Foi o seguinte.

A sessão seguinte, que teve lugar no dia 21 de Março, pode ser considerada como a primeira da nova série. Em vez de simples conversa, para distrair a mente da ação mecânica da mão, F.B.B. pegou num livro e leu continuamente durante toda a sessão. O livro escolhido nesta ocasião foi “National Spirit of Japan”, do Dr. S. Honaga. O resultado foi imediatamente bem-sucedido. Houve logo uma melhoria notável na continuidade e fluidez da escrita, que passou a

fluir de forma regular e estendeu-se por quatro páginas de texto cuidadosamente escrito, mantendo-se bem alinhadas as linhas.

O tema desta comunicação é a reprodução de memórias hereditárias no simbolismo humano, tal como expresso na linguagem e na arquitetura. Houve uma pausa no final da segunda página, e antes de se ter decifrado algo de substancial, F.B.B. perguntou: “Podem dar-nos algo sobre o tema de ‘O Portal da Lembrança’?” A escrita foi imediatamente retomada, mas posteriormente verificou-se que o assunto da questão fora despachado numa única frase curta, continuando-se o tema anterior do manuscrito.

O sucesso do novo método, e a sua clara vantagem em dissociar a consciência normal de J. A. daquilo em que a sua mão estava ocupada, foi tão inequívoco que o mesmo método foi seguido de forma sistemática ao longo de todas as sessões desta série. F.B.B. teve o cuidado de garantir que a atenção do seu amigo estava totalmente focada na leitura, interrompendo-a frequentemente com comentários e perguntas, que exigiam uma resposta ponderada da parte de J. A. Também era seu hábito, no final de cada sessão, discutir com o amigo o tema da leitura, para se certificar de que a sua atenção tinha estado sempre fixada nela. O resultado foi suficiente para confirmar a convicção de que o que fora transmitido era genuíno.

Existem muitos casos conhecidos em que pessoas com capacidade intelectual conseguem prestar atenção simultaneamente a três ou quatro temas distintos, sendo esta aptidão mais comum em homens de negócios que conseguem ditar, frase a frase e em rotação, talvez até quatro cartas sobre assuntos diferentes aos seus dactilógrafos, mantendo sempre o fio de cada pensamento claro e distinto. Mas, embora este paralelo pareça próximo, na realidade não o é, por duas razões.

Em primeiro lugar, o homem de negócios está realmente a realizar um feito de agilidade puramente intelectual. A sua atenção é dada, não simultaneamente, mas de forma consecutiva, e tudo o que faz é saltar de um tema para outro com rapidez e precisão extraordinárias. E esses temas são, em geral, de natureza semelhante, facilitando a transição. O mesmo se pode dizer do especialista em xadrez, que joga vinte e quatro partidas de olhos vendados, “simultaneamente” apenas no sentido em que as jogadas se alternam em rápida rotação. Aqui, porém, deparamo-nos com um problema diferente. A leitura é contínua. A escrita também. Não há pausa, nem por um momento, que permita alternar o fluxo de pensamento.

E o manuscrito, quando lido, trata de um tema tão distante em qualidade, natureza e atmosfera psicológica do tema da leitura, que nada têm em comum. Mais ainda: nestas circunstâncias, seria de esperar que a ação mecânica do cérebro resultasse, quase inevitavelmente, na captação ocasional de uma palavra ou expressão da leitura — fenómeno vulgarmente chamado “metafasia”

— e que essas palavras ou frases aparecessem no manuscrito. Mas nunca tal foi observado. Também nunca se verificou qualquer semelhança entre o estilo literário do que é lido ao médium e o estilo do manuscrito.

O manuscrito tem, de facto, o seu próprio estilo, peculiar e muito diferente do habitual do médium. Mas o interesse único do manuscrito é este: demonstra sempre um propósito consistente, um argumento sustentado, uma memória do que já foi transmitido e a ausência de repetições. Revela independência de visão, bom senso e espírito crítico. Portanto, ao avaliar o valor destes escritos nas condições descritas, deve dar-se o devido peso às características acima referidas e considerar a possível presença de uma inteligência distinta da do médium ou do escritor.

Manuscrito de 27 de Março

No dia 27 de Março, na presença de uma testemunha, M. W., foi obtido um manuscrito do qual se segue um resumo. F.B.B. leu continuamente de “New Book of Martyrs”, de Duhamel. As dificuldades de comunicação foram descritas, e a má qualidade da escrita foi justificada pelas perturbações psíquicas decorrentes do tumulto da guerra no plano físico. Neste turbilhão de emoções, a natureza passional dos recém-mortos é descrita como um elemento ativo, envolvendo-se também o Espírito da Terra. Neste manuscrito afirma-se o triunfo final da causa do direito intrínseco, bem como o declínio do último grande esforço do inimigo, visto no abrandamento do seu avanço, sendo isto o prelúdio do desastre completo.

Anunciam-se também murmúrios de futuras dificuldades na frente oriental do império alemão. Uma referência a uma crónica da campanha da primavera mostrará ao leitor que, nesse momento (quarta-feira antes da Páscoa), a situação era vista com máxima apreensão por todas as nações aliadas, e já não é segredo que o Primeiro-Ministro britânico tinha preparado medidas contra a eventualidade formidável de uma rutura do inimigo até à costa, o que separaria as forças aliadas e obrigaria à retirada britânica dos campos do norte de França.

Manuscrito de 29 de Março

Na Sexta-feira Santa, 29 de Março, tudo estava no pior momento e o espírito público cheio de ansiedade, mas o manuscrito recebido nesse dia estava repleto de esperança persistente, trazendo de novo a certeza da vitória. Foi predita a dissolução da combinação central num futuro próximo. “Vigiai!”, lê-se, “no Domingo de Páscoa a maré mudará e recuará rapidamente e de forma consistente.”

Já tarde no sábado chegou o animador relatório do Sir Douglas Haig de que os ataques do inimigo tinham sido repelidos em todos os pontos, sendo as notícias completas das suas enormes perdas publicadas na segunda-feira de Páscoa, 1 de Abril. E nesse dia, os jornais vespertinos de Londres saíram com a manchete “A MARÉ MUDOU”.

O manuscrito de 29 de Março também dizia que “até os próprios elementos lutariam do lado do direito”. Ora, até aí o tempo tinha sido claramente e consistentemente desfavorável. Mas numa carta de um correspondente ao Daily Chronicle, datada de 2 de Abril, encontramos o seguinte: “Os nossos soldados dizem, e provavelmente muitos alemães pensam, que desde que o fanfarrão Kaiser declarou que esta era a sua batalha, as coisas deixaram de correr bem ao inimigo.

O progresso dos primeiros dias da ofensiva, que motivou tal afirmação arrogante, foi travado, e desde então, no geral, o combate tem corrido claramente a nosso favor. A sorte do tempo mudou, pela primeira vez que me lembro, e voltou-se completamente contra o inimigo.”

Manuscrito de 30 de Março

No sábado antes da Páscoa, antes de chegar qualquer boa notícia, foi obtido um manuscrito que voltava a referir-se à guerra. F.B.B. leu de “Last Abbot of Glastonbury”, de Crake. Indicava-se que, embora todos os sinais materiais fossem até então desfavoráveis aos Aliados, isso era apenas o aspeto superficial de uma situação muito diferente e muito mais esperançosa, mas as forças decisivas só se tornariam visíveis no dia seguinte.

O inimigo, na realidade, estava a despedaçar as suas forças contra uma barreira criada pela energia indomável dos Aliados, pelas suas comunicações intactas e, sobretudo, pela força moral de uma causa justa.

Este manuscrito passa para o despertar gradual da Alemanha para a verdade, há tanto tempo escondida do seu povo sob um véu de falsidade e diplomacia intrigante, agora a desgastar-se. São usadas as seguintes palavras notáveis: “O despertar da alma desta grande nação desviada será o fim da sua força guerreira, e uma nova força apresenta-se que destruirá totalmente a guerra e a derrubará.” E acrescenta: “Amanhã o primeiro grande sinal de fracasso será manifesto, e o que se segue já vos dissemos.”

A Liga das Nações é antecipada neste manuscrito, e a iminência do colapso alemão é prevista assim: “O balanço do pêndulo mostrará a Alemanha em breve não só do lado dos Aliados, mas na linha da frente de uma nova ameaça que surgirá em breve. Ela, que tanto pecou, assim cumprirá a sua própria salvação.” E agora temos a Alemanha a apelar aos Aliados para a apoiarem contra o espectro ameaçador do Bolchevismo! É estranho olhar para este manuscrito da Páscoa e ver estas palavras.

O texto termina com uma passagem sobre os perigos da ignorância e as forças da Ignorância num mundo governado pelo intelecto. A exclusividade do intelecto e o seu fracasso em relação aos mais humildes são apontados como causa da queda das civilizações passadas. Mas, no manuscrito seguinte (31 de Março), é-nos prometido que tal não voltará a acontecer, já que o conhecimento está agora suficientemente difundido para oferecer uma base suficientemente ampla e firme para um tecido social permanente, estabelecido pela união de todas as classes no laço do amor fraterno, que é a base do Cristianismo, que é afinal (citando o manuscrito) apenas a filosofia inspirada de eras anteriores interpenetrada pela humanidade manifestada. (O Verbo feito Carne.— F.B.B.)

Manuscrito de 31 de Março (Domingo de Páscoa)

Nesta comunicação diz-se mais sobre a natureza do intelecto e a necessidade de uma razão esclarecida para controlar as forças da natureza emocional e intuitiva do Homem. É feito um aviso contra o abuso do controlo intelectual que envolveu a alma da nação alemã em esquemas de ambição material, usando a força e a violência para atingir os seus fins. Esta influência tem de desaparecer, cedendo lugar a um reajustamento em que os factores morais e espirituais voltarão a afirmar a sua primazia sobre o lado material do pensamento e da vontade humanos. Termina com estas palavras: “Hoje o equilíbrio muda, e em breve será manifesto para todo o mundo. Que a Humanidade dê as mãos e nunca quebre a corrente. Assim a influência do maior de todos penetrará o todo no tempo apropriado.”

Manuscrito de 1 de Abril

O manuscrito obtido neste dia (Segunda-feira de Páscoa) é de carácter puramente filosófico, e por isso não está incluído nesta série. Trata da génese e evolução das duas potências da alma humana — Intuição e Intelecto, mostrando as suas reacções e a forma como, em última instância, alcançarão uma união perfeita, trazendo a idade de ouro da nossa raça. O encontro das duas potências é comparado à construção de dois arcos de uma ponte, cujo fecho é o Logos Divino, a Razão.

Manuscrito de 17 de Abril

Somos de novo avisados para não nos deixarmos enganar pelas aparências, sendo a tempestade e a tensão dos acontecimentos materiais apenas o fundo escuro de um quadro iluminado por uma manifestação de influências espirituais que conduzem à vitória do Bem e da Verdade. A nova ofensiva, é-nos dito, foi uma necessidade desesperada para a Alemanha, a fim de evitar um estado de paralisia; e, para nós, o novo sacrifício não é em vão. É como a poda de uma

árvore jovem e o enxerto de novos ramos — representando um novo espírito — junto à raiz. O resultado será uma grande regeneração, e não se prevê uma súbita mudança de espírito. Contudo, na Áustria primeiro, e depois na Alemanha, uma mudança de mentalidade torna-se cada vez mais evidente.

Manuscrito de 18 de Abril

O significado do mais terrível e cataclísmico dos acontecimentos humanos é pequeno em comparação com o nascimento dos princípios espirituais. Mesmo o submergir de uma civilização é algo que, na contabilidade final, pesa pouco perante o facto de que o Propósito Eterno, embora frustrado e atrasado pela impreparação do Homem para exercer o Livre Arbítrio numa direcção espiritual, acabará por se impor e estabelecer o Reino destinado. À primeira leitura deste manuscrito, as opiniões expressas pareceram revelar uma crueldade para a qual os participantes não estavam preparados, e F.B.B. exprimiu essa sensação numa pergunta, ou melhor, num pedido de explicação.

A resposta foi dada nestas palavras: “Maio confirmará o que vos dissemos e repetimos. O avanço da força material delineia o plano adotado e leva o inimigo pelas belas terras que se estendem a oeste dele. A onda de realização e verdade avança para leste. Por isso vos dissemos que o coração do inimigo enfraquece de medo e pela consciência do mal cometido. Toda a glória e tudo pelo que luta tornam-se insignificantes perante a descoberta de que foi enganado e traído.

A amargura contra os seus governantes cresce, mesmo enquanto as suas forças avançam desesperadamente contra toda a oposição com fúria crescente; e os próprios golpes que desferem contra a oposição dos Aliados são também desferidos contra o coração e a vida dos seus traidores. Estas condições não podem persistir, mas terão de se romper e terminar em rápido declínio e reacção, tal como uma besta moribunda se torna mais feroz no último fôlego, embora saiba que o seu fim chegou.

Estas coisas dizemos. Isto sabemos, e (estas verdades) são-nos claras onde estamos. Aqueles que podam a árvore não choram pelas folhas caídas e pelos ramos secos. Só vós sois a árvore, saudável e regenerada. Por isso, alegrai-vos e nunca vos entristeçais.”

Manuscrito de 19 de Abril

Neste manuscrito, é-nos dito que os nossos juízos humanos de certo e errado são muito falíveis. Por exemplo, há muito a dizer a favor dos ideais antigos de conquista, e há um propósito espiritual subjacente à guerra que, até aqui, tornou necessário esse terrível instrumento no esquema divino da evolução humana. E, embora nos tenha sido prometido o sucesso da causa aliada, este

sucesso será “mais pelas necessidades do desenvolvimento no esquema da Criação do que por qualquer superioridade intrínseca de um ideal sobre o outro.” Isto achámos muito difícil de compreender.

Dir-se-ia quase que é repugnante. Mas fala-se de “Ideais” e não de “Métodos”, e aqui reside a nossa dificuldade humana, pois não é fácil dissociar estas coisas, nem manter uma visão clara dos princípios, separados da mistura de motivos materiais com que todas as atividades humanas têm, necessariamente, de se amalgamar. É concebível que não teríamos uma opinião negativa do ideal alemão de Ordem Mundial, e de um corpo político perfeitamente organizado sob um governo paternal, se ela tivesse sempre usado métodos humanos e desprezado qualquer ganho material ou engrandecimento de casta na prossecução desse ideal.

Da nossa parte, dizem-nos, tivemos o apoio moral da convicção de que lutávamos pelo Direito, pela Liberdade e pelo apoio às nações mais fracas. Mas estas, e muitas outras convicções intensas, servem apenas para encobrir uma grande necessidade subjacente de liberdade comercial e, ao aceitar o desafio da batalha, as nossas atividades pessoais e nacionais foram um forte estímulo. Contudo, o verdadeiro factor decisivo foi a superioridade dos métodos espirituais sobre os brutais, como fica claro na parte final deste manuscrito. O argumento é clarificado pelas seguintes palavras: “Vós escolhestes o espiritual — eles, o brutal. É assim que diferem. Daí haver uma razão no esquema universal para a vitória sobre a Matéria e os princípios da Matéria. A sobrevivência do mais apto; a melhor base de governo: estes atuam do lado do inimigo e, em condições normais e no desenvolvimento do melhor do Homem, deveriam ter vencido.”

Mas, como sabeis, e vos dissemos, a Era do Espírito aproxima-se rapidamente, e as velhas condições estão a terminar. Por isso vencereis, e assim termina a velha era. A intenção da Guerra, a interpenetração da força material dos vencedores pelo espírito e alma dos vencidos, já não é necessária nem desejável. Pela primeira vez na história da Humanidade, as regras foram removidas e invertidas, porque agora, pela primeira vez na evolução da Terra, o Espírito não só é triunfantemente dominante sobre a Matéria, como esta dominação tornou-se finalmente necessária para o progresso da Humanidade.

DISCURSOS SOBRE PROFECIA

No decurso deste manuscrito surge uma passagem notável relativa à data já dada para o fim da guerra. Aparece em resposta a uma observação intercalada por F.B.B. com o seguinte teor: “O que sentimos que precisamos no presente (acreditando que pode ser útil para muitos) é algo tangível, relacionado com os assuntos humanos, que mostre inequivocamente a presença de um Poder Orientador.” A resposta é a seguinte: “Demos-vos o fim espiritual da guerra

como sendo a vinte e seis de Agosto (sic), e a manifestação material pode e deve coincidir.

Temos esta dificuldade, que embora controlemos forças espirituais que se manifestam na Matéria, muitas vezes estamos inconscientes dos movimentos destituídos de espírito da Matéria depois da retirada da ação espiritual no Tempo. Tal como os oceanos continuam a agitar-se muito depois de passar a tempestade que os moveu; e tal como os conflitos entre indivíduos podem persistir muito depois de a raiva e a oposição terem desaparecido das suas almas, assim uma aparência exterior de Guerra pode continuar, de forma esporádica e intermitente, muito depois de as nações oponentes terem deixado de o desejar.”

Assumindo uma força espiritual como causa estimulante de todos os movimentos humanos, somos obrigados, creio, a admitir o fundamento desta analogia: e daí a incerteza de qualquer previsão de datas. Mesmo entre os expoentes da profecia bíblica, o cumprimento dos acontecimentos sempre esteve sujeito a esta mesma incerteza, e quando estudantes de profecia tentaram fixar datas concretas encontraram-se, em todos os casos que conhecemos, constantemente em erro, pois avançaram muitas vezes a partir de um pressuposto — para o qual não vemos fundamento — de que as datas precisas estão preordenadas e predestinadas. É assim que procuram justificar o conhecimento exacto do Criador. Mas, por outro lado, não exigiriam todos eles margem para o princípio ativo do Livre Arbítrio Humano? E se o Livre Arbítrio ou a Autodeterminação for realmente um factor dominante na formação da história do Homem, é difícil perceber porque razão o curso dos maiores acontecimentos humanos não há de estar sujeito à mesma limitação quanto ao período exato do seu cumprimento, tal como os inúmeros pequenos acontecimentos.

Afirmar a fixidez destes maiores acontecimentos em termos de datas parece implicar a negação do Livre Arbítrio do Homem, uma proposição que nenhum homem pensante pode tolerar. Assim também nos assuntos menores. Impulso, Intuição, Vontade, guiam e controlam, mas o intelecto humano é o agente executivo, e o intelecto humano está envolvido em circunstâncias e condições humanas que favorecem o conflito de decisões. O capitão estabelece um percurso e um horário para o seu navio; mas, embora o destino do navio esteja predestinado, o momento da chegada ao porto dependerá da vontade inteligente dos seus oficiais e tripulação.

De novo, quanto ao poder supremo de Deus, à Providência, à Vontade Todo-Poderosa que preside aos destinos humanos, contentar-nos-emos com a antiga conceção de um Poder puramente Transcendente, que nos move como peões num tabuleiro de xadrez, ou não será preferível pensar no Verbo, no Logos, encarnado no Homem, procurando incansavelmente conquistar o seu

coração e mente, sempre em harmonia com a Vontade e o Propósito transcendente, mas nunca à custa da sua liberdade de escolha?

Manuscrito de Maio

Durante o mês de Maio, vários escritos foram recebidos, mas sem relação direta com a guerra, exceto num sentido filosófico. Muito foi dito sobre o chamado “martírio da Matéria”, sugerindo que o colapso geral das condições materiais, bem como o sacrifício de vidas, estava, na realidade, a libertar poderosas forças espirituais até então retidas na Matéria. E o resultado desse processo seria a aceleração da Nova Era, em que as condições espirituais afirmariam de uma vez por todas o seu domínio sobre o desenvolvimento do Homem.

Outro ponto muito interessante emerge do manuscrito. Trata-se da tendência para ocidente da vida e civilização humanas. O impulso original para a migração para oeste está profundamente escondido na alma do Homem, que normalmente desconhece a sua natureza espiritual. Assim, só os motivos materiais de comércio e conquista, ou a expansão nacional enquanto motivo de conquista, lhe são óbvios, mas os desenvolvimentos mais elevados seguem-se, como se vê no caso da expansão das religiões para ocidente, como diz o manuscrito. Por outro lado, há sempre uma reação de natureza puramente espiritual num sentido oriental, e obtém-se uma aplicação curiosa desta lei num manuscrito posterior, recebido a 1 de Junho.

Manuscrito de 1 de Junho

O instrumento das atividades espirituais que impulsionam os movimentos das raças humanas sempre para ocidente é o magnetismo do Sol, descrito como enrolando, por assim dizer, uma espiral de fio invisível à volta do globo nessa direção, causando assim um fluxo perpétuo de energias psíquicas, ou talvez seja mais correto dizer etéricas, para o ocidente. Mas, por mais mecânico que seja o processo, tem um lado psíquico e até espiritual.

A libertação de forças espirituais através do colapso das condições materiais no Próximo Oriente foi tão avassaladora que as raças do Leste da Europa se encontram agora num estado de complexidade sem precedentes. Cada raça é controlada, no seu aspeto individual e coletivo, pela Alma dessa raça. Trata-se, em cada caso, de uma verdadeira Entidade subsistente, mas uma Entidade numa fase intermédia de desenvolvimento, tal como os diferentes indivíduos da raça.

Agora, na Alemanha temos um exemplo de um vasto e tremendamente poderoso grupo racial, com uma consciência de raça altamente organizada; poder-se-ia quase dizer, uma consciência de raça intelectualizada, mas esta

alma controladora da raça, no caso da Alemanha, foi corrompida por um uso apóstata do Intelecto, e existe hoje como um espírito de raça drogado num coma espiritual, tornando-se, porém, potente no plano material devido à grande coesão das suas partes. Todos os seus membros fazem parte de uma Entidade maior não-manifestada, impregnados de um espírito de obediência cega ao Estado e de uma consciência crescente do seu destino imperial; por isso, a tendência para ocidente manifestou-se com enorme força no plano material.

Batem às suas fronteiras ocidentais e quereriam derrubar toda a oposição e invadir o ocidente se pudessem, mas ao mesmo tempo ocorre algo estranho nas suas fronteiras orientais. Os seus anseios e ideais espirituais, por mais degradados e apóstatas que sejam, estão a encontrar expressão numa direção oriental, e neste aspeto a Alemanha é uma casa dividida contra si mesma. Com o tempo, a derrota material no ocidente enfraquecerá tanto a força material ou bruta da vontade nacional, que o esforço do espírito em direção a oriente a purificará como num cadinho, amalgamando e contrabalançando em si toda a espiritualidade latente e não controlada das raças orientais, sendo o resultado final um novo equilíbrio e reajustamento racial. “Mittel Europa” é, assim, um tipo do que o manuscrito em muitos lugares descreve como o “Reino do Meio” de Matéria e Espírito em perfeita união, que será o Reino de Deus na Terra, os “Novos Céus e Nova Terra”.

Manuscrito de 3 de Junho

(F.B.B. lendo das “Memórias de Grimaldi” de Boz)

Nesta comunicação, o estado das várias nações da Europa antes da guerra é analisado e os seus defeitos são descritos. A Bélgica, diz-se, tinha especial necessidade de purificação, havendo uma sugestão de doença espiritual muito profunda no seu corpo político.

Em França e em Itália, a consciência religiosa tinha-se extraviado, sendo a Realidade submersa pelo Símbolo, pelo menos no que tocava à fé ortodoxa. Eles aperfeiçoaram o símbolo, esquecendo a grande causa do símbolo. A Inglaterra é censurada pelo seu materialismo grosseiro e amor do prazer, mas no plano espiritual é absolvida da apostasia de outras nações. No entanto, os seus “pecados do corpo” têm de ser purgados se quer manter a sua liberdade espiritual e conduzir outros à luz e à liberdade.

A América, sem estímulo racial, é elogiada por ter escolhido livremente, e através de uma admirável unanimidade de consciência individual e juízo individual, a melhor parte. Diz-se dela que, graças à força assim adquirida, perseverará até ao fim e os seus conselhos prevalecerão. A Rússia é um contraste melancólico. As suas intuições raciais, tão espirituais na sua

natureza, estão subjugadas pelo domínio do Intelecto pervertido e, assim, encontra-se entre a mó de cima e a mó de baixo.

AS PROFECIAS DA GUERRA

Manuscrito de 5 de Junho

Este notável manuscrito é sobretudo de carácter filosófico, e contém um aviso e um apelo aos governantes das nações Aliadas de hoje, que aqui reproduzimos na íntegra. O argumento é que toda a verdade espiritual chega pela Intuição e não pelo Intelecto, embora seja apenas pelo Intelecto purificado que a verdade espiritual pode ser aplicada com êxito. “Dai-nos uma nação de homens intuitivos e nós podemos controlá-la, como controlamos o profeta, o poeta, o sonhador, e aquele que usa o intelecto mas o liga conscientemente à sua alma intuitiva.

Prestai atenção, dizemos, e com toda a seriedade insistimos nisto. Prestai atenção para que, na sede de conhecimento e de domínio da matéria, não eduqueis as vossas gerações futuras apenas no plano material. Na verdade, uma nação assim educada pode ser como um aríete no mundo da Matéria — e tendes agora provas abundantes diante de vós. Mas tais nações, como em todas as eras — até àquele berço da Humanidade que jaz sob as ondas do Atlântico — uma nação que encerra em si as sementes da sua própria destruição, deve sofrer morte do Corpo e do Espírito. Educai na vontade da Matéria, privando a intuição, e cortareis a corda que eleva a Humanidade a esferas superiores e liga o Homem material ao Espírito. Este perigo é real.

Temos observado o galvanizar do Espírito adormecido sob a influência da natureza crucificada na condução da guerra, mas isto é passageiro e temporário e, a menos que aqueles que estão entre vós em posição de autoridade cultivem igualmente o Espiritual, tanto em casa como na escola, e na universidade da vida quotidiana, o destino da Humanidade será novamente infinitamente atrasado e lançado de novo no limbo da barbárie, que é a Matéria privada de alma.

A Grécia desenvolveu uma alma, uma alma pagã, que era alma, ainda que apenas a alma do espírito da sua raça manifestada em beleza. Mas isso não bastou. Era uma das sete fibras do divino, mas apenas uma, embora bela na sua manifestação terrena. Mas as sete fibras devem ser igualmente desenvolvidas, sob pena de catástrofe. Mais uma vez, neste momento, apelamos a vós como nação para cultivardes o Espiritual, sob pena de inevitavelmente cairdes em desgraça, embora brilheis como um meteoro no mundo do tempo e, depois de vos apagardes como um meteoro, passeis para as trevas do limbo das glórias passadas.”

TRANSCRIÇÕES DOS ESCRITOS MANUSCRITO

Manuscrito n.º 1, 13 de Março de 1918

Este manuscrito foi produzido na manhã de 13 de Março, em 25 Sydenham Hill, Bristol. O Sr. Alleyne foi o automatista. Nada tinha sido sugerido como tema para a comunicação, e nenhum dos presentes pensava em assuntos de guerra. F.B.B. ainda não tinha adotado o método de leitura em voz alta para o automatista. Durante a sessão, portanto, houve apenas conversa dispersa. O manuscrito é difícil e, em muitos pontos, ilegível. Na transcrição, as passagens duvidosas estão em *itálico*.

“Quando terminar o oitavo mês do ano, o fracasso será mais evidente naqueles que perseguis. O dia vinte e quatro verá a cessação das batalhas. O contorno nítido destas verdades projetará a realidade, e vós as alcançareis. A prova não é necessária, mas tereis a vossa prova para benefício dos outros...”

O resto é bastante ilegível. A escrita foi retomada ao fim do dia, com o seguinte resultado. A primeira parte refere-se à segregação de um povo escolhido dos confins da Terra, mas só fragmentos são legíveis e algumas palavras são conjecturais.

“... dos Israelitas, uma origem comum, e outros, incluindo as raças amarelas do Oriente...”

... A raça escolhida não se confina a Israel, mas deve incluir todos os ramos da origem inicial, ainda não regenerados, mas são? os Filhos de Deus em mistério, que ainda não conhecem totalmente a sua linhagem e precisam de ser purificados, mas ainda não. No entanto, uma parte permanecerá...”

Aqui, só algumas palavras são legíveis, e parecem indicar que se referem a cristãos asiáticos...

“As sub-raças estão envolvidas, oriente e ocidente. São da mesma origem e estão do lado do direito...”

... Quando as colheitas estiverem prontas, os ceifeiros ceifarão em paz. Depois, a peste espalhar-se-á para oeste e sul. Serão poucos, de facto, mas os que vivem para lá das águas serão poupados. O povo será peneirado no joeirar da pestilência, que atingirá os bodes e poupará as ovelhas. Assim o dissemos. Vigiai, orai e não temais: vós sois os imunes.”

Depois, numa letra diferente, muito grande:

“MIL NOVECENTOS E DEZOITO, NO OUTONO,
DEI-VOS O TEMPO E O ANO.

A raça dos escolhidos está segura: não só vós, mas todos os da raça de...
contai-vos membros da raça. Todos são da mesma linhagem, escolhidos e nomeados. Do mar, ninguém senão os da Raça, mas mantêm-se afastados por

temor. Três estão marcados para o castigo, e um deles terá de ser purificado no fogo. Dois combatem com o corpo, e um com o espírito. Este último tem de ser limpo.”

Manuscrito n.º 2, 27 de Março de 1918

Obtido em 22 Cotham Grove, Bristol. Nenhuma sugestão quanto ao tema da comunicação proposta. F.B.B. leu durante a sessão do “New Book of Martyrs” de Duhamel (episódio de Verdun). Algumas palavras no início do manuscrito são ilegíveis devido ao estado da caneta, que manchava.

“... As condições das influências externas são tais que tornam qualquer impressão quase impossível. As vibrações físicas seriam suficientes para sobrepor-se à delicada vibração do outro plano, e quando, além disso, o mundo espiritual é invadido por questões da mais intensa e concentrada natureza, torna-se totalmente impossível fazer qualquer coisa. Os espíritos dos mortos, ligados à terra e ainda profundamente interessados nas condições do campo de batalha, provocam uma perda de equilíbrio nas proporções das influências relativas, interrompendo toda a condição normal por centenas de quilómetros para além da zona de guerra. Uma influência que foi observada entre outras é aquela outrora conhecida como Deméter, mas, por ora, passou. O conflito é a causa do nosso fracasso.

O equilíbrio eleva-se e em breve mostrará clara preponderância do lado do direito intrínseco. O último grande esforço está a passar. Haverá oscilações, mas vemos claramente aquilo que o mundo fervilhante só vislumbra — a vitória do Bem sobre o Mal. Isto é inevitável e é lei da natureza e de Deus. Não temais! Passará, e rapidamente. O clímax que se aproxima, baseado em leis naturais, testemunhará o fim da grande ofensiva. Já a esperança vibra no peito dos líderes, e a Natureza em expectativa retém o fôlego perante o progresso da sua realização.

Mais lento, mais lento, cresce o avanço. O caçador está preso nas suas próprias armadilhas, e após a breve glória virá a tragédia da retirada desordenada. O desastre será tão grande que até os defensores ficarão paralisados de terror. O perigo cresce, e no íntimo o inimigo sabe que o ponto de rutura está próximo. Sentem a agitação de um povo ultrajado no leste, e já se ouve distintamente o primeiro murmúrio da ira crescente. Depois, a barreira que nos separa de vós torna-se ténue e, algures, romper-se-á e abrirá uma nova visão de vida.”

Do mal nasce o bem, e do lodo da Matéria em que a Terra está agora enterrada nascerão os lírios do Espírito, belos, doces e reconfortantes. Dissemos-vos muitas vezes, este é o fim das coisas antigas e do mundo laborioso da Guerra, numa nova era e numa nova dispensação. O espírito da

Terra passa para o controlo de um Poder superior, e de repente, de repente, num piscar de olhos, estará convosco. Está próximo. Nas vossas almas podeis senti-lo, e aqueles que se revolvem no lodo e no conflito sentem-no ainda mais do que vós.

Manuscrito n.º 3, 29 de Março de 1918
(Sexta-feira Santa)

Obtido em 25 Sydenham Hill, Bristol. Não foram feitas perguntas nem sugestões. F.B.B. lia de “Digit of the Moon” de Bain.

“O sucesso material da ofensiva esmorece. Tudo será como já vos disse. Os planos de desespero perdem a sua inteligência. Os corações dos líderes já desfalece de medo pelas consequências do desastre. O pacto está perto do fim na Europa. Devem surgir complicações no equilíbrio de poderes, que é em si uma ordenação de valor inquestionável. O Oriente terá necessariamente de estender a sua esfera de influência sob firme controlo europeu porque assim está ordenado na natureza das coisas. Onde a oportunidade falha e o mal e a decadência surgem, haverá mudança de controlo: mas onde o bem predomina, aí não só persistirá a ordem atual como será reforçada. Porque o Godo é sempre turbulento e o seu domínio é inadequado às raças orientais. Mas a Índia precisa do controlo das suas próprias raças e não se desviará da influência que é benéfica por não ter traído a sua confiança. Em todo o lado, ao longo das eras, as forças do Bem prevalecem e cumprem o seu destino, mesmo que a economia exterior e material pareça fracassar.

Olhai para dentro e aprendei com a história. Nunca o bem último falhou no seu propósito, mesmo que a destruição da manifestação material tenha sido necessária à sua consumação. Por isso, animai-vos e não temais. O equilíbrio deve ser restabelecido, bem estabelecido; um é reflexo do outro. É como um Reino dentro de um reino, e tal como o botão deve rebentar para se desenvolver plenamente e lançar novos rebentos para que o seu núcleo cumpra o seu destino, também a Matéria deve ser toda fraturada e destruída para que a força espiritual contida nela progrida. Vigiai!

No Domingo de Páscoa a maré mudará e recuará rapidamente e de modo consistente. Até os próprios elementos lutarão do lado do Bem e serão usados no cumprimento da armadilha destinada na qual eles caíram. A alma das nações para ser totalmente purificada teve de sofrer até ao extremo, mas não até à destruição completa, até perecer. Nunca assim foi ordenado na história das nações. Nunca este mundo viu as forças do Bem aniquiladas, pois sempre um resíduo de escolha permanece, mesmo que talvez plantado nas almas materiais dos inimigos do Bem.

Assim será agora, pois as nações que lutaram pelo Bem não foram encontradas em falta. A poda foi grande e a foice ceifou, mas a colheita é grande e boa. A colheita espiritual está a ser feita, o suficiente resta do bem, e para os campos do mundo. Pensais que não há bem no Teutão? Há muito bem, e pela poda será preservado para as gerações futuras. Ele tem o seu papel em esferas pré-arranjadas e preconcebidas, e o seu impulso para a perfeição germânica, se penetrado pelo bem que se opôs, fará um grande futuro.

Ele adorou a força, e era sábio até a perverter em luxúria de poder. Desprezou as outras nações, porque julgava que a sua maior brandura era fraqueza. Agora, sabe e aprecia que a força não é brutalidade, e que a filosofia humana dos santos não era mais fraca ou decadente do que a sua. Já perceberam e compreendem bem: e vós perceberéis que há neles algo que era necessário à salvação do mundo.

Espírito e Matéria devem misturar-se, interpenetrar-se e equilibrar-se; daí a necessidade da combinação do Velho com o Novo Testamento assim aqui vagamente representada. Um sem o outro é perfeito apenas no seu próprio domínio. Assim tudo se sujeita à Lei que nenhum mortal pode compreender: a necessidade da Matéria para o aperfeiçoamento do Espírito. Mais poderíamos dizer, mas que necessidade há de mais? Tudo ficará bem no equilíbrio geral do futuro.”

Manuscrito n.º 4, 30 de Março de 1918
(Sábado antes da Páscoa)

Obtido em 25 Sydenham Hill, Bristol. Nenhuma pergunta ou sugestão prévia sobre o tema. A leitura foi contínua durante a sessão, a partir de “Last Abbot of Glastonbury”, de Crake.

“... A crise que domina a situação atual na frente de batalha é, no sentido material, bastante desfavorável. Diversas forças conjugam-se para produzir um efeito arrojado que, contudo, começará a ser mais visível na Europa amanhã de manhã. A energia indomável dos Aliados, o plano forte com que combatem, a perfeição das suas manobras e as suas comunicações intactas, tudo contribui para erguer uma barreira contra a qual o inimigo destruirá em vão as forças do seu exército.

Contudo, as boas influências referidas são insignificantes em comparação com a consciência de integridade e honestidade de propósito que sustenta as suas almas. Dia após dia, a nação teutónica desperta cada vez mais vivamente para a verdade durante tanto tempo oculta, e o grande e até agora impenetrável véu de falsidade e diplomacia intrigante torna-se cada vez mais ténue e impotente. É esta força imparcial que decide o dia, e uma vez que o inimigo perceba que

perdeu a ofensiva, a sua alma voltará instintivamente para aquele trabalho que a sua individualidade incansável sempre lhe proporcionará.

Durante os últimos quarenta anos toda a nação foi cega — cortada daquele sentido estrito de verdade que faz parte da alma da Humanidade. É sempre perigoso ser insular e mesmo as nações que, pelo seu sentido inato de honra e virtude, possam parecer imunes, sofreram no passado por essa razão — nomeadamente a Inglaterra, que, como todas as nações insulares, tem os seus perigos.

O despertar da alma desta grande e enganada nação alemã será o fim da sua força guerreira, e uma nova força apresenta-se que destruirá completamente a guerra e a derrubará. Esta reabilitação e regeneração da própria nação e a recuperação do seu lugar entre as nações, reconquistar-lhe-ão o apreço e a confiança mútuos. Amanhã, como já dissemos, o primeiro grande sinal de fracasso será manifesto, e o que se segue já vos dissemos.

A natureza, e as forças naturais, conduzem a humanidade, contra a vontade dos seus diplomatas, a uma aliança para preservação e proteção mútuas, enquanto o balanço do pêndulo mostrará em breve a Alemanha não apenas do lado da Humanidade, mas mesmo à frente de uma nova ameaça que surgirá em breve. Ela, que tanto pecou, assim trabalhará a sua própria salvação. Não temais a Democracia, se bem conduzida e instruída. A ignorância é o grande perigo de um mundo governado pelo Intelecto, tal como os sentidos são o inimigo da Intuição. Antigamente, a guerra na Terra era entre estas últimas forças, mas agora elevou-se a um plano superior, e assim são estas as forças que batalham no desenvolvimento da raça humana.

Passará: mas, até passar, muitos exigir-se-ão conhecimento dos poucos. Haverá frequentes retrocessos. Os princípios, as intuições, estão noutra esfera onde predomina a influência do Bem, mas, por agora, o Intelecto traiu as Intuições... Os fracassos das civilizações passadas residem no facto de que o ciúme pela posse do conhecimento levou os homens a guardá-lo em cultos secretos e nos corpos das sociedades, ... e, separados pela sua superioridade intelectual, esqueceram a fraternidade humana. E, por fim, a ignorância total da multidão, não controlada por qualquer nobreza de instrução, ergueu-se como uma chama e varreu os brilhantes grupos.

De que serviu o conhecimento desses grupos às massas rastejando sob as paredes do Templo?... O orgulho da posse das joias do saber que a plebe nunca teve trouxe consigo a sua própria recompensa.

Agora não é assim. A ilusão desvanece-se, e todo o conhecimento está aberto a quem tenha o poder de o buscar. E como a alma do Homem aspira sempre a esses dons preciosos de que até o mais ignorante tem consciência, já não existe sentimento de injustiça capaz de causar inveja, e o perigo que outrora

rodeava a aquisição do saber já não ameaça. Por isso, adquiri Conhecimento: não vos afasteis da Luz...

A Luz do Verbo é a consumação de tudo o que é humano: o martírio da Matéria e o correspondente crescimento da manifestação física do Espírito. Nada mais temos agora a dizer-vos, mas meditai e sede gratos.”

Manuscrito n.º 5, 31 de Março de 1918
(Domingo de Páscoa)

Obtido em 25 Sydenham Hill, Bristol. Hora: do meio-dia à uma da tarde. Não foi sugerido tema, mas antes de se sentarem, F.B.B. comentou a dificuldade de ler o manuscrito recentemente dado e expressou esperança de que o que não fosse compreendido pudesse ser repetido. Durante a sessão, a leitura foi de “Last Abbot of Glastonbury”, de Crake.

“Temos procurado salientar-vos o perigo de apoiar uma filosofia intelectual e sublime numa base de ignorância e paixão, e a necessidade de uma cooperação próxima de todos os estratos pelo elemento do amor fraterno, que é a base do Cristianismo, que não é senão a filosofia inspirada de eras anteriores, penetrada pela Humanidade feita manifesta.

Todo o sistema do passado foi necessário no tempo da sua criação; mas pela sua própria constituição estava condenado ao fracasso no plano físico ou comunitário. Por sua natureza, a única filosofia e o único credo que podem persistir são os que se desenvolvem ao mais alto grau no plano intelectual e que, ainda assim, perpassam e guiam os membros mais fracos, controlando-lhes pensamentos e ações pela aceitação inconsciente, pela mente instintiva, da superioridade do Intelecto sobre a Intuição.

O Intelecto é o resultado da penetração da Matéria pelo Espírito, cuja única expressão reside na Intuição. A Intuição manifestada é o Verbo revestido de carne, o Cristo reinando no Homem. O Intelecto é, por natureza, desprovido de simpatia pela Humanidade, e a Humanidade revolta-se. Contudo, o Intelecto, como força reinante, interpenetra todo o futuro da Humanidade, sendo consciente como força vaga por todo o corpo humano, e o espírito luta por ele.

Ignorância e Intuição precisam de orientação, com controlo constante, e a força controladora, no passado, careceu do poder físico para controlar no plano físico. A linha de demarcação foi tão nitidamente traçada que a árvore não tinha raiz no solo da Matéria. Mas que a árvore se enraíze profundamente, e as tempestades da matéria e da emoção baterão nela em vão.

‘Criai raiz para que não definheis.’ Isto vos queríamos explicar. A Alemanha apresentou uma espécie de deformidade: Intelecto a liderar e controlar, mas envolvido indissolúvelmente com uma forma de Matéria — Força e Violência.

E, nesta união mortífera, ela dominou o mundo para o mal. Mas, para o futuro do mundo, esta influência e associação passarão rapidamente.

Mas alguns lembram-se que a idade de ouro representará a mescla proporcional de Intelecto e Matéria — condições cujo nascimento tem necessariamente de ser acompanhado de tormenta e tensão em ambas as esferas de influência.

Cedências e revoltas mútuas: as dores de parto; ou, melhor, as ações e reações de reajustamento. A presente guerra é simplesmente uma exibição deste ajustamento — um crescimento maligno a ser podado e controlado; um sinal, mas não uma necessidade, de funções e desenvolvimentos acelerados. Mas o fim último é inevitável e certo, e o nascimento impedirá um crescimento anormal e canceroso no corpo-político, a Humanidade. Cada membro deste Corpo desempenhará, a seu tempo, as funções para que foi criado.

Mas a obediência cega não foi criada para ser eterna. As mãos têm de conhecer as intenções da cabeça, e ser treinadas para executar as suas funções antes de o trabalho poder prosseguir sem interrupções. Mas o período de treino é difícil e cheio de dificuldades e perdas. Assim o queremos explicar. Hoje o equilíbrio muda, e em breve será manifesto a todo o mundo. Que a Humanidade dê as mãos e nunca quebre a corrente. Assim a influência do maior penetrará o todo no tempo apropriado.

Assim, quando o tempo estiver maduro, a Vida será prolongada indefinidamente, e a Matéria, em completa união com o Espírito, será igualmente eterna: mas não agora, pois a Matéria ainda não está purificada.”

(O notável cumprimento da profecia pascal é comentado noutro local. A data é atestada por Sir William Barrett, F.R.S., e Lady Barrett. — F.B.B.)

Manuscrito n.º 6, 17 de Abril de 1918

Em Sydenham Hill, ao meio-dia. A conversa tinha sido sobre temas literários, com breve referência às notícias da guerra dessa manhã, que eram graves. F.B.B. leu durante a sessão o romance de Edgar Wallace, “The Council of Justice.”

“Não considereis as aparências exteriores, mas na tormenta e tumulto da Matéria podeis antes ver uma consciência das verdadeiras influências espirituais, das quais estes sinais não são senão uma manifestação, causando frequentemente o que chamamos uma antítese, a escuridão sobre a qual se manifestam as forças espirituais.

Assim, quando vos dissemos que a mudança se daria no domingo chamado Páscoa, víamos apenas o facto de que então, pela primeira vez, o Espírito de Justiça e Verdade se tornaria... espelhado nas almas das Potências Centrais,

percebendo estas que haviam seguido cegamente e na escuridão os comandos dos seus governantes...

As suas almas estão a despertar para a loucura e o preço do seu crime. Como ovelhas para o matadouro, avançam, impelidas pelos açoites e chicotes dos seus líderes; decididas ao suicídio se a sorte lhes faltar, pois então tudo está perdido, e só resta a morte. Mas o Espírito derrotará a Matéria e a vitória num plano torna-se mais completa à medida que o triunfo da força física se acentua. Vem também agora a reação da força do Espírito para leste, enquanto o grande fluxo para oeste e com ele a marcha para a derrota continua. O fim já se vislumbra, mas, embora a Matéria lute pela vitória sobre o Espírito, à última hora o esforço do Espírito manifestar-se-á.

O conflito torna-se ainda mais perigoso: e os Vigilantes aguardam na torre. Muito há a fazer até que o Espírito triunfe, e do lado da justiça ainda muito há a purificar. Se fosse alcançada a paz, uma condição de Paz transcenderia o uso da guerra. Tudo são as dores de parto de uma Raça, e não devem ser evitadas nem ocultadas por métodos falsos. Se não tivesse havido ofensiva, a guerra nunca terminaria senão em estagnação e exaustão. O movimento era necessário para um desfecho contrário aos ofensores. Em vós, à medida que o poder da Matéria falha, assim o Espírito se fortalecerá. Não é a decadência do Destino, mas a poda para melhor frutificação da árvore jovem. Não temais o resultado. O solo está formado e enriquecido pelo sangue dos mortos. As forças espirituais combinam-se na seiva que corre, que em breve produzirá as flores e os bons frutos da árvore, e no caule, cortado até às raízes da Matéria, será enxertado um novo espírito.”

Por isso, olhai para além, para as questões últimas; são inevitáveis para a perfeição. Que importa o sofrimento do corpo, pessoal ou nacional? Dos sinais de regeneração, um a um se foi manifestando; e — aquilo que nunca podereis compreender — o Novo Espírito formado nas nações que necessitam de regeneração. Quem pode ver a Conversão, ou captar a sua absoluta maravilha, senão pelas suas obras? Por estas se manifesta um espírito, e não pode haver mudança súbita. Mas na Alemanha, e de forma ainda mais notória na Áustria, a mudança de mentalidade torna-se cada vez mais visível.

As passagens finais deste manuscrito não podem ser decifradas. A escrita é muito difícil em toda a parte. E. G. P. testemunha a data da escrita. — F.B.B.

Manuscrito n.º 7, 18 de Abril de 1918

Houve duas sessões em Sydenham Hill, uma ao meio-dia, e a segunda uma hora após o final da primeira. Só o segundo manuscrito é aqui apresentado, pois o primeiro não fazia referência à guerra. Este é precedido de um comentário de F.B.B., que disse: “Perdemos muita informação sobre a guerra

que nos foi dada, e gostaríamos que pudesse ser repetida.” F.B.B. lia poemas de Dorothy Sayers.

“Maio confirmará o que vos temos dito e repetido muitas vezes. O avanço das forças materiais traça o plano adotado e leva o inimigo pelas belas terras a oeste dele. A vaga de realização e verdade varre para leste. Por isso vos dissemos que o coração do inimigo enfraquece de medo e da consciência do mal feito. Toda a glória, e tudo por que ele luta, se converte em nada ao descobrir que foi enganado e traído.

A amargura contra os seus governantes cresce, enquanto as suas forças avançam desesperadamente contra toda a oposição, com ferocidade crescente; e os próprios golpes que desfere contra os Aliados são, na verdade, desferidos contra o coração e a vida dos seus traidores. Tais condições não podem persistir e hão de romper e terminar rapidamente em declínio e reação, tal como uma fera moribunda tem um último surto de fúria, mesmo sabendo que o seu fim chegou.

Isto vos dizemos. Isto sabemos, e as tendências que acompanham as ações físicas são-nos claras nos nossos lugares. Aqueles que podam a árvore não choram pelas folhas caídas e pelos ramos secos. Só vós sois a árvore, saudável e regenerada; por isso alegrai-vos, e nunca vos entristeçais.”

Manuscrito n.º 8, 19 de Abril de 1918

Em Sydenham Hill (de manhã), F.B.B. leu em voz alta durante toda a sessão, do livro “National Spirit of Japan”, do Dr. Honaga. A primeira parte deste manuscrito trata apenas de princípios abstratos, e não é aqui incluída.

“Demos-vos o fim espiritual da guerra como a vinte e seis de Agosto, e a manifestação material pode, e deve, coincidir. Temos esta dificuldade: embora controlemos... nas forças puramente espirituais que se manifestam na Matéria, muitas vezes estamos inconscientes dos movimentos desprovidos de espírito da Matéria após a retirada do trabalho espiritual no Tempo.

Tal como o oceano pode continuar a agitar-se e ondular muito depois de passar a tempestade que o moveu; e tal como os conflitos entre indivíduos podem persistir muito depois de a raiva e a oposição terem passado das suas almas, assim uma aparência exterior de guerra pode continuar, de forma esporádica e intermitente, muito depois de as nações opostas terem deixado de o desejar.

Aqui segue-se uma breve passagem que não foi satisfatoriamente decifrada... Mas mesmo agora os combatentes cederam ao espírito de paz e benevolência de tal modo que se pode questionar se algum dos exércitos opostos — exceto os seus líderes, que tudo têm a ganhar ou a perder com uma decisão — não desejam até ao extremo cessar as hostilidades; e as nações sinceramente

lamentam, e só desejam a paz, e apenas aqueles que têm responsabilidades continuam em oposição ativa para salvar a própria pele.

Quem poderá sondar o coração dos Chefes das Nações? — pois dizemo-lhes a verdade ao afirmar que aquele a quem chamais o Kaiser está, e há muito, a sofrer um martírio de agonia da alma, com a qual a morte seria alívio. Assim sucede a todos os que batalharam do lado do erro. Do lado dos Aliados isto é menos evidente, pois como nação possuístes e sois sustentados por uma consciência original do Bem, que ainda vos apoia apesar de inumeráveis dúvidas.

Consolastes-vos com a convicção de que batalhastes pelo Bem, pela Liberdade e pelas nações mais fracas. Centenas de convicções intensas e meritórias vos sustentam e confortam, e escondem a grande necessidade subjacente de atividades comerciais, pessoais e nacionais, que também tiveram grande peso no lançamento do desafio da guerra. A preponderância do Bem consciente está do vosso lado e, somado a isso, travastes uma guerra de acordo com princípios espirituais e não apenas materiais e brutais, e assim os vossos espíritos estão mais elevados que os dos vossos inimigos.

Contudo, nas duas nações, os elementos ou princípios que levam à guerra eram muitas vezes idênticos, e na maioria incompatíveis, isto é, do ponto de vista relativo das duas nações. A verdadeira razão por que a balança pendeu a vosso favor é, intrinsecamente, esta única coisa: o fundamento dos vossos métodos no material e brutal ou no espiritual.

Vós escolhestes o espiritual; eles, o brutal. É assim que diferem. Daí haver uma razão no esquema universal para a vitória sobre a Matéria e os princípios da Matéria.

A sobrevivência do mais apto — a melhor base de governo — estas atuam do lado do inimigo; e, em condições normais e no desenvolvimento do melhor do Homem, deveriam ter vencido. Mas como sabeis, e como vos dissemos, a Era do Espírito chega rapidamente, e as velhas condições terminam. Por isso vencereis, e assim a velha era acaba. A intenção da guerra, a interpenetração da força material dos vencedores pelo espírito e alma dos vencidos, já não é necessária nem desejável.

Pela primeira vez na história da humanidade, as regras foram removidas e invertidas, porque agora, pela primeira vez na evolução da Terra, o Espírito não só é triunfantemente dominante sobre a Matéria, como esta dominação tornou-se finalmente necessária para o progresso da Humanidade. Isto pensamos ter agora esclarecido para vós, e compreendereis à luz do que já vos explicámos. Para resumir, explicaremos mais uma vez.

O inimigo combateu com princípios que, em tempos antigos, lhe trariam inevitavelmente a vitória, pois os seus princípios visavam o progresso físico e material da Raça. E sempre foi assim até hoje. E sempre, quando o mundo desceu de uma falsa civilização para a escuridão da barbárie e da ruína, então, desse estado, as flores do jardim espalham-se e difundem o seu perfume por todo o lado.

Assim, pela primeira vez, já não precisam de cair e, embora depois da guerra haja muita dor e sofrimento, e muita poda e enxertia necessária, em vez da destruição da Civilização para o melhoramento último da raça, a Civilização é considerada indigna dessa pena e é-lhe permitido existir ainda, imperfeita, defeituosa, mas suscetível de ser podada e convertida a maiores perfeições. Assim, no lugar dos horrores da conquista, sucederão as dores da reconstrução. É isto que tentámos explicar-vos.”

Manuscrito n.º 9, 1 de Junho de 1918

Obtido em Sydenham Hill, Bristol, às 12h25. F.B.B. pediu mais informação sobre outras formas de vida no Universo, para complementar uma breve referência feita num manuscrito recente. A presente comunicação, porém, não trata desse tema e dedica-se sobretudo a um estudo filosófico da alma da Alemanha. Esta parte é apresentada abaixo. Durante a sessão, F.B.B. leu em voz alta de “Life of Joseph Grimaldi”, de Boz.

O texto começa com uma descrição de certas forças móveis e vitais que afetam a Matéria, uma das quais é o efeito do magnetismo solar em induzir uma tendência para oeste, na Natureza animada, impulsionando tribos e nações para ocidente em conquista, aventura e migração. Este é um efeito físico, mas há uma reação espiritual correspondente numa direção oriental, em oposição à tendência da Matéria. Aqui o argumento é aplicado da seguinte forma:

"Enquanto a Matéria, na sua peregrinação, é impelida para o ocidente, o Espírito, a Intuição, olham para o oriente como fonte da sua redenção, na medida em que o Espírito está revestido e influenciado pela Matéria em que está envolvido. No momento atual, nesta crise presente da história do mundo, as raças da Terra encontram-se numa condição de complexidade sem precedentes, dado que a libertação de novas forças é mundial e não local, tanto física como, ainda mais, espiritualmente. E é necessário estar sem o corpo e influenciado apenas pelas condições espirituais em que estamos enredados, para se poder ter uma impressão verdadeira, ou dominar as condições das suas revoluções internas.

"Em primeiro lugar, há um vasto Grupo-Racial ou Espírito-Racial, drogado por enganos até à letargia espiritual, e que existe apenas como uma vasta manifestação física: uma nação que existe simplesmente como um enorme

grupo-espírito racial, dividido e materializado, tremendamente potente no plano material devido à coesão das suas partes: uma nação lançada numa direção sob a influência de uma manifestação crescente daquilo a que se pode chamar 'Destino', distinta do controlo solar, embora, no entanto, atuando em conjunto e em completa harmonia com o Magnetismo Solar.

A isto junta-se ainda o controlo de grandes forças intelectuais que atraíram para o seu próprio nível material tanto influências espirituais como intuitivas, e as sujeitaram à sua intenção apóstata de controlar um mundo não só de Matéria mas também de Espírito. Eis aqui um Macrocosmo completo e perfeitamente equipado — um Poder de Deus na Terra, seduzido e apóstata, uma nódoa na glória crescente da manifestação de Deus: um corpo perfeito e enérgico na saúde quanto ao trabalho que empreende, que constitui a MATÉRIA PERFEITA, mas imperfeito porque se separou, com a espada do Intelecto, do Espírito de Deus que deveria ser o todo-controlador.

"Aí está a maior influência do materialismo grosseiro, libertada contra o Corpo espiritual de Deus na Sua Manifestação sobre a Terra. Siga-se a lei da influência solar. Ela tende fisicamente para ocidente. A força material, o puramente animal, tende a bater com força irresistível contra as suas fronteiras ocidentais. Mas o espírito acorrentado, envolvido nesse fluxo ocidental da Matéria, e cedendo parcialmente à sua influência, mesmo na sua situação apóstata volta-se para o Oriente, e, em reação, bate com asas invisíveis ansiando por se estender em direção à Ásia e ao Oriente.

"Neste ponto, {Alemanha} é uma casa dividida contra si mesma: e apenas neste ponto. Se combinasse de modo absoluto, nenhum equilíbrio ocidental a poderia controlar. Mas está (dividida no seu objetivo).

"E como no corpo do Homem, a falha local da Matéria pode ser controlada e, eventualmente, removida pela influência do espírito, a vontade produzindo a recuperação final: assim, com o tempo, a cisão entre espírito e corpo na constituição destas nações acabará por derrotar o seu fim material e corrigir-se-á a si própria.

"Mas, tal como a derrota da Matéria no Ocidente enfraquecerá finalmente a força material ou bruta destas nações, também as aspirações do Espírito na tendência oriental purificarão, como que através de uma fornalha, amalgamando-se e equilibrando, em si, toda a espiritualidade inculta e descontrolada das raças orientais; de onde, retornando vitorioso sobre o materialismo ocidental do seu corpo, para uma combinação ou recombinação última a partir do interior, a sua vontade enfraquecida e disciplinada. Assim, várias nações equilibrar-se-ão e reajustar-se-ão num agrupamento favorável ao aperfeiçoamento final de toda a raça humana em todo o mundo.

"Até agora indicámos a tendência dos acontecimentos no Reino Médio do mundo da Matéria grosseira; a fuga do espírito apóstata; a regeneração desse

espírito; o retorno, e o aperfeiçoamento final do Reino Médio, não para a expressão da Matéria apenas, mas para a elevação dessa combinação vigorosa, através da crucificação da adversidade, a um estado superior do Reino Médio do Espírito.

"Assim, olhando de longe, voltemos a nossa atenção para a posição das outras nações do mundo. Lembrai-vos de que o Fim último a alcançar, pela maravilhosa influência do Espírito, é a perfeição do Homem, primeiro para um Reino aperfeiçoado na Matéria, e depois para um Reino aperfeiçoado nessa esfera intermédia que é o Céu na Terra, para o qual Aquele que tende e vigia vos guarda da estagnação, do Espírito confuso e enredado em influências de Intelecto—mais—Matéria, influências que, embora não se expressem no plano da Natureza, e às vezes temporais, pois contribuía (ainda que geralmente de forma oculta e prejudicial) para a solução da Conquista da Matéria pelo Espírito, produziam, no entanto, uma condição de estagnação e equilíbrio que recusava modificar o equilíbrio das balanças em qualquer medida apreciável: uma condição que exigia tratamento semelhante ao que se dá ao corpo humano em situação semelhante. Aplicou-se aquilo a que chamais um irritante cáustico. Agora, quando a inflamação passou, o progresso pode ser retomado, e tal como a dor da faca ou da vesicante desperta o Espiritual através do meio da dor no Homem, assim a angústia de um mundo sofredor está a despertar o espírito adormecido para um maior esforço ascendente a fim de retomar o controlo da Matéria, e para um progresso rápido na razão direta do seu sofrimento material — que nada é na balança da intenção última.

"Temos mais a dizer, e continuaremos apesar do tumulto das questões confusas do plano material, procurando dar-vos alguma ideia do equilíbrio dos elementos espirituais e materiais pelos quais as nações em guerra são responsáveis.

"Basta saber que o crescimento do Espiritual é infinitamente superior ao sofrimento do Material que agora vos é tão evidente."

Roteiro nº 10, 3 de Junho de 1918

Obtido em Sydenham Hill, Bristol, 12:20h.

F.B.B. a ler em voz alta das "Memórias de Grimaldi", de Boz.

Este texto retoma o fio do argumento desenvolvido no anterior e prossegue descrevendo o estado espiritual das nações opostas à Alemanha na guerra.

"Prosseguindo o nosso último discurso, voltamos agora para o outro lado da questão. Aqui estamos envolvidos numa condição de acontecimentos muito mais complexa...

"... Assim, em primeiro lugar, embora à aparência exterior todo o tema pareça dividir-se em duas questões — Bem e Mal, Liberdade e Escravidão, Divino e

Diabólico — esta diferença é mais aparente à superfície do que real na sua essência.

"Para começar: ao considerar as condições psíquicas das várias nações mais antigas individualmente em vez de na sua complexidade de combinação, é óbvio para vós e para nós que a alma da Bélgica foi degradada pela sua vaidade, depravação moral, amor ao dinheiro, pelo seu tratamento das camadas inferiores da humanidade confiadas ao seu cuidado.

"Mas também a vida coletiva e individual dos seus habitantes deixava muito a desejar em matéria de decoro e retidão. Havia doença no corpo político que exigia tratamento. E embora a intervenção tenha sido drástica, esmagadora, e aparentemente desproporcionada à doença que pretendia combater, ainda assim a discrepância aparente deve-se em parte a circunstâncias que não dependem da presente intenção do controlo espiritual. Razões geográficas e outras causas físicas contribuem para explicar os resultados.

"Contudo, tão grande quanto a purgação, grande será a recompensa, e a purificação da alma desta nação iniciará o renascimento e desenvolvimento de um espírito cuja glória nunca foi igualada na história de flamengos ou valões.

Mas, como já indicámos, havia uma contaminação totalmente não reconhecida no reino, que precisava de ser erradicada antes que o génio espiritual, artístico, o verdadeiro grande génio da nação, pudesse manifestar-se livremente. Depois, seguindo uma sequência geográfica, é razoável agrupar França e Itália numa mesma nacionalidade comum.

Cada uma é produto de uma raça grandemente dotada, a latina; cada uma especialmente provida pelo espírito da Natureza — o espírito coletivo da Raça — com talentos extremos e uma correspondente mentalidade de raça, cada uma falhou no sentido em que o espírito de ambas, enquanto se desenvolvia ao longo de linhas artísticas que, na fusão do material com a expressão do espiritual, ainda assim eram inconscientes do significado interior do simbolismo que representavam.

Aperfeiçoaram o Símbolo esquecendo a grande Causa do Símbolo. E, por isto, não eram inteiramente responsáveis, pois cada nação tem sofrido durante tanto tempo a influência (e a reação dessa influência) de um tipo de Catolicismo que durante tanto tempo concentrou o seu motivo espiritual na perfeição e glória do seu simbolismo. O espírito estava lá, mas ofuscado pela magnificência e pelo materialismo espetacular das suas formas e símbolos.

Aqui, fazemos um parêntesis para chamar a vossa atenção para a corrupção da razão, do julgamento e da intuição, em nome do poder temporal, e para os fins mais obscuros que conduzem ao poder temporal.

Em Inglaterra, por outro lado, o espiritual era expressamente manifestado no símbolo, e com uma verdadeira apreciação do Original. O coração era são, o

cérebro era são, mas o corpo deixava-se entregar aos seus próprios desejos e à aquisição desse lucro que devia satisfazer esses mesmos desejos, assim, consciente e voluntariamente, sacrificando e prostituindo a sua retidão consciente às exigências da Matéria, e isto através de uma expressão prática e natural do seu génio nacional.

A apostasia não era de espírito, embora os resultados no plano material fossem igualmente potentes para o mal, em virtude da grande autoridade dessa nação no plano material. A quem muito foi dado no espiritual, no intuitivo, muito é esperado; mas daqueles que são mais especialmente materiais no equilíbrio da Natureza, menos se exige no espiritual, embora mais se espere no plano material.

E o seguinte: esse grupo complexo do outro lado do Atlântico. Nessa nação, o Espírito de Grupo é apenas uma combinação complexa de muitas ordens de Espírito e Matéria dos grupos-espírito de todo o mundo. Ainda assim; e é em favor deste Continente da Humanidade que, não tendo sido conduzido por um consentimento unânime através do seu Espírito de Raça — esse meio tão potente na nação a que agora se opõe —, conseguiu, nas suas unidades separadas, depois de longa demora, contradição e desencontro, responder de coração ao apelo dessa Lei da Natureza que está acima de todos os agrupamentos tribais; e como uma corporação inteligente veio à frente, como um grande país que se colocou ao lado do Direito intrínseco. Assim sendo, não há volta atrás; mas, comprometidos com a força da sua própria intuição individual no apoio a essa Grande Lei, que é Deus, por ser a reprodução direta de Deus no seu corpo de matéria, nunca falharão nem mudarão até que o cancro seja removido.

Jovem, incipiente, incapaz de expressar o Espírito neste plano de Matéria devido à falta de experiência do seu corpo político para tal, ainda assim fala com voz clara, e prevalecerá.

A outra, a terra solitária que deveria guardar o Oriente, caiu, porque as suas intuições não desenvolvidas caíram facilmente sob o controlo intelectual da força desenvolvida interna e externamente.

Em espírito, também ela esqueceu o Grande Original no esplendor e na complexidade do seu simbolismo. E a sua intuição, privada do lastro da experiência e do juízo material, tal como todo o poder não controlado, rompeu-se na direcção de menor resistência, seguindo vagamente, no seu sentido não desenvolvido de bondade, os instintos da Lei da Natureza, ou seja, do Amor e da Humanidade; mas, como uma multidão incapaz de se exprimir, perverteu uma intenção reta para o egoísmo do libertinismo, confundindo licença com liberdade, e o brilho berrante da manifestação grosseiramente material com o alto ideal.

Aqui, como podeis observar, a humanidade de todo o mundo encontra-se entre a mó de cima e a mó de baixo. Focada em destruir a tirania, corre o risco de ser moída até ao pó pela inferior. Pois a Humanidade sente o seu ideal espiritual numa verdadeira irmandade do Homem, ligada da cabeça aos pés por uma malha múltipla e multicolor de amor, humano e divino.

Esta é a verdadeira Democracia, assente e fundada na fraternidade e no amor de Deus e do Homem; Amor que penetra todos os poros não só da Humanidade mas de toda a Criação — o Corpo manifesto de Deus: não na igualdade dos componentes individuais, mas na igualdade dos Filhos de Deus — células no Seu Corpo Divino, mas desiguais, se assim entenderem desigualdade, quanto ao seu propósito.

Este é o verdadeiro governo, e aproxima-se inevitavelmente com movimento acelerado — não a chamada Democracia, que é a soberania invertida, os Pés de Barro no poder e a controlar aquilo que está excessivamente especializado, mas essa Humanidade que é a intenção original do Cristianismo, ligada em amor e simpatia eternos mas ainda assim um Governo de todos em Amor, pelos elementos e intelectos superiores e especializados dos menos materiais entre as massas: iguais na intuição como Filhos de Deus, mas desiguais na mestria material e nessa compreensão e expressão intelectual que permite a verdadeira e constante diferenciação em aristocracias e intelectuais. Estes mostram uma diferença... Grande é o poder do puro intelecto com o poder da simpatia perfeita.

O verdadeiro aristocrata, o líder intuitivo, a grande alma ou paixão, precisa de Intelecto, precisa de Mente, mas governa pela virtude dessa Simpatia intuitiva e divina. Assim, cada célula especializada no Corpo Divino da Humanidade deve contribuir para o todo perfeito; não seguindo essa lei comum dos instintos mais baixos de ciúme, inveja e cupidez, chamada indevidamente Democracia, mas antes nesse sistema superior de que a Realeza e o seu sistema de governo são quase o símbolo perfeito, mas que, na sua perfeição espiritual, nunca se manifestou na Terra devido ao egoísmo ou loucura da natureza humana imperfeita enredada na materialidade.

Há Livre-arbítrio na Natureza, como no Homem individualmente, e também na grande lei da Natureza que é a expressão completa não só de Deus na Natureza, mas de Deus na Humanidade. A guerra, por mais terrível que seja na sua face presente, pelo despertar do amor fraterno e pela estimulação do Espírito, salvou todo o mundo humano de algo infinitamente mais terrível — a influência da Matéria na materialização das massas, levando à destruição de tudo o que é espiritual.

Isso teria sido a apostasia não de um espírito-racial sob o controlo do Intelecto, que começou como possuidor de Espírito (com o qual está mais intimamente associado), mas a rendição ao controlo insano da Besta no Homem, impelido

por impulso exigente e não espiritual para a destruição de tudo o que é verdadeiro, belo e espiritual neste mundo inferior.

Cuidado! vós, delirantes. Cuidado! vós, fanáticos, vós, sonhadores pervertidos e desequilibrados de grandes coisas que, delirando no país, estão a liderar e a dirigir a Besta, a verdadeira Besta do Apocalipse.

Não só envolveis a vós próprios, mas todo o mundo dos vossos ideais numa ruína comum, e por livre-arbítrio mal orientado e completamente pervertido, atrasais o relógio por gerações. Agora é o tempo designado, pois agora o Ego e as suas fraquezas são o pêndulo a balançar para a noite mais escura da barbárie.

Segui o Espírito! Cedei à influência do Divino, que desejaria controlar-vos — e o mundo avança com o maior passo que alguma vez deu, até aos limites do Reino, do Milénio.

Trevas e Luz! O Eu e Deus;

Apelai ao mais baixo e ao mais elevado. Qual, no alívio da ameaça iminente, escolhereis vós?"

Escrito n.º 11

Incluindo partes dos textos de 10 e 12 de Julho

O texto de 10 de Julho ficou inacabado e, na sessão seguinte, dois dias depois, o fio da narrativa foi retomado. Uma parte destes textos está reservada para publicação futura, pois não é propriamente relevante para o tema do presente volume. Ambos os textos são muito difíceis de decifrar e nenhum foi transcrito até Dezembro de 1918. As partes aqui apresentadas podem ser tomadas em conjunto com o texto fragmentário de 13 de Março.

Do texto de 10 de Julho:

"Gostaríamos de salientar que a simplicidade e a ausência de complexidade nas personalidades dos membros de um clã, bem como a identidade da sua ancestralidade, favorecem uma maior resposta intuitiva às vibrações de cada um. A questão da vibração simpática é a chave para toda a comunicação e expressão da Personalidade, tanto entre Deus e o Homem, como entre os próprios homens, pois a Simpatia responde e a Antipatia é uma dissonância que leva ao caos na Vida e na Natureza.

"É curioso notar que esta influência vibracional, no que toca às vibrações materiais e não espirituais, se intensifica na massa e no volume da Matéria não viva que constitui uma região ou país — o que significa que o Espírito-Racial, como o chamam, reside mais nessa Matéria inanimada do que nos corpos das pessoas vivas. Isto explica o desejo de regresso a casa que possui todas as

raças mais antigas. E embora a constituição de fronteiras seja normalmente vista como um mero arranjo artificial, não é assim: trata-se antes de uma obediência inconsciente dos vivos aos ditames do Espírito-Racial que reside perpetuamente nas terras que as raças habitam há muito tempo.

"Assim, quando as fronteiras são infringidas, o Espírito-Racial revolta-se: habitando o seu ambiente, mas chamado a agir num meio vivo que lhe é estranho. Portanto, uma de duas coisas deve acontecer: ou as fronteiras são retificadas, ou a raça invasora tem de ser transformada à imagem e semelhança da raça que transplantou. Isto nem sempre será aparente, pois ao longo das gerações acontece muitas vezes que as raças que outrora possuíram a terra regressam como conquistadores à terra dos seus pais; e isto sucedeu mais vezes do que os vivos tendem a perceber.

"Mas na guerra que agora se trava, raças absolutamente e essencialmente contrastantes encontram-se em território estranho, e até que isto seja ajustado, não poderá haver paz alguma. O espírito do latino jamais aceitará o teutão, embora este possa alcançar fortuna entre eslavos e flamengos, ainda que, nestes últimos, com dificuldade e ressentimento. Mas a tempestade passa e a força moral da expansão teutónica já se esgotou por completo e o significado mais amplo da sua ofensiva já ficou para trás.

"Podem avançar e podem atacar novos territórios, mas o espírito está morto e os poderes da Terra sobre os quais pretendiam exercer domínio agora opõem-se e derrotam-nos. A sua residência nas terras conquistadas está já a alterar e a converter o invasor numa semelhança dos nativos que ele próprio matou.

"Como dissemos, o Fim aproxima-se, e quatro anos, e o período de resistência da Matéria, trarão o fim. A Rússia desperta. A sua alma chama por ela..." (Aqui o texto foi interrompido).

Eu interpreto isto como significando quatro anos mais o período de resistência da Matéria; relacionando esta passagem com a ideia, encontrada noutro lugar, do movimento contínuo das águas depois de a tempestade ter passado. —
F.B.B.

Texto de 12 de Julho

Apenas algumas palavras do texto anterior tinham sido decifradas quando esta sessão começou. F.B.B. tinha percebido que havia ligação com a guerra e, tendo sido necessário interromper, iniciou a presente sessão com a pergunta: — "Estavam a dizer-nos algo sobre a Guerra e as relações das diferentes raças envolvidas, mas fomos obrigados a interromper. Poderão dizer mais sobre este tema? Mantêm a data prevista para o fim? Quando devemos esperar a grande derrocada da Alemanha no Ocidente?"

"Compreenderão, então, que as limitações das fronteiras, ou melhor, os resultados do agrupamento, têm as suas diversas condições, estando o

Espírito-Racial, regra geral, confinado a certas áreas que anteriormente designámos como Nós ou esferas de Influência no campo magnético geral da Terra.

"Para perceber isto, é necessário primeiro compreender a ligação estreita entre a Vida e a Eletricidade; a Eletricidade sendo, de facto, o veículo da Vida, o elo de ligação, o fluxo de, e desde, o Espírito à Matéria.

"Esta influência, sendo totalmente espiritual, pode ser evocada pelos poderes do Homem encarnado, e pode ser concentrada por reacções da Matéria... mas estas condições só gerarão Vida, e não a Entidade, que exige a Involução do Espírito em vez da sua influência de fora para dentro. No entanto, como a energia prototípica do Espírito está envolvida nos nós, a sua influência manifesta-se mesmo sem esforço ou expressão individual.

"Contudo, uma vez na história do mundo, uma tribo ou clã, pelo exercício do consentimento comum — ou melhor, como uma primeira manifestação do Livre-Arbítrio num grupo de entidades agindo por consentimento comum em resultado da relação de sangue e, em grau ainda maior, pela interação e intuição de pensadores avançados (começando num ramo especializado de intuição religiosa), separou-se da comunidade da Humanidade e permaneceu à parte da Raça Humana.

"Isto foi um prelúdio à vinda definitiva da consciência e do livre-arbítrio no indivíduo, pois com o seu advento — a perspectiva da Individualidade — surge... a receção de uma responsabilidade pessoal antes desconhecida, salvo no Veículo aceite para tal responsabilidade, dotado de Livre-Arbítrio em toda a Terra: e assim se manifestou o Nascimento do Cristo no indivíduo.

"Com as Tribos do número original dispersas pela Terra, cada uma responsável de acordo com o seu ambiente, duvidareis vós que a Visão dos Pastores nas planícies iluminadas pela lua da Judeia tenha sido, de facto, uma verdadeira percepção da abertura de uma nova era na história do mundo?

Não tendes, portanto, razão para duvidar da autenticidade e veracidade histórica da narrativa das Escrituras: pois mesmo na escrita não inspirada do grupo hebraico, a História foi detalhada em obediência ao intuito espiritual expresso aos seus líderes escolhidos, essencialmente e com perfeita verdade, ainda que com um ajuste imperfeito (ou pelo menos aparente) à Cronologia e ao Facto — assim, de facto, o Advento de uma Nova Revelação foi verdadeiramente e exatamente expresso tanto em termos de Tempo, Facto e Localidade, ainda que ao intelecto material não se encontre vestígio seguro disso na história hebraica.

"Daí percebeis que a parábola espiritual, sem expressão de tempo ou material, não pode corresponder aos factos escritos e aceites de Tempo e Lugar. Aqueles que, pela intuição do seu espírito, encontraram os factos remotos e

materialmente apresentados das mudanças espirituais, esforçaram-se por expressar, na linguagem da sua nação, as impressões que, pela sua intuição, sentiam ser factos espirituais.

Eles tinham razão: e, no período antes e depois da data suposta do Anno Domini, a Alma Individual Embrionária recebeu a liberdade de escolha independentemente da Paternidade da Raça: e, assim como o Cristo apareceu na Terra, ali, no Lar da nossa Raça, no centro do mundo conhecido, tão tardiamente como a era aceite na tradição da Igreja, nasceu o Cristo; não esporadicamente, mas como Primogénito, Primeiro-fruto, que, emanando como a primeira intuição do Homem na sua forma mais pequena — o Núcleo de um único indivíduo — passou primeiro pelo meio dos ramos principais da Raça Mãe, por toda a extensão e largura da Terra conhecida.

As nações que se encontravam fora da influência destes agrupamentos assimilaram apenas parcialmente este fenómeno; e ainda hoje lhes faltam as influências mais suaves sobre as quais assenta a moralidade. Mas, espalhando-se por todo o mundo e absorvendo fisicamente o temperamento e espírito das verdadeiras raças asiáticas, podem esperar crescer em verdadeira graça; e para tal é necessário que muito tempo decorra.

São os Filisteus, os Adoradores do Sol, duros, ferozes e brilhantes — e mundanos e pouco espirituais em comparação com a natureza mais espiritual dos místicos adoradores da Lua.

Que pensais do Nascimento do Espírito, e do seu crescimento no Homem? Já vos dissemos que apenas as emoções e intuições são transmitidas à criança pelos pais. Com essa herança, possibilitando a receção do conhecimento parental, durante muitas eras não houve aumento do Espírito. O Homem era governado pelo Instinto transmitido de geração em geração através do Espírito da Raça, que, sendo em parte resultado de interações materiais, era ainda assim afetado pelo Espírito do Criador e tornava-se, em grande medida, recetivo às Suas impressões.

Assim, no Espírito da Raça, as intuições cresceram e desenvolveram-se até que, naquela Raça Escolhida, as emoções do Homem se tornaram plenamente encarnadas, e todas não espirituais, ainda que controladas e refreadas pelos seus Guias.

Mas ainda não habitava o Espírito Embrionário de Deus, o Filho Embrionário do Pai, as moradas que, ao longo de incontáveis eras, estavam em preparação para a Sua majestade e perfeição. Assim, quando a Casa foi feita à semelhança e como Microcosmo de Deus, e mobilada pelos Seus Santos e em obediência às Suas instruções, com as Intuições que são Seus atributos; e, após o esquadrinhamento e aperfeiçoamento de todo o conjunto, ali colocou um Filho Seu em germe, uma Personalidade do Seu próprio Esplendor dentro desse recetáculo — e ali o deixou, um Menino envolto em panos, e para seus

Ministros as Intuições e Emoções, como servos de Sua Majestade. E, assim equipado, reinou.

Ali, nessa Casa, teve a oportunidade de crescer e desenvolver-se até à Divindade, mas sem poder abrir a porta da mansão e sair, a não ser que aqueles que lhe ministravam estivessem dispostos a obedecer.

O Livre-arbítrio estava com os servos e com os poderes preventivos que a materialidade grosseira frequentemente rejeita. Pela influência dos servos, as Emoções, até as próprias paredes da Casa podem servir ao Mestre Real, pedra chamando pedra e viga chamando viga, até que, em perfeita harmonia, o Edifício se torne parte integrante do Divino Habitante — seja dourado e glorificado, e transcenda a si próprio até um grau de glória espiritual; e, assim transformado, deixe de ser Matéria, tornando-se Espírito expresso em Matéria.

Isto procuramos explicar, ainda que imperfeitamente: e foi aqui, na Galileia, que a primeira pedra foi colocada. Com a Vinda do Cristo surge a responsabilidade pelo Seu crescimento, e o poder para obter essa resposta verdadeiramente; mas, mais uma vez, as Vontades — os Ministros — têm de se colocar voluntariamente em sintonia vibracional com o crescimento Infante. Não é fácil explicar; só podemos apelar às vossas intuições. Mas queremos dizer de novo: a Verdade espiritual dos Evangelhos é absoluta e em perfeita harmonia com o Espírito; mas o intelecto material pode esforçar-se em vão para encontrar as provas substanciais da sua manifestação na Matéria.

Através da destruição da Matéria, o Espírito é muitas vezes revigorado e evolui; e a espiritualidade do Oriente — perdida nesta convulsão da antítese da verdadeira Emoção —, com o tempo, resultará na sua ressurreição sobre uma nova base de Razão. Mas não até que a causa da sua deserção seja removida.

Agora não há outro caminho para esta recuperação senão através da destruição daqueles que estão em hostilidade à Ordem universal. Felizmente são poucos — embora poderosos devido à ignorância e à natureza vacilante das forças que controlam. Pela mesma razão, a recuperação será rápida e segura. Mas a influência tem de vir de fora, pois a contra-influência atua de fora. Deve ser prestada ajuda. O sacrifício necessário deve ser feito; e a recompensa será, em verdade, grandiosa.

A responsabilidade também é grande: e se, por um sentido de 'laissez-faire', ou relutância em arriscar o esforço adicional que tal ação implicaria, as nações da Terra se abstiverem de intervir — o inimigo, o representante da Força, o Exemplo da Guerra, voltaria tudo a seu favor.

Assim, o caos e a confusão desta grande nação podem ser convertidos numa poderosa força de Bem espiritual, ou então podem ser seduzidos e degradados para serem o Malho nas Mãos de Thor para a destruição de todas as coisas."

Sobre a Segregação da Raça Eleita

Já foi feita alusão a um texto recebido a 13 de Março de 1918. Este texto parece merecer alguma consideração adicional, e é o que agora se faz. Ficou para este ponto, não só pela natureza especial do assunto contido, mas também porque deve ser tomado em conjunto com outro escrito recebido a 12 de Julho e só há pouco decifrado devido à sua caligrafia apertada e difícil. Nota-se uma variação perceptível na caligrafia de alguns dos textos, tendo-se observado nos escritos de Glastonbury que a caligrafia por vezes mudava consoante o tema.

No entanto, pode ser apenas coincidência que os dois textos de 1918 que tratam mais explicitamente do tema da Raça Eleita destinada a reinar e governar na Nova Era sejam ambos de carácter exceccionalmente difícil de decifrar. O autor empenhou-se muito para cumprir esta tarefa, mas mesmo assim, não com total êxito. Contudo, a paciência e a perseverança foram em parte recompensadas e o sentido geral tornou-se claro.

Texto de 13 de Março

O Israel Espiritual deve agora ser reunido e concentrado para o avanço do grande plano do Criador, visando elevar a Humanidade a uma condição mais espiritual, trazendo o Reino de Deus à Terra. A Nova Raça está, por ascendência, ligada ao Israel antigo, já que as Tribos do número original se espalharam pela Terra e se misturaram com as nações exteriores. Mesmo nações de sangue absolutamente estranho contêm assim aqueles que podem ser qualificados como herdeiros da Promessa. As nações que traçam a sua ascendência às tribos dispersas do Israel de outrora encontram-se agora tanto no Oriente como no Ocidente.

Estas nações, portanto, tiveram a sua parte na evangelização dos povos do mundo. Mas algumas ainda permanecem não regeneradas e não reconhecem a sua origem nem a sua missão. O nosso sangue é da Raça Eleita, mas há muitos outros, incluindo nações do outro lado do mar. Algumas não desempenharam o seu papel no conflito recente e essas terão de passar por um processo de purgação.

Texto de 12 de Julho

Paráfrase do Texto

Com Adições Explicativas

Num texto de 1 de Junho afirma-se que há certas forças de natureza invisível que afetam a Matéria e que são, por assim dizer, o envoltório da Vontade e Intenção Divinas que controlam a Natureza. Entre estas, é importante o efeito do magnetismo do Sol ao induzir um fluxo para o ocidente de todos os seres

animados. A passagem do Sol sobre a Terra é comparada ao enrolamento de uma vasta bobina magnética.

Os átomos superficiais do nosso globo são polarizados num fluxo para oeste, e certos pontos na superfície do globo desenvolvem-se. Estes "atuam como nós ou centros de força e podem influenciar tanto material como espiritualmente os povos que os habitam." Recuando até um texto datado de 26 de Abril, surge uma descrição semelhante: "Este mundo está coordenado por Linhas e Gânglios de força espiritual — correntes oceânicas no mundo do Espírito — movendo-se sempre sob influência espiritual através do éter impalpável e sugando nos seus vórtices os grãos móveis ou motes ou átomos, cada um representando essa complexidade, o Homem.

O Homem, na sua natureza complexa, é movido por muitas influências de natureza material e geralmente só tem consciência delas nos seus impulsos de viajar e de êxodo tribal. Não percebe que, por detrás dessas forças motrizes materiais, estão formas e esquemas de desenvolvimento espiritual, instrumentos de um impulso maior para além do seu entendimento."

Ainda antes, num texto de 21 de Abril, é-nos dito que, no caso de localidades como Atenas, Roma, Jerusalém (e Glastonbury também é mencionada), não é apenas o génio de um povo que confere o poder e influência associados a esses nomes e locais. Mais importante ainda, as condições geográficas e naturais estavam em harmonia com essas condições especiais de génio "que cada raça personificava no Homem".

Cada unidade de uma raça é um Microcosmo do todo. Daí a importância de agrupar uma nação em unidades, classes e massas; pois as características dos indivíduos são "ampliadas, reproduzidas e tornadas um milhão de vezes mais poderosas pela associação". O leitor pode, neste ponto, consultar o texto de 10 de Julho, no qual é feita a estranha afirmação de que o Espírito-Racial reside mais no solo do que nos indivíduos que habitam a região.

Noutro texto da mesma data, ainda apenas parcialmente transcrito e por isso não incluído nesta série, surge uma passagem que pode ser aqui citada, por dizer respeito à questão do livre-arbítrio individual versus o racial, e que é curiosa: — "Não há dúvida", afirma, "de que o Criador tem plena consciência da resistência da Matéria, e que, à medida que a Matéria intensifica a vibração, assim a consciência do Cristo avança. Assim Ele decide a questão do Livre-arbítrio do Homem, o que é difícil de exprimir.

A verdadeira explicação deste problema é frequentemente uma questão da vontade do Criador, que deseja individualidade independente mais na Raça do que na ênfase pessoal dos seus tiranos." Chama-se a atenção para esta última afirmação significativa. Não sei até que ponto isto se relaciona com as fases mais recentes do pensamento filosófico, pois não li obras modernas sobre o assunto.

Passemos agora ao texto de 12 de Julho, que gostaria de expor por outras palavras, sugerindo as minhas próprias impressões do seu significado. Devemos compreender que as fronteiras geográficas (quando não fixadas arbitrariamente) dependem de condições inerentes à situação racial, estando o Espírito-Racial, como regra, confinado àquelas áreas especiais no campo magnético da Terra com as quais a raça respetiva, à qual esse Espírito está associado, se envolveu durante muito tempo.

A corrente vital magnética induzida pela ação solar alimenta a Vida da Raça com a sua própria energia, especializando-se em cada local que é a Metrópole da vida racial. A corrente magnética ou elétrica é o veículo dessa energia nutritiva que tem uma fonte espiritual e é criadora de vida em sentido geral. Mas este é apenas um dos dois modos de Involução espiritual, sendo o modo mais externo. Não pode criar o Ser, no sentido de Alma, ou Entidade individual. É a forma "prototípica" da descida espiritual à Matéria. Mas auxilia no processo de recolha, separação e foco da vida de uma raça em redor de um ou outro destes centros ou nós.

Certa vez na história do mundo, um povo inteiro, agrupado em torno de tal centro, desenvolveu uma individualidade racial, uma vontade racial e algo como uma consciência comum associada ao reconhecimento de Deus como Pai num sentido espiritual de Raça. O sentimento de clã, de relação sanguínea, ajudou a separar este povo do resto do mundo, processo este assistido pelos ensinamentos de certos pensadores avançados entre eles, que funcionaram como pais adotivos da nova consciência destinada a nascer em cada membro do clã.

Esta nova consciência trouxe finalmente a realização da responsabilidade moral e da liberdade de auto-determinação a cada um. O seu pleno cumprimento no indivíduo é descrito como o Nascimento do Cristo em cada um. A responsabilidade da nova consciência pessoal varia segundo o ambiente do indivíduo.

Se esta Raça nunca tivesse sido dispersa, não teria conseguido desenvolver todas as variedades de realização espiritual, nem poderia ter impregnado toda a humanidade exterior com o germe do novo princípio agora nascido nela. Mas era esse o seu destino, e assim, segundo o plano do Criador, foram dispersos pelo globo, para levedar as massas dos homens e espalhar as sementes da consciência do Cristo por toda a terra.

Tal é o propósito espiritual subjacente à segregação de Israel, e a Bíblia apresenta-nos o registo em facto e parábola harmonizada com o facto e de acordo com ele. Assim, a nova Consciência Espiritual no Homem, começando como um minúsculo germe, como um grão de mostarda, no seu coração ou verdadeira natureza emocional, acaba por nascer como uma consciência infantil, simbolizada como o Menino na Manjedoura. "Duvideis vós", diz o texto,

"que a Visão dos Pastores foi realmente uma verdadeira percepção da abertura de uma nova era na História do Mundo?"

O texto indica claramente que o Israel antigo foi instruído por Mestres e Guias divinamente designados. Estes, podemos estar certos, pertenciam a uma ordem elevada da humanidade avançada; indivíduos em quem a consciência espiritual estava plenamente desenvolvida. Tinham liberdade de escolha e podiam obedecer ou desobedecer.

Por vezes, pode ter havido infidelidade à sua missão: mas sob a sua orientação, não há dúvida de que a Raça desenvolveu a Ideia e o Culto do Deus Único, o Pai da raça, e foi assim capaz de criar, de entre os Filhos dos Homens, um grupo capaz de receber a Filiação do Espírito.

Dois pontos surgem em ligação com esta breve análise das alusões destes textos à segregação e manifestação final de um Povo Eleito.

«Glória a Deus nas Alturas, e paz na Terra aos homens de boa vontade.»

1. Quanto à ideia da segregação de uma Raça e da diferenciação do seu carácter e intuições religiosas sob condições naturais especiais e sujeito à orientação de grandes Mestres, não poderemos nós encontrar nos factos familiares da associação humana muitas analogias para este fenómeno? Por exemplo: escolhe-se um local para uma escola pública e encontra-se um Diretor que, ao longo de alguns anos, consegue imprimir ao estabelecimento uma marca de individualidade, até de personalidade, que não é inteiramente sua, inculcando um forte sentido de esprit de corps que tende, depois do seu tempo, a aumentar em vez de diminuir.

Até mesmo os próprios edifícios, por assim dizer, ficam impregnados dessa influência e, insensivelmente, modificam o carácter das gerações seguintes de alunos.

2. Na busca de esclarecimento sobre o obscuro problema da localização atual das tribos dispersas de Israel, não será possível que, abandonando as vias tradicionais da etnologia — que neste caso são um caminho de investigação algo estéril — as nossas indagações possam ser mais proveitosas se forem orientadas para uma análise dos diversos ideais religiosos e sociais que prevalecem nas diferentes áreas raciais que receberam uma impressão distintiva e característica pela pregação do Cristianismo, e se for feita uma comparação entre estes e os caracteres proféticos das Doze Tribos, tal como apresentados no Génesis?

Para além das fronteiras do agrupamento racial semítico original, habitavam aqueles povos ferozes e guerreiros cuja natureza ainda não desenvolvida assimilava apenas parcialmente as "influências mais suaves" sobre as quais

assentava a nova evolução do homem espiritual. Filisteus, Hititas, Assírios, podemos pensar, entre muitos outros ainda mais distantes, estavam entre estes. Como distinguir os seus equivalentes ou representantes modernos?

O texto dá-nos uma pista, na natureza do simbolismo religioso que cada povo utilizava. Israel tem um sistema tipicamente lunar de símbolos em ligação com os seus ideais religiosos, expresso nos seus tempos e épocas sacerdotais, no mobiliário do Templo e de muitas outras formas. Em antítese, devemos procurar indícios de adoração solar e simbolismo solar entre os "povos exteriores".

São duros, brilhantes, ferozes e mundanos — pouco espirituais em comparação com a Raça Eleita. O seu Deus é Baal, ou os seus representantes posteriores. Os leitores podem, por si, seguir esta linha de investigação. Lembremo-nos do que se sabe acerca do culto primitivo dos povos originais da Europa e do Próximo Oriente, e, à luz desses vestígios, examinemos o carácter dos seus representantes modernos, tal como foi modificado pelo Cristianismo, juntamente com o tipo de culto e ideal cristão que desenvolveram.

Mas não podemos enganar-nos quanto à intenção do texto quando fala das nações que "até hoje carecem daquela influência mais suave" acima referida, pois o contexto dá a pista. Devem crescer em verdadeira graça "espalhando-se por todo o mundo e absorvendo fisicamente o temperamento e o espírito das verdadeiras raças asiáticas".

O uso da palavra "verdadeira" neste contexto, se lermos corretamente o texto, implica que os filisteus modernos não são realmente asiáticos, mas de origem europeia, suficientemente próximos, em termos de localização, para poderem ser assim considerados. A descrição aplicar-se-ia, assim, bastante bem ao otomano, búlgaro e eslavo báltico, e talvez possamos incluir nesta categoria o prussiano ou brandeburguês, as tribos wendish e letónicas originais, que durante tanto tempo e tão firmemente resistiram a todos os esforços de evangelização.

Escrito n.º 12, 21 de Agosto de 1918

Obtido em Sydenham Hill, Bristol, às 16h. A conversa anterior tinha sido inteiramente sobre assuntos arqueológicos e a Guerra não fora mencionada. J.A. segurava a caneta e F.B.B. lia em voz alta continuamente um artigo que escrevera sobre a Epístola aos Hebreus.

"Quando dissemos que o dia vinte e quatro de Agosto marcaria o fim da ofensiva inimiga, falámos com clara consciência da intenção espiritual; apenas a tendência da massa da Matéria para reter as impressões que lhe são

transmitidas pelo seu meio segue a lei universal da vibração contínua durante algum tempo após a cessação do impulso inicial. Tende isto em mente, e não vos enganeis quanto a este ponto: pode passar um ano inteiro antes que estes impulsos, absorvidos pela Matéria e transmitidos por ela ao vosso plano — para aí se expressarem — desapareçam no silêncio dos seus intervalos.

Mas aqui afirmamos e reafirmamos: a grande força do impulso já se esgotou e nunca mais será retomada.

Mencionámos o dia vinte e quatro porque, nesta data — ou melhor, num período imediatamente a seguir a ela — isto é, durante as sessenta e seis ou sessenta e oito horas imediatamente seguintes, vós, se perceberdes corretamente os sintomas que vos deverão ser evidentes, não podereis deixar de perceber aquilo que inevitavelmente há de suceder e pelo qual compreendereis, de modo indubitável, que a maré espiritual desta grande ofensiva virou finalmente e de modo irrevogável.

A maré, uma vez em refluxo, não voltará mais a subir, e mesmo que, no seu ímpeto intermitente, as ondas possam atingir o ponto mais alto, ou ultrapassá-lo por um momento, não serão mais do que impulsos momentâneos e passageiros de um inimigo desesperado: e a verdadeira maré, descendo irrevogavelmente, descera cada vez mais, até que, num dado período de tempo (cuja duração é indicação do impulso e da ponderosidade da Matéria em consonância com o livre-arbítrio do Homem), se acalme na grande paz sem onda, sem novo fluxo nem refluxo.

Deus nos livre que isso, por sua vez, ceda à estagnação e à inércia inútil! — que o esforço do Espírito volte a bater contra isso e a agitar tudo em nova fúria! Vigiai, dizemos de novo, vigiai! com o olho do Espírito, e vereis e compreendereis infalivelmente que nós, que falámos em resposta à vossa fé, não falamos sem conhecimento e autoridade.

Mais não podemos dizer, mais não devemos dizer, e na verdade, mais seria não só excessivo, mas impróprio e suscetível de contrariar os fins do Espírito. Pois, de facto, aqueles que são materialistas poderiam tirar daí um uso vil.

Colorido pelas vossas esperanças e matizado pela vossa individualidade — como os vidros coloridos colorem os raios puros de luz que por eles passam — mas liberto pela Razão dessa coloração, vereis em vós o puro e verdadeiro resíduo de verdade absoluta que existe naquilo que podeis perguntar e que vos podemos transmitir à vossa conceção material.

Nós, de facto, falamos como espírito para espírito, e apenas na medida em que o vosso espírito esteja sintonizado com um desejo desinteressado de conhecimento a ser aplicado a bons fins. E, mesmo assim, nós, penetrando em

vós, é levado por canais que, embora para nós sejam caminhos trilhados e conhecidos, são ainda desconhecidos ou pelo menos não apreciados pelos limites da vossa consciência humana.

Por estes caminhos, embora trilhados mas desconhecidos, só podemos transmitir-vos aquele germe do conhecimento subliminar do qual, em boa hora, surgirá a grande Árvore da Compreensão, trespassando o firmamento com os seus inúmeros ramos e absorvendo em cada poro essa consciência da Imanência espiritual que, com o tempo, culminará na EXISTÊNCIA EM DOIS ESFERAS — tal como a árvore sobre a qual penduramos a alegoria existe em virtude da sua veste verde e beijada pelo sol, em contraste com as suas raízes escuras e sinuosas escondidas sob o solo negro da Matéria.

Neste momento, não é necessário mais: mas, como estais duvidosos e ansiosos, dizemos isto... vigiai, confiai e acreditai! Daqui a poucos dias sabereis e compreendereis."

"Nós, que somos conhecidos de vós nos conselhos dos Vigilantes na Esfera Radiante da Memória Humana Libertada e do Espírito, assim escrevemos nas vibrações de resposta do vosso próprio Espírito despertado."

PÓS-ESCRITO

Para além das previsões tanto da guerra como do fim da guerra, com a sua extraordinária confirmação nos factos, estes escritos automáticos são suficientemente notáveis sob outros pontos de vista. A análise do carácter alemão e do seu posterior desenvolvimento sob a pressão de um materialismo abrangente é exata, mesmo não contendo nada particularmente novo. Este processo era claro para muitos antes da guerra; agora é óbvio para todos.

As afirmações feitas, de modo definido e constante, de que há muito nas raças teutónicas que não é apenas de valor essencial para o mundo, mas indispensável, e que a purificação da guerra libertará esse potencial do cativeiro que até agora o inibia, tornando-o operativo e até trazendo-o para aliança com os povos civilizados do Ocidente para a luta final contra um mal ainda maior do que a guerra, é uma ideia que, neste momento, dificilmente será bem recebida, mesmo tendo a razão sóbria de homens desapegados por detrás dela.

A previsão da perturbação social subsequente à guerra está agora a ser confirmada pelos acontecimentos, e seria de desejar (admitindo a credibilidade das testemunhas misteriosas) que a questão da solução desta nova ameaça não fosse deixada tão em aberto quanto ao momento exato. A insistência das entidades comunicantes no facto fundamental do livre-arbítrio, não só no homem mas em todo o processo da vida, e a definição do tempo apenas como "a proporção da resistência da Matéria à interpenetração do Espírito", deve ser

aceite seja qual for a perspectiva filosófica de cada um; e sendo assim, é claro que nenhuma aproximação de datas é neste momento possível, pois a questão está nas nossas mãos, e só isso importa.

Ao longo das comunicações encontram-se muitas referências a uma “Raça” com muitos ramos, que está destinada a ser o próximo grupo étnico a quem será entregue o desenvolvimento da próxima época de civilização. É lamentável que as próprias palavras e expressões que especificam esta raça sejam absolutamente ilegíveis, e por agora a questão terá de ficar sem resposta.

Em todo o caso, o testemunho vai contra tudo o que se assemelhe ao “Internacionalismo” e a favor de um nacionalismo definido e específico como necessidade primordial para o desenvolvimento tanto do carácter pessoal como social. A tendência atual de estender essa “democracia” que arruinou o governo e a sociedade moderna, postulando uma igualdade que não existe e negando qualquer elemento de seleção e escolha, também às raças, assim como aos indivíduos, colocando todos no mesmo plano de valor e potencial social, é um dos maiores perigos da época. É bom encontrar aqui algum bom-senso nesta linha, mesmo que sejamos obrigados, pela sua ausência noutros lados, a procurá-lo nos escritos automáticos de personalidades desconhecidas, e provavelmente incognoscíveis.

Não que sejam avessos à democracia, mas aparentemente traçam a mesma linha entre “democracia de ideal e democracia de método”, indicada em “The Nemesis of Mediocrity”, que estava a ser escrito precisamente quando estes textos de F.B.B. e J.A. estavam a ser recebidos, embora esse livro tenha sido publicado alguns meses antes de os escritos chegarem à América.

“Os Vigilantes” alertam tanto contra a separação social e intelectual que divide a humanidade em duas, com uma pequena classe de eleitos por um lado e uma vasta massa proletária por outro, como contra “essa chamada democracia que é soberania invertida”. “Não temais a Democracia”, dizem, “se for devidamente liderada e instruída”, que é exatamente o ponto: pois, salvo em breves períodos, nunca foi nem devidamente liderada nem instruída, nem tão-pouco deseja sê-lo.

Mal conduzida, “a ignorância total da multidão, não refreada por qualquer nobreza de instrução, ergueu-se como uma chama e varreu os grupos brilhantes”, sempre que, no passado, “o ciúme da posse do conhecimento levou os homens a mantê-lo em cultos secretos e em sociedades fechadas”, e assim é agora e assim será para sempre, a menos que o homem consiga a verdadeira Democracia.

Onde o falso é “essa lei comum dos instintos mais baixos de ciúme, inveja e cupidez”, o verdadeiro é “assente e fundado na fraternidade e no amor de Deus e do homem; amor que penetra todos os poros não só da humanidade, mas de

toda a Criação — o Corpo manifesto de Deus; não com igualdade entre os filhos de Deus — células do Seu Corpo Divino, mas desiguais quanto ao propósito.” Isto não é Bolchevismo (antes é a sua antítese), nem é democracia tal como hoje é entendida, mas é algo muito sensato e melhor expresso “nesse sistema superior de que a Realeza e o seu sistema de governo são quase o símbolo perfeito”.

As constantes afirmações de um reajustamento, até de uma revolução cataclísmica, pela qual o Ocidente está destinado a cair e o Oriente a “retomar o seu lugar”, como aparecem na profecia de guerra de 1911 e continuam até ao texto de Junho de 1918, devem ser entendidas, ao que parece, num sentido diferente do da supremacia política, racial ou social.

A doutrina que se enuncia é que, sendo o homem composto de matéria e espírito, existem duas forças motrizes no processo de redenção material: o intelecto e a intuição, sendo o primeiro do Ocidente e sujeito à degeneração em puro materialismo, e o segundo do Oriente e não sujeito a tal perigo, mas exposto ao isolamento e ao abandono sempre que se perde o primeiro equilíbrio. O Ocidente abandonou-se, pela prostituição do intelecto, ao materialismo, e só através da guerra poderiam ser quebrados os seus falsos padrões, purificados os seus motivos perversos e aberta a porta para o regresso dessa espiritualidade vitalizadora que pertence ao Oriente e é da alma do Oriente.

A restauração deste equilíbrio através da vinda renovada dessa espiritualidade oriental é claramente predita como resultado da guerra e como sua razão de ser, e é por este reajustamento que se tornará possível os “Grandes Dias do Cristo”, nos quais uma nova civilização nascerá — uma civilização a que se promete duração indefinida; pois esta é a última vez que a matéria triunfará, mesmo temporariamente, sobre o intelecto e o espírito.

O curioso paralelismo entre este diagnóstico e a teoria do Professor Ferrero dos padrões quantitativos e qualitativos, a análise de Lisle March Phillipps sobre os contributos respectivos do Oriente e do Ocidente para a síntese social em “Form and Colour”, e a exposição de Bergson sobre a diferença e as relações entre intelecto e intuição na sua “Evolução Criadora”, não escapará ao leitor.

Para mim, o ponto mais interessante é a correspondência entre os elementos filosóficos que se manifestam no “Roteiro da Guerra de 1918” e o sistema geral de filosofia que foi finalmente aperfeiçoado na Idade Média ao longo das três linhas de S. Tomás como representante do pensamento dominicano, Duns Escoto franciscano, e Hugo de S. Vítor agostiniano. Talvez seja mais prudente dizer que a sugestão é sobretudo das fontes de onde a filosofia medieval derivou — Plotino, Fílon, Orígenes, ou mesmo as escolas anteriores dos peripatéticos e dos pitagóricos.

A doutrina do “Martírio da Matéria” através do processo de redenção pela interpenetração do Espírito é particularmente marcante. Uma doutrina semelhante é património comum de todos os grandes sistemas filosóficos, independentemente da sua data e origem, e as descobertas seguras da ciência moderna parecem forçar um regresso a essa ideia primordial.

O postulado escolástico das rationes seminales, em oposição à doutrina anterior de que a matéria, em si mesma, era o nada, destituída de potencialidade inerente mas sujeita a transformação pela ação do Espírito que a penetra de fora para dentro, parece ter aberto caminho para a concepção do século XIX de uma evolução cega; posição hoje já insustentável.

Segundo Plotino, “a Matéria é meramente o espaço que condiciona toda a existência corporal; é pura possibilidade de ser, mero nada, e é identificada com o mal primitivo”, enquanto Filon disse o mesmo ao afirmar que o mundo visível não é tanto o resultado de emanção, mas da aplicação do poder Divino à matéria pré-existente num estado caótico. Matéria, neste sentido, é sem dúvida a *materia prima* de Duns Escoto, caos “sem forma e vazio”, sendo a primeira reação da ação do Espírito a forma sensível. A partir deste ponto, o processo de interpenetração espiritual é constante, embora provavelmente rítmico; e, no fim, a Matéria, que, como ensinou Alberto Magno, não é eterna, é transformada, redimida, transubstanciada, e deixa de ser Matéria para ser Espírito. A redenção é, por isso, não apenas o destino último do homem, mas de todo o universo, do qual a matéria é o modo.

Por mais surpreendentes e até sensacionalistas que sejam as Previsões de Guerra, inclino-me a pensar que, apesar das lacunas, das ocasionais aparentes incoerências, da tendência por vezes para algo semelhante ao sentimentalismo, o “Roteiro da Guerra de 1918” encontra o seu maior valor nas suas possibilidades filosóficas. Em todo o caso, é um bem-vindo antídoto às muitas filosofias pós-medievais, de Descartes, passando por Hobbes e Kant, até ao Positivismo e ao Pragmatismo.

O mundo nada ganhou quando abandonou a filosofia sacramental da Escolástica (herdeira, como era, de todas as filosofias passadas desde o Neoplatonismo até aos Pré-platónicos) para os sistemas intelectualistas-materialistas do modernismo. O mundo antes da guerra, e a própria guerra, e o presente caos do pós-guerra, foram o resultado inevitável. O futuro, se valer a pena, será construído sobre outras fundações.

NOTAS

Nota sobre o Roteiro de 1 de Junho

Houve uma abertura dos frascos de força espiritual de um novo tipo sobre todo o mundo civilizado. O resultado deste surto de energias espirituais, de natureza invulgar, foi, num primeiro momento, criar uma confusão sem paralelo.

O efeito vê-se em movimentos revolucionários, cuja essência não pode ser compreendida por uma mera análise exterior ou temporal.

A Alemanha é descrita como possuidora de uma Consciência Racial muito perfeitamente organizada, imensamente forte num sentido material devido à sua estrutura coesa, mas num estado de coma espiritual. E as suas forças espirituais foram absorvidas em atividades intelectuais de uma ordem corrupta, expressando-se numa vontade nacional de capturar e dominar os dois mundos da Mente e da Matéria, decretando a soberania da Kultur alemã e do Império alemão.

A verdadeira missão evolutiva da Alemanha é a manipulação e conquista de todas as forças da Matéria. Este é o seu dom, e o seu exercício legítimo é necessário para o cumprimento do grande Desígnio do desenvolvimento do Homem. Mas, de momento, essa intenção está pervertida devido à cisão da alma da Alemanha, que separou a sua parte espiritual do seu eu material, tendo-se a sua inteligência aliado exclusivamente a este último. O seu Espírito apóstata vagueia para leste em sonhos vagos, enquanto a sua parte corporal avança para oeste em frenéticos esforços de domínio material. Não fosse essa cisão, teria inevitavelmente alcançado as suas ambições.

Mas o seu fracasso, no sentido material, enfraquecerá tanto os elementos degradados da sua natureza que a sua melhor parte acabará por ter força para, de novo, afirmar o seu domínio sobre todo o corpo político, e isto será conseguido pelos seus sofrimentos espirituais no Oriente, onde irá amalgamar em si toda a "espiritualidade inculta e descontrolada das raças orientais".

Quanto à característica perversão das forças do Espírito pela Alemanha para fins materiais, quanto a nós, devemos estar atentos a um perigo ainda mais subtil, que, se permitido, paralisaria as energias espirituais e poria fim a qualquer progresso ou realização ulterior da parte do Homem, ao produzir uma condição estática de equilíbrio prematuro entre Espírito e Matéria, entre as forças do Bem e do Mal.

Esta tendência perigosa não se manifesta em ação material, mas atua, geralmente de forma encoberta, a favor de um compromisso entre forças conflitantes, compromisso este devido a uma conceção confusa de objetivos espirituais, derivada de um tipo de pensamento que, embora em essência espiritual, está enredado em todo o tipo de conceitos materiais mais ou menos intelectualizados.

A descrição aplica-se claramente àqueles espíritos suaves e vagamente benevolentes cuja ideia de triunfo espiritual começa e acaba na ideia de um

milénio terrestre de repouso, em que todas as espadas sejam prematuramente transformadas em relhas de arado e o leão se deite com o cordeiro.

Não conseguem perceber que o leão continua a ser leão e animal de presa, e que mesmo ao deitar-se junto ao cordeiro, as suas mandíbulas estariam a pingar de expectativa. Nem compreendem que, quando está em causa o princípio espiritual, não há, nem pode haver, compromisso; e nunca entenderão que, enquanto a vontade material do Homem permanecer, em algum grau, não convertida, a guerra espiritual terá de ser perpetuamente continuada até que o equilíbrio seja definitivamente alcançado.

Muitas vezes, contentar-se-iam com um estado de equilíbrio, com um tratado formal planeado para assegurar o esquecimento de todas as discórdias, e o apagamento de todas as memórias de injustiça. Neste grupo incluem-se aqueles que, ativamente ou passivamente, e por qualquer motivo, seja humanitário ou pessoal, idealista ou rebaixado, simpático ou cobarde ou até simplesmente preguiçoso, buscam uma paz prematura. São, ainda que involuntariamente, os que abrem a porta à reação e ao regresso de forças materiais frustradas, ameaçando assim a ruína e o desastre de toda a raça humana.

Para contrariar este erro espiritual e evitar a estagnação, o texto diz-nos que um irritante cáustico é aplicado ao corpo das nações Aliadas. Podemos observar este processo, se quisermos, no recrudescimento de crueldades insensatas por parte do inimigo, muito depois de qualquer objetivo militar concebível poder ser alcançado, mesmo do seu ponto de vista.

Violação, incêndio, assassinato e escravização; a tortura e fome de prisioneiros, e outras atrocidades demasiadas para mencionar, inflamaram finalmente a ferida que se tornara insensível, e até as mentes mais pacíficas foram agitadas e galvanizadas para uma oposição ativa.

Como exemplo típico desta mudança extraordinária, pode citar-se um único caso. Foi noticiado no início de Dezembro que um grupo de “objetoires de consciência”, integrados num batalhão de trabalho em França, ficaram tão horrorizados com as crueldades e destruições que presenciaram que pediram para serem incorporados na linha de combate e se tornaram dos mais ardentes combatentes.

Nota sobre o Texto de 13 de Março

Pode demorar muito até que os acontecimentos sejam vistos em verdadeira perspetiva e o verdadeiro ponto de viragem do grande conflito possa ser claramente identificado; mas agora temos, pelas palavras do Conde Hertling, poucos dias antes da sua morte, que as autoridades militares alemãs tinham

percebido, a 18 de Julho de 1918, que todas as esperanças de vitória na guerra estavam perdidas.

No entanto, persistiram teimosamente e, na secção norte, o ponto de maior perigo, a sua linha manteve-se bem até ao período da grande ofensiva britânica. O ponto culminante deste forte movimento ofensivo foi atingido a 26 de Agosto, quando as forças britânicas penetraram as linhas alemãs num largo sector de Arras a Albert. O seguinte excerto do Daily Mail de 26 de Agosto, baseado no relato do Sr. Beach Thomas, é significativo:

“As tropas britânicas obtiveram ontem e no sábado a maior vitória britânica da guerra, empurrando os alemães numa larga frente entre Arras e o Somme, avançando rapidamente até às imediações de Bapaume, o principal centro rodoviário e ferroviário alemão na frente do Somme...”

E novamente, do próprio Relatório, citamos:

“Seja o que for que aconteça, o feito presente é o seu próprio registo. A confiança e esperança alemãs estão destroçadas como nunca antes, nem de longe.”

Do relatório do Sr. H. Perry Robinson, publicado no Daily News de 26 de Agosto:

“Estes são grandes dias. Certamente hão de figurar grandemente na História, mas são certamente grandes para se viver neles. ...

O avanço das nossas forças é tão rápido que ninguém pode dizer, a cada momento, onde estará a nossa linha avançada, pois a cada meia hora chegam notícias de que esta ou aquela aldeia está nas nossas mãos. ... Os oficiais alemães capturados não tentam minimizar a gravidade da catástrofe. ... Praticamente todos parecem considerar que a vitória final da Alemanha está agora fora de questão, embora, se os Aliados quiserem esmagá-la totalmente, ela ainda possa continuar a lutar pelo menos por mais um ou dois anos.”

Um despacho da Reuters publicado nos jornais americanos de 26 de Agosto é citado na página xvii.

As notícias dos jornais do dia seguinte ao 26 são geralmente contidas no tom, mas o avanço das forças britânicas e aliadas continuou daí em diante, e a maré do avanço alemão foi estancada, deixando de fluir para o Ocidente.